



2

Dimensão da Acolhida e da Missão



DIOCESE DE SANTO ANDRÉ

ACOLHIDA E MISSÃO



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	9

PARTE 1 - DIMENSÃO DA ACOLHIDA

CAPÍTULO I - A IGREJA E O ACOLHIMENTO	17
1. ACOLHER, UMA DIMENSÃO BÍBLICA	19
1.1 ACOLHER OS SERES HUMANOS.....	19
1.2 ACOLHIDA E CUIDADO COM A CASA COMUM	20
2. ACOLHIDA E OS PONTIFICADOS DA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA	22
3. PAPA FRANCISCO: UMA IGREJA ACOLHEDORA E EM SAÍDA	24
3.1 IGREJA ACOLHEDORA.....	25
3.2 IGREJA EM SAÍDA.....	26
4. CULTURA DO ENCONTRO	27
5. ESPIRITUALIDADE E CULTURA DO ACOLHIMENTO	28
CAPÍTULO II - NOSSA DIOCESE E A DIMENSÃO DO ACOLHIMENTO.....	31
1. NOSSA DIOCESE: REGIÕES, PARÓQUIAS E COMUNIDADES	33
1.1 SURGIMENTO DA DIOCESE	33
1.2 BISPOS DIOCESANOS – TESTEMUNHOS DE ACOLHIDA	33
2. HISTÓRIA DO SERVIÇO DA ACOLHIDA	35
3. PASTORAL DA ACOLHIDA NO CAMINHO SINODAL DIOCESANO.....	36
CAPÍTULO III - ACOLHER A TODOS OS ROSTOS DE DEUS	39
1. ACOLHER A TODOS.....	41
1.1 COMPREENDER A DEPRESSÃO PARA ACOLHER SEM PRECONCEITO	41
1.2 COMPREENDER O SUICÍDIO PARA ACOLHER SEM PRECONCEITO	42
1.3 ACOLHER AS LIDERANÇAS PASTORAIS.....	44
1.4 ACOLHER O CLERO	45
1.5 ACOLHER AS CRIANÇAS EM TEMPO DE CATEQUESE.....	47
1.6 ACOLHER OS ADULTOS EM TEMPO DE CATEQUESE	48
1.7 ACOLHER OS JOVENS.....	49
1.8 ACOLHER AS FAMÍLIAS.....	51
1.9 ACOLHER OS ENLUTADOS	54
1.9.1 O QUE É O LUTO	55

1.10 ACOLHER OS ENFERMOS	56
1.11 ACOLHER OS IDOSOS	57
1.12 ACOLHER AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	58
1.13 ACOLHER AS AUTORIDADES CIVIS	60
1.14 ACOLHER OS POBRES E EXCLUÍDOS DAS PERIFERIAS SOCIAIS E EXISTENCIAIS	61
1.15 ACOLHER AS PESSOAS LGBTQIAPN+.....	62
1.16 ACOLHER OS POBRES	64
1.17 ACOLHER A TODOS: UMA MISSÃO PERMANENTE	65

CAPÍTULO IV - DIMENSÃO DA ESCUTA NO ACOLHIMENTO69

1. O QUE ENTENDEMOS POR ESCUTAR?.....	71
2. DISTINÇÕES NO MOMENTO DA ESCUTA	72
2.1. CONFISSÕES	72
2.2 ACONSELHAMENTO E DIREÇÃO ESPIRITUAL.....	73
2.3 TERAPIA E ORIENTAÇÃO PSICOLÓGICA.....	74

CAPÍTULO V - PASTORAL DA ACOLHIDA EM NOSSA DIOCESE 75

1. O QUE É A PASTORAL DA ACOLHIDA?.....	77
2. PASTORAL DA ACOLHIDA E SUA NECESSIDADE NA COMUNIDADE.....	77
3. A QUEM SE DESTINA A PASTORAL DA ACOLHIDA?	78
4. CAMPOS DE ATUAÇÃO DA PASTORAL DA ACOLHIDA	79
5. ORIENTAÇÕES GERAIS DA PASTORAL DA ACOLHIDA	79
5.1 VESTIMENTA.....	79
5.2 COMPORTAMENTO DO ACOLHEDOR.....	79
5.3 CALENDÁRIO DE ATIVIDADES	80
5.4 ESCALAS E PLANTÕES	80
5.5 COMUNICAÇÃO DA PASTORAL DA ACOLHIDA: GRUPO DE WHATSAPP.....	81
5.6 FORMAÇÃO E ACOMPANHAMENTO PERMANENTE	81

CAPÍTULO VI - ROTEIROS DE ORAÇÃO E ESPIRITUALIDADE

PARA A ACOLHIDA	83
1. ORAÇÃO DIOCESANA DA ACOLHIDA	85
2. TERÇO DA ACOLHIDA.....	85
2.1 A ORIGEM DA ORAÇÃO DO TERÇO	85
2.2 TERÇO DA ACOLHIDA	86
2.3 ROTEIRO DO TERÇO DA ACOLHIDA.....	86
3. HORA SANTA - ACOLHIDA	87

PARTE 2 – DIMENSÃO MISSIONÁRIA

CAPÍTULO I - A IGREJA E A MISSÃO.....	97
1. A DIMENSÃO BÍBLICA DA MISSÃO	99
1.1 A UNIDADE DO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO COMO FUNDAMENTO DA MISSÃO.....	99
1.2 A MISSÃO NO ANTIGO TESTAMENTO.....	99
1.3 JESUS, O PRIMEIRO MISSIONÁRIO ENVIADO DO PAI	100
1.4 A MISSÃO NO NOVO TESTAMENTO	100
2. A MISSÃO AO LONGO DOS DOCUMENTOS DA IGREJA	102
2.1 DAS CARTAS DE SÃO PAULO ATÉ SÃO JOÃO XXIII.....	102
2.2 A MISSÃO NO CONCÍLIO VATICANO II	104
2.3 A MISSÃO NO PÓS CONCÍLIO.....	104
3. PAPA FRANCISCO: POR UMA IGREJA MISSIONÁRIA.....	105
4. A MISSÃO E A IGREJA DO BRASIL : COMUNIDADE DE COMUNIDADES	110
5. A ESPIRITUALIDADE DA MISSÃO.....	111
5.1 SANTÍSSIMA TRINDADE COMO ORIGEM DA MISSÃO	111
5.2 DEUS, QUE É AMOR, TOMA A INICIATIVA DA MISSÃO	112
5.3 A RESSURREIÇÃO É A FORÇA DA MISSÃO.....	113
5.4 O PECADO É O OBSTÁCULO À MISSÃO.....	113
5.5 A HUMILDADE É CARACTERÍSTICA FUNDAMENTAL PARA A MISSÃO.....	114
5.6 O ESPÍRITO SANTO É O PROTAGONISTA DA MISSÃO	114
CAPÍTULO II - NOSSA DIOCESE DE SANTO ANDRÉ E A DIMENSÃO MISSIONÁRIA.....	115
1. PERCURSO HISTÓRICO MISSIONÁRIO NA DIOCESE DE SANTO ANDRÉ.....	117
2. BISPOS DA DIOCESE DE SANTO ANDRÉ: TESTEMUNHO DE MISSÃO	117
3. COLABORAÇÃO COM A MISSÃO AD EXTRA	118
CAPÍTULO III - CONSELHOS MISSIONÁRIOS.....	119
1. ORGANIZAÇÃO MISSIONÁRIA.....	121
1.1 PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONARIAS - POM.....	121
1.2 CONSELHOS MISSIONÁRIOS.....	121
2. COMIPA – CONSELHO MISSIONÁRIO PAROQUIAL	121
2.1 O QUE É O COMIPA?	121
2.2 A CRIAÇÃO DO COMIPA	122
2.3 OBJETIVOS DO COMIPA	122
2.4 PASSO A PASSO PARA CONSTITUIR COMIPA.....	123
3. COMIRP - CONSELHO MISSIONÁRIO DA REGIÃO PASTORAL	123

4. COMIDI – CONSELHO MISSIONÁRIO DIOCESANO.....	124
---	-----

CAPÍTULO IV - SETORIZAÇÃO..... 125

1. A SETORIZAÇÃO NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO	127
2. O QUE É SETORIZAÇÃO?	127
3. POR QUE SETORIZAR?	128
4. COMO SETORIZAR?	129
5. ATIVIDADES QUE PODEM SER DESENVOLVIDAS NOS SETORES MISSIONÁRIOS.....	131

CAPÍTULO V - UMA MISSÃO QUE DESEJA CHEGAR A TODOS 133

1. ABORDAGEM MISSIONÁRIA : RELEMBRAR ALGUNS COSTUMES.....	135
2. MISSÃO EM ÁREAS DE VULNERABILIDADE SOCIAL	136
3. MISSÃO EM CONDOMÍNIOS E CONJUNTOS HABITACIONAIS	136
4. MISSÃO EM ZONAS DE COMÉRCIO.....	137
5. MISSÃO NAS INDÚSTRIAS	138
6. MISSÃO JUNTO AOS ESPAÇOS PÚBLICOS	138
7. MISSÃO NOS BAIRROS	139

CAPÍTULO VI - VISITAS MISSIONÁRIAS 141

1. COMO ORGANIZAR AS VISITAS MISSIONÁRIAS ?	143
1.1 CINCO PASSOS PARA A VISITA MISSIONÁRIA NA CASA	143
1.2 ALGUMAS ORIENTAÇÕES PRÁTICAS	145
2. ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA	146
2.1 SENTIDO FUNDAMENTAL DE ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA	147
2.2 SIM AO DESAFIO DE UMA ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA	146
2.3 ENVIADOS EM NOME DE JESUS.....	147

CAPÍTULO VII - ROTEIROS DE ORAÇÃO E ESPIRITUALIDADE..... 149

1. ORAÇÃO MISSIONÁRIA DIOCESANA.....	151
2. ROSÁRIO MISSIONÁRIO	151
2.1 A ORIGEM.....	151
2.2 COMO REZAR UM ROSÁRIO MISSIONÁRIO	151
2.3 ROTEIRO DO TERÇO MISSIONÁRIO.....	152
3. ROTEIRO PARA ADORAÇÃO EUCARÍSTICA.....	154
4. ROTEIROS DE LEITURA ORANTE COM TRECHOS BÍBLICOS MISSIONÁRIOS..	159
5. ROTEIRO PARA ORAÇÃO NAS CASAS	160
6. FÓRMULAS DE BÊNÇÃOS.....	163
6.1 NORMAS PARA A BÊNÇÃO NA CASA	165

APRESENTAÇÃO

*“Acolhei-vos uns aos outros como Cristo
vos acolheu para a glória de Deus” (Rm 15,7)*

Caríssimos agentes de pastoral, irmãos e irmãs, a todos vocês, Povo de Deus, clérigos e leigos, irmanados pelo santo batismo, paz e alegria no Senhor.

Com satisfação apresento este Subsídio Pastoral, que a Coordenação de Pastoral de nossa Diocese discerniu ser bom para ajudar na nossa caminhada pastoral.

De fato, a formação permanente é uma demanda sempre presente em nossos encontros. E isto é bom! Desejar conhecer, se informar, estudar e se aprofundar nos diversos aspectos de nossa vida eclesial, tanto na teologia como na pastoral, é uma exigência para servir melhor.

Este subsídio trata da acolhida e missão, os dois “trilhos” pelos quais vai seguindo avante o “trem” de nossa vida pastoral. Em nossa época, as pessoas clamam por acolhida. Nunca tivemos um desenvolvimento tão grande na área da comunicação, mas também, nunca as pessoas se sentiram tão solitárias, vazias e angustiadas. Acolher é preciso!

Nosso grande modelo de acolhida é Jesus, em sua fala que sintetiza sua atitude: “Vinde a mim todos vós que estais cansados e sobrecarregados, e eu os aliviarei” (Mt 11,2). A exemplo de Jesus, a Igreja deve ser acolhedora, é o que está ilustrado e muito bem, neste subsídio que você está lendo.

Também a missão se torna cada dia uma exigência sempre mais sentida em um mundo com fome de Deus. Jesus manda evangelizar, a Igreja é missionária do Reino por sua natureza. Missão é outra prioridade pra nós a partir de nosso 1º Sínodo Diocesano.

Vamos acolher este subsídio com alegria. E com gratidão, pelos que o elaboraram, convidando-nos a “avançar para águas mais profundas”. Isso se dará com uma formação sólida, que dê maturidade na fé.

Grande abraço e bênção de Pai e Pastor que a todos quer bem!



Dom Pedro Carlos Cipollini
Bispo Diocesano de Santo André

INTRODUÇÃO

Acolhida e Missão: marcas de uma Igreja sinodal e de uma Pastoral de Conjunto

O Concílio Vaticano II foi um grande marco na caminhada pastoral da Igreja. Com sua abertura e diálogo com o mundo, abriu espaço para o autêntico desenvolvimento ativo do laicato, lançando bases para uma Igreja cada vez mais de participação e comunhão, onde cada ministério, dom e serviço tem seu lugar, seu espaço, contribuindo para o crescimento do Reino Deus.

A busca nas fontes levou ao resgate de uma Igreja mais sinodal, ou seja, onde todos caminham juntos para edificação de uma evangelização, que faça resplandecer a luz de Cristo entre as nações, capaz de responder aos desafios de cada tempo.

Desse modo, após o Concílio, houve um grande florescer na atuação laical, com o surgimento de diversas formas de pastorais, movimentos e associações, fazendo crescer a dimensão pastoral da Igreja, para além do modelo de apostolado mais centrado em devoções. A atuação pastoral da Igreja, começou a atingir vários campos da vida humana em sociedade.

Com o grande número de pastorais e movimentos, fez-se necessário refletir sobre a importância da chamada pastoral orgânica ou de conjunto, a fim de que a riqueza da diversidade não venha a romper com a unidade, e nem mesmo aconteça o fechamento de alguns grupos em comunidades isoladas.

A pastoral de conjunto é a garantia da harmonia entre os diversos grupos. Cada um trabalha naquilo que lhe é específico, sem perder de vista o universal. Apesar de enfoques diferentes, a ação evangelizadora tem o mesmo fim último, que é anunciar a Boa Nova de Cristo, edificando seu Reino. A comunhão entre os membros das diversas pastorais, é um vínculo que não pode ser negligenciado. Quando se trabalha em comunhão, evita-se esforços desnecessários, atividades duplicadas ou repetidas, gera-se ações mais eficazes, num planejamento mais enxuto e harmônico.

Sempre que se fala em pastoral de conjunto, vale a pena relembrar a comparação a uma orquestra. Esta analogia já foi feita em 2007, na introdução ao nosso 5º Plano Diocesano de Pastoral, e acredito que é oportuno recordarmos aqui, neste novo contexto, mas que exige a mesma harmonia e comunhão.

Numa orquestra, temos vários instrumentos musicais, cada um com sua



especificidade. Podemos elencar o violino, violoncelo, trompete, flauta, instrumentos de percussão, piano e tantos outros que podem ser somados conforme a circunstância. Todos têm sua beleza na individualidade, mas quando apresentados em conjunto, formam uma obra de arte única, capaz de deixar todos os ouvintes extasiados. Funcionam juntos, bem conjugados e articulados, formam um espetáculo.

Para que a orquestra funcione bem, é preciso um maestro, que vai reger com uma batuta a fim de dar harmonia para o conjunto. Todos os instrumentos devem estar afinados, e no fim de tudo, o que mais importa é o resultado do todo, que por sua vez só é possível com o empenho e dedicação de cada um. Se um instrumento desafina, quebra a harmonia da obra. Se um instrumento se sobrepor aos demais, novamente quebra a harmonia. Um tocando sozinho, não produz o mesmo efeito do conjunto de instrumentos, notas e tons.

Assim devemos pensar a Igreja e a Pastoral. Cada pastoral, movimento ou grupo é um instrumento que deve estar afinado, exercitado na sua especificidade, mas sem perder de vista o conjunto, estando atento ao maestro e à partitura. Nesta analogia, podemos dizer que o que garante a harmonia do conjunto é a Coordenação de Pastoral que tem como o grande “maestro” o bispo diocesano, que é sinal da unidade de uma Igreja local, tendo a missão de conduzir o Povo de Deus. A partitura que orienta cada instrumento, cada músico e até mesmo o maestro é o Plano de Pastoral. Assim, o bispo será o primeiro incentivador da aplicação do Plano, mas isso não eximirá a responsabilidade de cada um de conhecer e aplicar também em sua realidade as inspirações ali inscritas.

Dito isso, sabemos que nos últimos anos estamos vivenciando o 8º Plano Diocesano de Pastoral, que foi fruto e resultado do nosso 1º Sínodo Diocesano. As prioridades eleitas foram aos poucos sendo sintetizadas em duas palavras: Acolhida e Missão. Se voltarmos à comparação da orquestra, qual tem sido a música e a harmonia que tem brotado de nossa Igreja desde seu primeiro Sínodo Diocesano? Podemos afirmar que a harmonia formou um grande hino, em que constantemente ecoam as palavras: Acolhida e Missão. E este é também o sonho de chegar a todos, fazendo com que cada atividade, cada empenho, cada momento, cada vivência, possa fazer ressoar as dimensões do acolhimento e da missionariedade da Igreja. Esta é a proposta do nosso 8º Plano Diocesano de Pastoral!

Por sermos um organismo vivo e pulsante, às vezes, podemos perder o tom,



desafinar um pouquinho, os instrumentos podem quebrar ou se danificar. A força da unidade, todavia, vai nos ajudando a parar, ensaiar novamente, retomar o tom perdido, fazer a manutenção dos instrumentos, perceber as novidades do tempo, as novas melodias e inspirações. A isso podemos chamar de conversão pastoral e abertura aos sinais dos tempos, que o Espírito Santo suscita em sua Igreja. Tais elementos são fundamentais para o crescimento de uma autêntica pastoral de conjunto e a construção de uma verdadeira Igreja Sinodal.

Quando se fala de Igreja Sinodal, podemos perceber que as ênfases da acolhida e da missão são marcas constitutivas de identidade. Uma Igreja que caminha junto precisa ser acolhedora. A acolhida não se resume a uma pastoral, mas é uma dimensão que deve estar presente em todas as iniciativas eclesiais.

Precisamos acolher internamente, ou seja, entre nós, entre os membros das pastorais, movimentos e comunidades. Acolher aqueles que já integram a comunidade. Acolher-se mutuamente fiéis leigos e pastores. Viver a acolhida com tudo que ela exige das portas para dentro.

Não basta, todavia, parar aí. É preciso acolher externamente: acolher aqueles que só vêm de vez em quando, acolher as diferenças, acolher os que sofrem, acolher os diferentes rostos e situações que se apresentam como desafios para nossa evangelização. A acolhida é uma das coisas mais exigidas hoje, seja na Igreja, seja em qualquer outro agrupamento social.

Neste âmbito, o acolhimento se une à missão, pois para acolher é preciso um movimento de saída de si em direção ao próximo. Quando se fala em missão, sabemos que não se trata apenas de ações pontuais de evangelização, ou dos missionários que saem de seus territórios e vão anunciar o Evangelho em outras terras. Esta iniciativa é chamada missão *Ad gentes*, e é apenas uma parte da missão. A missão é um elemento essencial da Igreja. A Igreja já nasce missionária, pois o próprio Cristo é o grande missionário do Pai, e ao subir aos céus deixou o mandato aos discípulos: “Ide a todos os povos!”

Deste modo, todo batizado é missionário em sua natureza, e a consciência missionária precisa estar cada vez mais amadurecida em todos os cristãos. O documento de Aparecida fala de discípulos missionários, pois é isso que somos. O Papa Francisco pede uma Igreja em saída, ou seja, em prontidão missionária. Todavia não adianta sair, se não houver uma abertura para acolher, para ouvir, para integrar



as pessoas. Assim, temos duas expressões preciosas do Papa Francisco para falar da Igreja: Igreja em saída e de portas abertas (dimensão missionária) e Igreja hospital de campanha e samaritana (dimensão do acolhimento).

Observadas essas realidades, nossa Diocese identificou a necessidade de elaborar um Subsídio Diocesano, para ajudar nossas comunidades a crescerem e aprofundarem estas duas dimensões tão importantes para uma Igreja sinodal e, que além de tudo, são a essência de nossas ênfases e prioridades de evangelização em nossa Diocese. Este é o propósito deste material que você tem em mãos.

Este subsídio formativo, é destinado a todos os agentes de pastorais, movimentos, associações e comunidades, pois trata da dimensão do acolhimento e da missão como eixos fundamentais e transversais de toda ação evangelizadora da Igreja. Ele é composto de duas partes para facilitar, de forma didática o estudo. Sua utilização está bem integrada e podem ser usados capítulos separados conforme a necessidade.

Na primeira parte temos a dimensão do acolhimento, composta de 6 capítulos. No capítulo 1, temos o tema da Igreja e o acolhimento, onde poderemos aprofundar sobre a dimensão bíblica do acolher, a acolhida nos pontificados, de modo especial no período do Papa Francisco, que nos exorta a uma igreja em saída e acolhedora. No capítulo 2, vamos percorrer o tema da nossa diocese e a dimensão do acolhimento, dentro de uma perspectiva mais histórica. O capítulo 3 nos convoca a acolher a todos, elencando alguns rostos e a importância do acolher sempre. No capítulo 4 podemos aprofundar a dimensão da escuta no acolhimento, algo muito importante e fundamental, neste capítulo temos as distinções entre o que vem a ser a confissão, o aconselhamento, a direção espiritual, uma terapia ou atendimento de orientação psicológica. O capítulo 5, traz o tema da pastoral da acolhida em nossa diocese, com suas orientações e direcionamentos a fim de nortear a comunhão e unidade desta pastoral. Por fim, no capítulo 6, temos roteiros de oração e espiritualidade para aprofundarmos nossa vida espiritual dentro da dimensão do acolhimento.

A segunda parte traz a dimensão da missão em 7 capítulos. O capítulo 1 situa a Igreja e a missão na dimensão bíblica, no magistério, através dos documentos desde o Vaticano II, até o Papa Francisco, bem como passando pelas orientações da CNBB. No capítulo 2 temos uma dimensão histórica da questão missionária em nossa Diocese. O capítulo 3 reflete sobre os conselhos missionários, suas funções e importância. O capítulo 4 traz o tema da setorização, explicando o que é e como implantá-lo em nossas



comunidades paroquiais. No capítulo 5, temos as orientações para uma missão, que deseja chegar a todos, destacando as diferenças das áreas de missão. No capítulo 6, temos as orientações para as ações e visitas missionárias que constantemente são realizadas nas comunidades. E no final, o capítulo 7 traz os roteiros de oração e espiritualidade para a dimensão missionária em nossa vida.

Sendo assim, fazemos votos de que este material seja útil e bem aproveitado para a formação, aprofundamento e enraizamento na fé de todos os fiéis pertencentes à nossa Igreja Diocesana. Que nossas comunidades cresçam na consciência missionária e no desejo de viver de fato o batismo recebido, colocando os dons que o Espírito Santo derramou em cada um, a serviço de todos. Que a Igreja seja acolhedora, cuidadora da vida e da dignidade humana, atenta às necessidades da humanidade, e desejosa de levar Cristo através do testemunho de santidade no cotidiano da vida, e não somente através de palavras bonitas.

Sabemos que ninguém conseguirá levar adiante o que aqui está escrito se estiver sozinho e isolado. É caminhando juntos que construímos o caminho! Sempre de mãos dadas em comunhão e participação, com os ouvidos e o coração abertos para escutar e acolher, com os pés a caminho, deixando-se orientar pelo Mestre que caminha conosco e faz o nosso coração arder quando nos explica as Escrituras e abre nossos olhos, quando parte o pão conosco.

“Este é o sonho missionário, a todos os povos chegar. Na alegria do Evangelho, Jesus Cristo Anunciar!”

Pe. Everton Gonçalves Costa
Vigário Episcopal para a Pastoral



PARTE 1

DIMENSÃO DA ACOLHIDA

ORAÇÃO DIOCESANA DA ACOLHIDA

Como é bom Senhor ser acolhido por Vós. Como pai bondoso e misericordioso Vós sempre nos acolheis. No Evangelho, o pai do filho pródigo é a figura da Vossa misericórdia sem limites, sempre pronta a acolher e integrar novamente na família, aqueles que se afastam. O bom samaritano é a figura do Vosso Filho Jesus, samaritano da humanidade caída à margem e necessitada de socorro. Em Jesus, Vós ó Pai, vedes nossas misérias, sente compaixão e cuida de nós. Obrigado por nos acolher sempre em todas as circunstâncias, com Vossos braços e coração abertos, repletos de amor. Permita-nos, ó Pai, que, ajudados por Maria, vossa serva fiel, possamos manter vivas as atitudes de atenção, serviço e gratuidade na acolhida aos irmãos e irmãs que mais precisam de nós. Inspirados nesta vossa serva, que acolheu no seu seio o Verbo Encarnado, queremos ser acolhedores, aprendendo como fazer para que em cada comunidade cristã, todos sintam-se como em casa, a Vossa e nossa casa, a Igreja. Nós vos pedimos ó Pai por Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém.

Dom Pedro Carlos Cipollini

CAPÍTULO I

A IGREJA E O ACOLHIMENTO



1 - ACOLHER, UMA DIMENSÃO BÍBLICA

1.1 Acolher os seres humanos

O mundo é uma “casa comum” (Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato si’*, 2015), no qual existem seres humanos e seres não humanos. Nas Sagradas Escrituras, são descritas muitas formas de acolhimento, da parte de Deus e da parte dos homens. É um tema recorrente que reflete a importância da compaixão, hospitalidade e cuidado para com todos os seres vivos.

O acolhimento aos seres humanos refere-se à atitude de receber, tratar e cuidar de outras pessoas com calor humano, respeito, empatia e compaixão. É uma demonstração de hospitalidade, aceitação e inclusão. O acolhimento é fundamental em todas as esferas da vida, desde a família e comunidade, até a sociedade como um todo.

Podemos tomar como exemplo primeiro, o acolhimento de Abraão, descrito em Gênesis 18. É um relato bíblico do Antigo Testamento, que narra um encontro especial de Abraão com três visitantes, que são identificados como anjos ou mensageiros de Deus. O capítulo inicia-se com Abraão sentado à entrada de sua tenda, provavelmente no calor do dia, quando ele vê três homens de pé diante dele. Abraão rapidamente os reconhece como visitantes especiais e os trata com grande hospitalidade e respeito. Eles não pedem nada, mas Abraão identifica suas necessidades e se apressa em cumprimentá-los e convida-os a descansar à sombra da árvore, enquanto lhes oferece uma refeição, não apenas um pedaço de pão, mas uma refeição especial. O acolhimento generoso de Abraão é um exemplo de sua hospitalidade e devoção a Deus. Ele trata seus hóspedes com humildade e respeito, sem saber que estava servindo diretamente ao próprio Deus.

Nas leis do Antigo Israel já era previsto o acolhimento a todas as pessoas, mas de modo especial aos mais necessitados da época: as viúvas, os estrangeiros e os órfãos. No capítulo 146,9, do livro dos Salmos, por exemplo, destaca-se o acolhimento aos estrangeiros, às viúvas e aos órfãos, tão atual na realidade de hoje: *“O Senhor protege os estrangeiros, ampara o órfão e a viúva, mas transtorna o caminho dos ímpios”*.

Nos livros proféticos também é recorrente o tema do acolhimento a todo ser humano, o que não poderia ser diferente, uma vez que a Palavra de Deus está fundada no amor. Em Isaías, por exemplo, nos é apresentado como o Senhor deseja que acolhamos o outro, especialmente os mais vulneráveis: *“O jejum que desejo não é este: soltar as correntes da injustiça, desatar as cordas do jugo, pôr*



em liberdade os oprimidos e romper todo jugo? Não é partilhar sua comida com o faminto, abrigar o pobre desamparado, vestir o nu que você encontrou, e não recusar ajuda ao próximo? ” (Is 58, 6-7).

Em Jesus, esse amor expresso no acolhimento ao outro, chega à plenitude, por meio de suas palavras e atitudes. Ele acolhe os pecadores, endemoniados, os enfermos, as crianças, as mulheres e todos aqueles que de alguma forma são excluídos por muitos.

São inúmeros os textos bíblicos que mostram que Jesus escolheu e acolheu os apóstolos e discípulos para que seus propósitos se concretizassem (cf. Mt 10,1-8). Acolheu sem discriminação ou preconceito, pessoas tidas como pecadoras, como por exemplo, cobradores de impostos (Mt 9,9-13), prostitutas (Lc 7,36-50), leprosos (Lc 17, 11-19; Mc 1,40-42) e outros tipos de doentes ou de pessoas consideradas impuras (Mc 6, 55-56). São Paulo, na Carta aos Romanos (15,7), recomenda: “acolhei-vos uns aos outros, como Cristo vos acolheu para a glória do Pai”.

Seus apóstolos, seguindo seu exemplo, dão também testemunho deste acolhimento. Podemos ver no testemunho das primeiras comunidades, nos Atos dos Apóstolos, e nos demais escritos do Novo Testamento. São Tiago aborda em seu livro várias questões relacionadas aos ricos e aos pobres, enfatizando especialmente o cuidado e a defesa dos mais necessitados. Ele denuncia a discriminação e o tratamento diferenciado dado aos ricos, busca aproximar-se dos pobres e conhecer sua realidade, dando testemunho do amor de Deus e nos sensibilizando a um afeto especial para com os pobres. Podemos citar aqui também São Paulo, especialmente nas cartas aos Coríntios e aos Romanos, onde mobiliza judeus e gentios a unirem-se e ajudar financeiramente os cristãos de Jerusalém, que estavam passando por dificuldades diversas, devido às perseguições e problemas econômicos.

Essa dimensão bíblica do acolhimento humano tem sido fonte de inspiração para movimentos e ações de justiça social ao longo da história, encorajando as pessoas a se envolverem em práticas que promovam a inclusão, a igualdade e o respeito pelos direitos e dignidade de todos, independentemente de sua condição social, étnica ou econômica.

1.2 Acolhida e cuidado com a Casa Comum

As Sagradas Escrituras também nos ajudam a compreender sobre o acolhimento aos seres não humanos, ou seja, os seres *abióticos* (o ar, a água, o solo e o calor), os *vegetais* e os *animais*.

A Bíblia acolhe a terra com todos os seres nela existentes, contemplando-



os na qualidade de criaturas, que têm sua origem no Deus Criador. Mas, o ser humano ganha a vocação de “estar a serviço” da terra, no sentido de “guardá-la” (Gn 2,15). Seu “domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, bem como sobre todo réptil que rasteja sobre a terra” (Gn 1,26), no sentido de “sujeitar” a terra a si mesmo (Gn 1,28), entretanto, jamais pode resultar em supremacia violenta, extinção de espécies ou destruição do ambiente, uma vez que o ser humano deve se comportar como quem foi criado “à imagem” de Deus (Gn 1,26). Pelo contrário, cabe-lhe observar os diversos mandamentos de Deus, que o instruem a respeito da preservação de flora e fauna (cf. Ex 20,10; 23,11; Dt 5,14; 20,19-20; 22,1-4.6-7.10; 25,4). Enfim, prevalece a ordem de “não danificar” (Dt 20,19).

Junto a isso, observa-se o quanto as orações bíblicas e, em especial, os Salmos promovem uma ecoespiritualidade. De forma repetida, acolhem o ar, a água, o solo, os fenômenos climáticos, as plantas e os animais. A natureza é meditada como “abençoada” por Deus (Sl 65,11). Por isso, toda ela “louva o Senhor” (Sl 148,7).

Além disso, também Jesus de Nazaré, homem do campo, anuncia seu Evangelho ao olhar para a roça ou para o mar da Galileia. Assim, para compreender o mistério do Reino de Deus, são necessários saberes sobre grão e pão, ou seja, sobre aradura, semeadura, germinação, planta e espiga, colheita e debulha, peneiração, moedura, farinha, fermentação e assadura. Semelhantemente, Jesus dá atenção aos peixes e à pesca, também às árvores frutíferas, aos espaços geográficos ou aos fenômenos climáticos.

Portanto, ao dialogar com a Palavra de Deus, a qual prevê a coexistência harmoniosa de todos os seres na terra, cabe à Igreja a vocação de, além dos seres humanos, acolher também os seres não humanos, que constituem a Casa Comum. Nesse sentido, a catequese deve ser integrada à educação ambiental (CNBB, *Ministério do Catequista*), nas Pastorais Sociais, a tarefa de “salvaguardar o ambiente” (Pontifício Conselho “Justiça e Paz”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja, capítulo X*). Junto a isso, valorizar a Campanha Junho Verde, prevista pela Lei Federal 14.393, que prevê a participação ativa das Igrejas, no processo de conscientizar as pessoas em vista da proteção do meio ambiente.



2. Acolhida e os pontificados da época contemporânea

O período contemporâneo (séculos XIX a XXI) levou a importantes mudanças em toda a Igreja, inclusive dos pontificados. Após a Revolução Francesa (1789), os anos marcados pelas transformações sociais na Europa, acarretaram declínio do modelo de Crisandade e, conseqüentemente, a ascensão de novos regimes caracterizados pela separação entre a Igreja e o Estado, levaram ao processo de secularização e, mais recentemente, descristianização das sociedades. O liberalismo e os movimentos sociais fizeram com que os papas, pouco a pouco, adotassem posturas mais dialogais com os âmbitos da política, da sociedade e da cultura, num esforço de acolhimento e evangelização.

O Papa Leão XIII (1878-1903), foi o primeiro a debruçar-se sobre as delicadas questões sociais, que marcavam a Europa e o mundo desde a Revolução Industrial e a emergência do socialismo, apresentando os princípios cristãos fundamentais para as relações sociais, sobretudo no âmbito do trabalho, desencadeando uma série de documentos, que se caracterizam como a Doutrina Social da Igreja. Além disso, as preocupações em torno das relações internacionais e da paz mundial nunca deixaram de mobilizar os papas, seja por meio de pronunciamentos, ou por meio de ações diplomáticas e atividades missionárias, especialmente em ocasiões de crises humanitárias e guerras.

Durante o século XX, marcado pelos dois grandes conflitos mundiais e pelo avanço de regimes totalitários, os Papas Bento XV (1914-1922), Pio XI (1922-1939) e Pio XII (1939-1958), cada qual ao seu modo, buscaram reverter as posturas nacionalistas acirradas marcadas por interesses econômicos e buscas de influências geopolíticas, com a promoção de uma cultura de diálogo e de paz. A preocupação com o fortalecimento da missão, torna-se uma marca característica da Igreja, já que deixa de possuir um vínculo oficial com o Estado. Mais autônoma, a Igreja tornou-se também mais missionária e promotora da dignidade humana e da paz, em nome do Evangelho.

O movimento da Ação Católica foi igualmente importante para a abertura e atuação missionária da Igreja, desde o pontificado de Pio XI. O laicato organizado empreendeu um apostolado inserido nas diversas realidades sociais, sobretudo a educação, a política e a cultura. O terreno serviu para a germinação do Concílio Vaticano II (1962-1965). Nessa mesma linha, outros movimentos foram fundamentais: litúrgico, bíblico e ecumênico. A abertura da Igreja, por meio dos papas, incentivou uma nova metodologia de atuação missionária. Diante das rápidas mudanças de



realidade no esforço da Igreja em anunciar o Evangelho, era preciso investir na abertura, no respeito à liberdade, no acolhimento e no diálogo.

Com o Papa São João XXIII (1958-1963), desencadeou-se a realização do Concílio Vaticano II, em perspectiva pastoral, como chamada à atualização, abertura e revitalização da missão da Igreja, num mundo de constantes transformações. A Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, de modo especial, destaca-se pela promoção da dignidade humana como maior marca do acolhimento da Igreja aos homens e às mulheres da época contemporânea, em nome do Evangelho de Cristo. Como nunca, a Igreja abriu-se a uma nova linguagem em seu diálogo com as mais diferentes realidades. Com o Papa São Paulo VI, deu-se a conclusão do Vaticano II, com forte destaque em uma nova concepção de Igreja: Povo de Deus e Mistério de Comunhão, impulsionada a sair em missão. O próprio papa empreendeu viagens apostólicas que, a partir de então, foram marcas característica dos pontificados. Também foram preocupações de seu pontificado as crises sociais e a realidade da família, diante do surgimento de uma cultura em que o controle da natalidade seria sinônimo de fechamento à vida, de degradação da dignidade humana e de morte. Assim, seu pontificado foi marcado pelo esforço de colocar em prática as diretrizes do Concílio, especialmente a abertura ao mundo, sem a perda da identidade católica.

O longo pontificado de São João Paulo II (1978-2005), em sintonia com os pontificados anteriores, seguiu a tendência que conciliou abertura e reforço da identidade da Igreja. A exigência de uma Nova Evangelização na transição do milênio, tornou-se nota característica para a Igreja até hoje. O acolhimento expandiu-se também em direção ao judaísmo, às igrejas orientais, às igrejas reformadas e às religiões orientais, por meio do diálogo inter-religioso e do ecumenismo. As inúmeras viagens apostólicas marcaram o esforço de abertura e diálogo da Igreja com diferentes culturas. A realização de jornadas mundiais da juventude passaram a visibilizar a acolhida do papa aos jovens de diversas nações. O papa que o sucedeu, Bento XVI (2005-2013), empenhou-se pela inserção da missão da Igreja, sobretudo na realidade da cultura global e do diálogo com as ciências, num esforço de conciliar fé e razão, intelecto e emoção, verdade, ética e beleza.

O pontificado de Francisco (2013), desenvolve-se a partir das linhas de seu governo pastoral traçadas na encíclica *Evangelii Gaudium* (2013), com ênfase numa Igreja misericordiosa, em saída e samaritana. O acolhimento expressa-se fundamentalmente



na atitude de proximidade aos pobres, aos sofrendores, especialmente refugiados e migrantes, em áreas de conflito como a Síria, a Ucrânia e a Rússia. Da mesma forma, sua preocupação com a preservação do meio ambiente, traz o apelo à acolhida de uma nova concepção de ser humano, com desdobramentos econômicos e ecológicos. O papa clama pela paz e pela fraternidade entre todos, num mundo que vive, em suas palavras, “uma terceira guerra mundial em etapas”.

3. Papa Francisco: uma igreja acolhedora e em saída

Em 2023 celebramos os dez anos de pontificado do Papa Francisco, primeiro papa latino-americano, que corajosamente assume o caminho sinodal para a renovação de toda a Igreja. Sua eleição, no surpreendente conclave de 2013, nos inseriu numa nova fase do processo de evangelização permanente.

O percurso de vida e ministério do Papa Francisco, ocorre no mesmo período da grande celebração do Concílio Vaticano II, sua interpretação e recepção. A Igreja Católica na América Latina vive o processo de recepção inicial do magistério conciliar, com as conferências do CELAM de Medellín (1968) e Puebla (1979). Francisco tornou-se religioso-presbítero da Companhia de Jesus em 1969, sendo o primeiro papa “filho do Vaticano II”. Seu ministério episcopal inicia-se em 1992, ano da celebração da conferência de Santo Domingo e Conferência de Aparecida, o então Cardeal Bergoglio, arcebispo metropolitano de Buenos Aires, foi aquele que coordenou o processo de redação do Documento Final.

A Teologia latino-americana, desenvolvida a partir do Vaticano II, fomentou uma autoconsciência eclesial na Igreja no continente. A partir do método ver, julgar e agir, legado do movimento da Ação Católica para a missão evangelizadora de nossas Igrejas, começa-se a trabalhar de maneira mais profunda e dialogal a Teologia e a Pastoral, suscitando um olhar mais profundo sobre a realidade e uma dinâmica mais eficaz no modo de anunciar, com vigor, o Evangelho de Jesus Cristo. Inicia-se um processo de ressignificação sobre a história da evangelização dos nossos povos, procurando um diálogo sincero com a população indígena e afro-americana, em vista da justiça social com base na fé e na reconciliação. A opção pelos pobres enriquece e valida o caminho eclesial, numa dinâmica profética e numa busca de centralizar, no Mistério de Deus, nossas ações.

Francisco, marcado pela experiência da busca da recepção do Vaticano II em



nosso continente, ao iniciar seu ministério papal, coloca no centro de sua missão a aplicação do magistério conciliar, fazendo desse o caminho da necessária e urgente reforma da Igreja. Para isso, o papa trouxe um novo olhar sobre a Igreja através de dois conceitos chaves: Igreja em saída e acolhedora.

3.1 Igreja acolhedora

A acolhida é um ato de fé em Jesus Cristo, fruto de um encontro pessoal e transformador com Ele. Na urgência do acolher para evangelizar, a Igreja, no magistério de Francisco, é compreendida como um “hospital de campanha”, onde todos devem ser acolhidos e incluídos, insistindo no processo de cura e reconciliação das feridas abertas pelo processo da Igreja na história. Para acolher é necessário vencer o medo de ouvir para sabiamente dialogar. Sem a escuta e o diálogo paciente para abrir caminhos de esperança renovada, não há como pensar numa Igreja acolhedora, nem em processo sinodal.

No caminho sinodal, a Igreja vive a dinâmica da acolhida, à medida que ela não tem medo de se renovar, compreendendo, reconhecendo os erros do passado, e assumindo a perspectiva da reconciliação. Como parte importante da missão evangelizadora da Igreja, são inúmeros os ensinamentos do Papa Francisco, suas encíclicas, constituições, audiências, os encontros com as categorias do Povo de Deus, membros da sociedade civil, movimentos sociais, e suas viagens apostólicas, que nos ajudam a compreender o sentido amplo da acolhida.

Partindo de Jesus Cristo (*Evangelii Gaudium* 209), Francisco não tem medo de ir ao encontro dos sofrimentos do nosso tempo, ensinando-nos pedagogicamente como ser uma presença transformadora de Cristo através do nosso testemunho de discípulos-missionários. Na verdade, o itinerário teológico-pastoral da Igreja, a partir do Concílio Vaticano II e do magistério do episcopado latino-americano, insiste na dimensão fundamental da acolhida e da opção pelos pobres, tornando-os sujeitos no processo de evangelização. Quando o Papa Francisco, no início de seu pontificado, propõe um trabalho para que a Igreja seja pobre e para os pobres (*Evangelii Gaudium* 198), mais do que uma reflexão sociológica, nos recorda que o pobre, desde as Sagradas Escrituras, é defendido por Deus e o torna protagonista e critério para a salvação. A influência do Documento de Aparecida faz com que a presença da Igreja no mundo seja misericordiosa e samaritana, eis a chave para compreender a identidade da Igreja Missionária.



3.2 Igreja em saída

No primeiro ano de seu pontificado, Francisco deu-nos a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Esse texto é a base do termo Igreja em saída, tendo como fonte o Documento de Aparecida (2007) que trata da conversão pastoral. O papa, ao tratar dessa urgente conversão (*Evangelii Gaudium*, 25-26), fala sobre a alegria que todo cristão deve ter ao evangelizar e ser evangelizado, insiste numa Igreja que não retenha dentro de si a novidade transformadora do Evangelho, mas seja alegre testemunha para toda a humanidade do amor redentor de Jesus Cristo (*Evangelii Gaudium*, 46-49). Com isso, podemos afirmar categoricamente a definição do Concílio sobre a Igreja como sacramento universal de salvação (*Lumen Gentium*, 1) para que, em Cristo todos tenham vida abundante.

A compreensão de Igreja em saída não é uma mera presença da Igreja nas ruas das cidades ou dos campos, mas é a tomada de consciência de que a Igreja é essencialmente missionária, pois nasce do Mistério Pascal do Cristo, o Missionário do Pai. Para que a Igreja se coloque em atitude de saída é necessário o amadurecimento da fé de cada batizado, através da animação bíblica da vida e da pastoral, num processo de conversão pessoal e comunitária.

Tendo como ponto de partida uma nova compreensão eclesial, diante dos sinais dos tempos, a missão da Igreja passa a ser compreendida não somente como ação de uma instituição organizada e bem posicionada na sociedade, mas como serviço profético, que tem um único objetivo: anunciar e testemunhar Jesus Cristo, vivo e presente entre nós, para curar todas as feridas e chagas da humanidade, vencendo todas as fronteiras construídas, que impedem que a salvação por Ele oferecida aconteça na vida de todas as pessoas.

Passa-se a compreender, partindo de Cristo, a urgência de uma Igreja pobre e para os pobres, uma verdadeira Igreja ministerial, longe das amarras do triunfalismo que, muitas vezes, estigmatizou a Igreja na mentalidade de tantos fiéis. Com uma nova postura, a Igreja em saída, torna-se missionária da misericórdia, indo ao encontro das periferias geográficas e existenciais, como insiste o papa. Uma Igreja colegial, organizada em ministérios e atenta aos carismas suscitados pelo Espírito Santo, capaz de construir pontes, caminha rumo a uma Igreja Sinodal. Nossa Diocese já sente os apelos deste percurso desde seu 1º Sínodo Diocesano (2016-2017).



As pontes da Igreja em saída têm como alicerce o próprio Cristo, pedra angular da Igreja na qual toda a construção se ajusta, e com base no processo atento de escuta e discernimento. A escuta é a capacidade de ouvir a todos, indistintamente, principalmente aqueles que não são ouvidos e que tem seu protagonismo impedido pelas estruturas que nos aprisionam, como o próprio Jesus fez durante sua atividade messiânica. O discernimento só é possível a partir da escuta constante daquilo que o Espírito diz à Igreja hoje, num cultivo da espiritualidade pelos eixos da Palavra, Liturgia e Caridade.

Para bem acolher a Deus e os mais diversos grupos de seres humanos, pressupõe-se aqui, conjuntamente, a acolhida dos seres não humanos, pois, como criaturas, falam sobre o criador e comunicam a bondade de Deus ao ser humano, que, em vista de sua sobrevivência, depende de sua atitude de bem cuidar da Casa Comum.

Por fim, a Igreja em saída, como pede o Papa Francisco, exige de todos nós repensar o que entendemos por acolhida e missão.

4. Cultura do encontro

A Diocese de Santo André, em seu Sínodo, propôs como prioridades pastorais a acolhida e a missão. Essas duas ênfases são enaltecidas, de modo especial, pelo Papa Francisco, que deseja ardentemente uma Igreja calorosa e desapegada, sempre em saída, com espírito acolhedor e em estado permanente de missão. Como requisito para uma Igreja acolhedora e missionária, o papa nos convida a vivermos a cultura do encontro, sobretudo num mundo onde cada vez mais, predominam tendências como a indiferença e o descarte.

Para Francisco, a globalização da indiferença é “um estilo de vida que exclui os outros ou se entusiasma com este ideal egoísta” (*Evangelii Gaudium*, 54). Basicamente, uma pessoa indiferente não sente necessidade de partilhar, olha para o próximo sem empatia, olha para o pobre e não tem compaixão, olha para o doente e não se sente comovida e nem impelida a ajudá-lo. O uso da palavra globalização indica que esse estilo de vida egoísta se espalhou pela sociedade, isto é, a sociedade como um todo está cada vez mais indiferente, perdendo a capacidade de se scandalizar com a dor e sofrimento.

Já a cultura do descarte mostra que a sociedade, cada vez mais consumista e individualista, aprendeu que as coisas possuem valor apenas enquanto são



úteis, quando perdem sua utilidade devem ser descartadas. Durando cada vez menos, somos obrigados a consumir e descartar mais. O mais triste nessa cultura é que o ser humano também passou a ser descartado, sobretudo os idosos, os deficientes, os nascituros, os enfermos etc. Pessoas que não podem contribuir para o desenvolvimento econômico da sociedade são deixadas às margens: “com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são explorados, mas resíduos, sobras” (*Evangelii Gaudium*, 53).

A alternativa para essas tendências que geram exclusão é a cultura do encontro. Precisamos sair da nossa zona de conforto, ter essa disposição interior, desapegando-nos de tudo o que nos impede de abandonarmos nossas redes e seguirmos Jesus. Primeiramente, sair de si: abandonar o egoísmo individualista e consumista. Depois, abrir o coração para o encontro com o próximo, como nos diz João, em sua primeira carta: “quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,20). Quando não acolhermos cotidianamente os irmãos, não acolhemos o próprio Jesus; agindo assim, não entraremos no Reino dos Céus (Mt 25,31-46).

Para acolher bem é preciso viver a cultura do encontro, tal como o encontro de Maria e Isabel, que ressalta a felicidade da parenta mais velha ao receber a visita do Salvador, ainda no seio de Maria (cf. Lc 1,39-45); ou como o alegre e esperançoso encontro da Família de Nazaré com o velho Simeão e a profetiza Ana, no templo em Jerusalém (cf. Lc 2,21-39). Para acolher bem, é necessária abertura do coração, fruto do Espírito Santo, pois é Ele quem faz Isabel plena de alegria, é Ele quem guia Simeão e é Ele quem faz Ana proclamar a libertação vinda do Senhor.

A cultura do encontro em nossas pastorais deve ser vivida de forma intensa e alegre, saber acolher é saber se encontrar, sempre com um sorriso evangelizador, um abraço caloroso e palavras de esperança. Todos somos chamados a viver a cultura do encontro: “É um trabalho lento e árduo que exige querer integrar-se e aprender a fazê-lo até se desenvolver uma cultura do encontro numa harmonia pluriforme” (*Evangelii Gaudium*, 220).

5. Espiritualidade e cultura do acolhimento

Falar de espiritualidade na perspectiva cristã e de uma cultura do acolhimento, é tocar no cerne da vida de fé e de sua prática por aqueles que creem, pois, embora



sejam duas realidades distintas, estão intimamente ligadas e se complementam, segundo a visão bíblica.

O discurso teológico, quando fala de espiritualidade, refere-se tanto à dimensão interior do ser humano enquanto ser espiritual, capaz de relacionar-se com o divino, quanto ao próprio Espírito Santo e uma relação vital com Ele. No Evangelho segundo São João, por exemplo, o Espírito comunicado por Jesus é aquele que conclui e plenifica a obra criadora do Pai, sobretudo o ser humano, pois o permite viver como filho no Filho, participando da glória de Deus manifestada nEle. Esta participação não é outra coisa senão ser alcançado pelo amor de Deus encarnado e amar como Ele amou, numa doação total de si mesmo que perpetua essa presença de Deus no mundo.

Jesus resume bem a concretude da espiritualidade cristã quando afirma à Samaritana que é chegada a hora em que “os que dão culto verdadeiro adorarão o Pai com espírito e verdade” (Jo 4,23a). Adorar o Pai é prestar-lhe culto com a própria vida, não mais somente em um lugar específico e nem de forma estática, pois o templo físico foi substituído pelo novo Templo, que é Jesus; e adorar com Espírito e verdade é a dinâmica de vida que manifesta o amor.

Nesse sentido, a carne do Verbo, tornou-se o novo lugar do encontro com Deus, o lugar em que Ele se revela plenamente e o lugar em que se pode tocá-lo, através de uma vida de encontro e acolhimento (Lc 10, 25-37). Essa realidade da encarnação impele a uma conversão do coração capaz de instaurar um novo modo de vida, uma nova mentalidade. Essa se configura a partir da prática do encontro que leva a tocar as feridas dos outros e deixar que elas nos toquem, reconhecendo nelas as nossas próprias feridas e acolhê-las, pois isso é ter misericórdia. Em outras palavras, é tomar consciência da miséria do coração humano, colocando-se a serviço para mudar essa realidade pelo testemunho da proximidade de Deus.

Em suma, a espiritualidade cristã, bem compreendida, como vida no Espírito de Deus, ou ainda, viver habitado por Ele, revela-se como o fundamento para pensar e promover uma cultura do encontro. Pois a fé cristã é marcada pelo evento da encarnação, em que Deus assume a condição humana, na pessoa do Filho, e a torna lugar por excelência do encontro com o Pai, encontro que é acolhimento e salvação.



CAPÍTULO II

NOSSA DIOCESE E A DIMENSÃO DO ACOLHIMENTO



1 - NOSSA DIOCESE: REGIÕES, PARÓQUIAS E COMUNIDADES

1.1 Surgimento da Diocese

Deus é acolhedor! Ele acolhe nossa Igreja Particular de Santo André e nos convoca a sermos acolhedores. Muitos anos antes de nossa Diocese ter sido criada, Deus acolheu esta terra paulista com os seus povos nativos e imigrantes.

No século XVI, figuras como o Cacique Tibiriçá, Índia Bartira, João Ramalho, Padre Leonardo Nunes, Padre Manoel da Nóbrega, São José de Anchieta semearam e acolheram aqui a evangelização, consagrando a Santo André Apóstolo esta região da Borda do Campo.

No século XVII, os monges beneditinos receberam estas terras por doação, sob o patrocínio de Nossa Senhora do Monte Serrat. Em 1717, os beneditinos criaram fazendas, dedicando-as a São Bernardo, abade e doutor da Igreja, e São Caetano, presbítero.

Em 1812, no período colonial, o povo que compõe o atual Grande ABC foi acolhido com a criação de sua primeira paróquia dedicada a São Bernardo, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem, como padroeira de sua Igreja Matriz.

No início do século XX, tendo já acolhido também muitos migrantes leigos, estas terras receberam missionários para animar a fé deste povo temente e trabalhador, inserido em realidades agrícolas e industriais. Em 1950, contávamos com 8 paróquias, contudo, para um melhor acolhimento na evangelização, viu-se a necessidade da criação de uma nova Diocese, sendo desmembrada do Arcebispado de São Paulo. Neste período foram constituídas mais 8 paróquias e aos 22 de julho de 1954 foi criada a Diocese de Santo André, pelo Papa Pio XII, compreendendo hoje os municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

1.2 Bispos diocesanos – testemunhos de acolhida

Em cada tempo, no ministério de cada Bispo Diocesano, o Espírito Santo suscitou a Sua vontade em nossa Diocese no serviço da acolhida. Dom Jorge Marcos de Oliveira (1915-1989), nosso primeiro bispo, acolheu e foi acolhido em nossa Diocese, quando esta foi criada em 1954. Dom Jorge se encarnou na realidade do Grande ABC, baseando-se na Doutrina Social da Igreja, sendo lutador pela justiça social, estando junto ao operariado e demais organizações sociais. Acolheu mulheres, sobretudo mães solteiras, e crianças com a Associação Lar Menino Jesus. Vivendo



uma vocação profética, foi perseguido com muitos de seus diocesanos pela Ditadura Militar. Participou ativamente do Concílio Ecumênico Vaticano II, colocando-o em prática em nossa Diocese. Viveu e defendeu a Igreja como servidora e pobre.

Dom Cláudio Hummes, OFM (1934-2022), nosso segundo bispo, chegou à nossa Diocese em 1975. Viveu a simplicidade e a pobreza de um franciscano, deu continuidade à atuação de seu antecessor na acolhida dos operários, acompanhando o desenvolvimento histórico das lutas trabalhistas, sobretudo no período das grandes greves. Esteve junto diante das carências e dificuldades de seu povo, marcado pelas consequências da desigualdade social. Buscou fortalecer as Comunidades Eclesiais de Base e também foi aberto ao espírito missionário, não só de acolher, mas de enviar evangelizadores. Foi preocupado e atento à formação do clero e dos leigos com a criação das Casas de Formação do Seminário e do Instituto de Teologia para leigos.

Dom Décio Pereira (1940-2003), o terceiro bispo, tomou posse em 1997, depois de 18 anos como bispo auxiliar em São Paulo. Além de dar continuidade ao trabalho pastoral, destacou-se na realização do “Ano Missionário”, das “Visitas Pastorais às Paróquias”, e das “Comemorações do Jubileu do Ano 2000”; incentivou e fortaleceu o ecumenismo e diálogo inter-religioso; atentou-se à formação para catequese em suas diversas modalidades; trabalhou pelo desenvolvimento do ensino religioso nas escolas públicas; e a preparação para a abertura do Jubileu de Ouro da Diocese. Acolheu a todos, sobretudo, pelo seu sorriso e bondade.

Dom Nelson Westrupp, SCJ (nascido em 1939), o quarto bispo, após 12 anos de pastoreio em São José dos Campos – SP, tomou posse como bispo de Santo André em 2003. Vivendo o carisma do Coração de Jesus (da Congregação dos Padres Dehonianos), proporcionou para nossa Diocese um crescimento pastoral, espiritual e administrativo, baseado nos documentos da CNBB e Planos Diocesanos de Pastoral. Foi o responsável pela grande obra de construção do Edifício Santo André Apóstolo, da Cúria Diocesana, criou 11 paróquias, revitalizou o diaconado permanente e atuou na Comissão em Defesa da Vida. Fez parte do Conselho Permanente da CNBB e presidiu o Regional Sul 1 da CNBB, por dois mandatos.

Dom Pedro Carlos Cipollini (nascido em 1952), nosso atual e quinto bispo, depois de 5 anos como bispo de Amparo - SP, foi acolhido em nossa Diocese no ano de 2015. Para conhecer o Grande ABC, viu e ouviu seus diocesanos para melhor agir, como pai e pastor, “Em Nome de Jesus” (Cl 3,17). Realizou visitas missionárias em todas as regiões pastorais, paróquias e suas comunidades. Convocou, realizou e está pondo em prática o 1º Sínodo Diocesano, que convida à Acolhida e Missão. Publicou diretórios a fim de reorganizar a administração e a gestão da Mitra Diocesana de



Santo André, bem como a pastoral, visando a Pastoral de Conjunto, criando também o Vicariato para a Caridade Social e sete paróquias. Também foi Presidente da Comissão Episcopal para a Doutrina da Fé da CNBB, por dois mandatos.

Em 2023, contando com quase 3 milhões de habitantes, com praticamente metade de sua população se declarando católica, a Diocese de Santo André possui um clero com um bispo diocesano e um bispo emérito, 185 padres, entre diocesanos e religiosos, 41 diáconos permanentes e 128 religiosas.

A nossa vida pastoral e missionária está organizada, além dos organismos diocesanos, em 10 regiões pastorais (paróquias mais próximas territorialmente), a saber: Santo André Centro (com 13 Paróquias), Santo André Leste (com 11 Paróquias), Santo André Utinga (com 12 Paróquias), São Bernardo Centro (com 10 Paróquias), São Bernardo Rudge Ramos (com 8 Paróquias), São Bernardo Anchieta (com 11 Paróquias), São Caetano (com 11 Paróquias), Diadema (com 9 Paróquias e 1 Quase Paróquia), Mauá (com 13 Paróquias), Ribeirão Pires/Rio Grande da Serra (com 7 Paróquias); totalizando 106 Paróquias (destas, 3 são Santuários Diocesanos, 1 é Basílica Menor, 1 é Paróquia Pessoal), com 2 Oratórios e 255 Comunidades.

2. História do serviço da acolhida

Como vimos no item anterior, a formação da Região do Grande ABC, onde se localiza a nossa Diocese, foi marcada pelo acolhimento de migrantes vindos da Europa, Ásia, América, e de diversos estados do Brasil. Esta realidade nos remete a uma prática de acolhimento do diferente, para desenvolver uma vida social civilizada, embora, de forma camuflada, se perceba preconceitos e diferenciações.

Na Igreja, este serviço de acolhida se fez inicialmente com a presença dos padres e das irmãs carlistas, muito forte e dinâmica no início da vida eclesial nesta região do Grande ABC, antes mesmo da criação da Diocese. Esta congregação, que tem como carisma o serviço ao migrante, influenciou a prática do fiel católico, que buscava ajudar os que chegavam, a se sentirem acolhidos e atendidos em suas necessidades e carências.

Até pouco tempo atrás, não havia em nível de organização diocesana uma Pastoral da Acolhida instituída. O acolhimento na Igreja se fazia, e em muitas realidades continua a ser feito, através dos serviços de atendimento na secretaria, preparação para os sacramentos, distribuição de folhetos da missa nas portas das igrejas, atendimento de confissões, assistência aos doentes, aos carentes de ajuda. Havia um cuidado em promover encontros e reflexões para formar os funcionários no sentido de prestar o seu serviço com uma dimensão evangelizadora.



A acelerada transformação social, política, econômica, religiosa e a crescente urbanização, enfraqueceram a prática e os costumes religiosos. A pertença à Igreja torna-se cada vez mais uma opção de vida e percebe-se que a acolhida deve tornar-se um serviço pastoral, atingindo e acolhendo a pessoa como um todo, integrando-a à comunidade eclesial.

É importante ressaltar que nesta fase de transição, entre acolhida como serviço e acolhida como pastoral, é de fundamental importância intensificar e aprofundar a formação bíblico-catequética, humana e psicossocial dos agentes de Pastoral da Acolhida.

Em 2016, devendo elaborar um novo plano diocesano de pastoral, a diocese percebeu este descompasso entre a presença da Igreja Católica no Grande ABC e a realidade em que vivíamos. Para continuar a ser sal, luz e fermento nesta massa, nesta realidade, a partir da constatação da caminhada pastoral da Diocese, seus sete Planos Diocesanos de Pastoral e as Assembleias Diocesanas anteriormente realizadas, houve consenso que era o momento de celebrar um Sínodo Diocesano para aprofundar a escuta dos católicos nas comunidades, bem como se fazia necessário compreender a relevância da Igreja na realidade social do Grande ABC.

3. Pastoral da acolhida no caminho sinodal diocesano

Dom Pedro Carlos Cipollini ao convocar o Sínodo Diocesano, em 13 de novembro de 2016, com o lema “O sonho missionário de chegar a todos” (*Evangelii Gaudium*, 31), expressa a decisão da Diocese de escutar a todos e de convidar aos fiéis das comunidades paroquiais a permanecerem em constante estado de missão/evangelização, respondendo assim aos desafios pastorais da Igreja no Grande ABC.

A primeira etapa do Sínodo Diocesano empenhou-se em conhecer cientificamente nossa realidade, através de uma pesquisa. Para isso, contratou-se os serviços do Instituto de Pesquisa da Universidade de São Caetano do Sul. A pesquisa foi realizada durante três meses ouvindo mais de três mil pessoas das sete cidades que formam a Diocese. Foram ouvidos católicos, evangélicos, espíritas, pessoas sem religião, que forneceram um retrato da realidade política, econômica, cultural e religiosa do Grande ABC, dando substrato para a realização do Sínodo. Nela, diagnosticou-se a necessidade de trabalhar a questão da acolhida na Igreja. Mais da metade dos católicos entrevistados, sugeriu maior proximidade e melhor acolhida com a comunidade, sem preconceitos.

O Sínodo, tendo recebido os resultados da pesquisa com os interlocutores externos, também ouviu os membros, na época, das 101 paróquias do Grande ABC,



através de uma consulta feita aos agentes de pastorais. Desta fase participaram 27 mil pessoas, que deram seu parecer em reuniões com as pastorais, movimentos e associações em nível de comunidade, paróquia, região pastoral e diocese. (cf. Constituição Sinodal 44).

Ao fim deste processo, constatou-se que a mentalidade da sociedade na qual estamos inseridos influencia nossa vida pessoal, familiar, profissional e nossa vivência de fé. Cada dia torna-se mais difícil uma relação interpessoal, estamos muito próximos das pessoas e, ao mesmo tempo distantes, embora na mesma residência, no mesmo meio de transporte, no mesmo trabalho ou até na mesma comunidade. As mídias sociais aproximam pessoas distantes e distanciam pessoas próximas, levando-as a se conectarem com realidades diferentes daquelas nas quais vivem. Este é um grande desafio para a realização do “sonho missionário de chegar a todos”. A Diocese de Santo André, inserida em uma realidade urbana, é desafiada a abrir seus espaços para elaborar uma proposta de pastoral que responda às inúmeras necessidades das pessoas que vivem neste contexto.

O ponto de partida para o anúncio do Evangelho é o sentir-se acolhido em sua realidade, tal qual ela é. Vemos aí a importância da Acolhida no caminho sinodal diocesano, mas não qualquer acolhida, acolher como Jesus acolhia: com compaixão, sem julgamentos, valorizando a dignidade da pessoa, tal como nos diálogos de Jesus com a Samaritana, com a mulher adúltera, com Zaqueu, entre outros. Acolher exige sair de si e vencer o egoísmo, que nos fecha em nossos preconceitos, que faz de nós o centro do mundo, para abrir-nos ao outro, descobri-lo e encontrá-lo. Escutar o outro com o coração: isto é acolher.

Neste contexto, percebemos o quanto é fundamental o empenho na formação e no acompanhamento espiritual do agente de pastoral para que possa ser o anunciador, o comunicador do Evangelho, que salva e liberta, conduzindo o acolhido a acolher Jesus Cristo em sua vida, criando com Ele uma relação interpessoal. Assim, mais do que uma pastoral, trata-se de uma cultura, uma vez que a acolhida deve ser uma dimensão presente em toda ação pastoral da Igreja, pois “acolher bem é evangelizar”.



CAPÍTULO III
ACOLHER A TODOS
OS ROSTOS DE DEUS



1. ACOLHER A TODOS

“Há uma incompatibilidade entre a realidade de exclusão na qual vivemos e o Reino da Vida para todos, pregado por Jesus.” (Constituição Sinodal, 5).

Durante o processo sinodal, o Espírito suscitou em nossa Diocese a constatação desta triste realidade, onde o amor mútuo, o acolhimento, a amizade, a empatia não são sentimentos comumente cultivados e vividos em nossas realidades.

Estamos em uma encruzilhada, não podemos caminhar do mesmo jeito, que caminhávamos antes, só “porque sempre foi assim”. Temos que ter como horizonte o Reino que, devemos recomeçar sempre como em um novo Pentecostes, que nos impulse a uma conversão pastoral, uma renovação eclesial, uma Igreja da acolhida e em estado permanente de missão, que tem como meta o Reino da Vida plena para todos. A comunidade eclesial é protagonista na realização dessa missão, pois esta é a vocação da Igreja. O que o Espírito Santo nos propõe não é um excesso de ativismo, mas uma atenção individualizada e acolhida do outro.

Em nosso processo sinodal emergiram muitas realidades constituídas por uma diversidade de rostos, pessoas que precisam olhadas com cuidado especial por nossa Igreja diocesana.

A seguir são destacados alguns desses rostos, com intuito de nos trazer luzes, para que em nossa ação pastoral, possamos construir esse Reino de vida plena para todos.

1.1 Compreender a depressão para acolher sem preconceito

Atualmente, é muito comum encontrarmos pessoas que estão passando por momentos difíceis de saúde mental. Pode-se dizer que saúde mental é um estado de boa adaptação, com uma sensação subjetiva de bem-estar, prazer de viver e uma sensação de que o indivíduo está exercendo os seus talentos e aptidões. Por outro lado, pessoas que estão vulneráveis, sofrem muito por diversas situações. O tema da depressão, tornou-se algo relevante a ser refletido, pois a depressão é uma doença que afeta muitas pessoas de todas as idades, gêneros e etnias. Em muitas ocasiões, em nossas comunidades, teremos que lidar com pessoas que estão passando pelos mais variados tipos de vulnerabilidade, inclusive por quadros depressivos. Nem todos são psicólogos, nem especialistas em saúde mental, de modo que não será possível tratar ou resolver estas demandas que surgem nas portas das igrejas, nem mesmo esgotar um assunto tão amplo. É importante, porém, saber identificar algumas questões e apontar algumas pistas de reflexão, para melhor acolhermos.

A depressão não pode ser confundida com tristeza. É uma psicopatologia caracterizada por humor deprimido ou falta de motivação, perda de interesse,



prazer e cansaço ou fadiga. Além disso, alteração no peso corporal (ganho ou perda de peso significativo), prejuízo no sono (insônia ou hipersonia), agitação ou retardo psicomotor, sentimento de inutilidade ou culpa, baixa capacidade de concentração ou tomada de decisão e/ou ideação suicida, são outros sintomas relevantes no diagnóstico da depressão (APA, 2004; CID-10, 1993).

O episódio depressivo pode ser classificado como leve, moderado ou grave. Essa classificação varia de acordo com o número, gravidade e tempo de apresentação dos sintomas (APA, 2004). O desenvolvimento ou aparecimento dos sintomas que caracterizam a depressão, comumente, estão associados à presença de um evento aversivo, como, por exemplo, situações de estresse, descontentamento na realização de atividades cotidianas (trabalho, casa, família) e perda de algo ou alguém significativo para o indivíduo (morte de um ente querido, fim de um relacionamento, perda do emprego, aposentadoria, saída dos filhos de casa, por exemplo).

Embora o risco de ter depressão seja maior entre as pessoas com histórico da doença na família, também os maus hábitos comportamentais (como dormir pouco e cultivar pensamentos negativos), podem favorecer uma crise ou agravar ainda mais um quadro, já em desenvolvimento. Por isso, adotar atitudes mais saudáveis e positivas protege o corpo contra os sintomas da depressão, mas é preciso buscar tratamento depois que a doença se instala.

Fiquemos atentos com algumas frases, que pessoas depressivas podem afirmar:

- “Eu não sei para que continuar vivendo”;
- “Acho que já vivi o suficiente”;
- “Minha vida não é tão importante assim”;
- “Tenho certeza de que se eu morrer ninguém vai sentir minha falta”;
- “Não sei por que nasci”;
- “Tenho vontade de sumir”;
- “Vou deixar logo vocês em paz”;
- “Queria nunca mais acordar”.

1.2 Compreender o suicídio para acolher sem preconceito

Suicídio é o ato intencional de tirar a própria vida. Pensar em suicídio é se entregar a uma busca incansável dos porquês, é refletir sobre quais sentimentos, faltas, lacunas ou mistérios rondavam aquela existência. Muitos questionamentos surgem, como, por exemplo, por que as pessoas se matam, o que aconteceu com aquela pessoa para desistir de viver e se matar, etc. Isto conseqüentemente nos leva a uma busca por respostas no sentido de aliviar o sofrimento e a sensação de



indignação e inconformismo, por alguém ter decidido acabar com sua própria vida.

Algumas vezes surgem frases e perguntas perturbadoras sobre o assunto do suicídio, tais como a terrível afirmação que suicídio é falta de fé ou falta de Deus. Isto não é verdade, nunca devemos tratar desse assunto de forma tão simplista ou fundamentalista.

É fundamental refletirmos este tema sem preconceitos e amplificarmos na saúde pública ações de prevenção e cuidado, este deve ser um movimento cotidiano. Pensando nisso, foi criado o “Dia Mundial da Prevenção do Suicídio” celebrado em 10 de setembro e referenciado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). A data remete a um compromisso global para chamar atenção para a prevenção do suicídio.

Segundo a OMS, o suicídio continua sendo uma das principais causas de morte no mundo, sendo responsável por uma em cada 100 mortes, e se configura como um problema de saúde pública. É um fenômeno complexo, multifacetado e de múltiplas determinações, que pode afetar indivíduos de diferentes origens, classes sociais, idades, etc.

Consolidar um diálogo sobre ideias, verbalizações, tentativas e suicídios consumados, apenas justificando em causas individuais e em transtornos psiquiátricos, é simplista demais.

É preciso prevenção, detecção e resposta, sobretudo uma discussão aberta sobre saúde mental também nas casas, nas escolas e nos locais de trabalho. Um movimento voltado para a população em geral e grupos de risco, facilitando a conscientização e rompendo com as barreiras para a busca de ajuda, destacando que a maioria das tentativas ou dos suicídios concretizados manifestam sinais verbais ou comportamentais, que funcionam com alertas.

Diante deste panorama onde o suicídio ainda é tratado como tabu, surge a necessidade de desmistificar o tema, levando em consideração o trauma que o suicídio acarreta ao meio social. Como se trata de um assunto polêmico, gerador de muita angústia, é preciso sensibilizar a sociedade para a importância de um olhar menos amedrontado e mais acolhedor, onde o sofrimento do outro possa ser mais escutado, possibilitando intervenções.

É preciso enfrentar o assunto, discuti-lo, criar fatores de proteção, promovendo a conscientização, retomando o planejamento e a adoção de políticas de redução de danos. As ações de saúde nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPs), devem ocorrer incluindo abordagem multiprofissional, com profissionais da Psicologia, Enfermagem, Medicina, Terapia Ocupacional, Serviço Social, entre outros e também a nós como comunidade de fé, acolher o assunto e



refleti-lo à luz da saúde e da fé.

O assunto sobre suicídio é muito amplo, pois para garantir saúde mental e prevenir o suicídio é fundamental que os direitos sociais sejam garantidos, fazendo valer e cumprir os preceitos do Artigo 6º da Constituição Federal, que define e enumera quais são os direitos sociais: à educação, à saúde, à alimentação, ao trabalho, à moradia, ao transporte, ao lazer, à segurança, à Previdência Social, proteção à maternidade e à infância e a assistência aos desamparados. Isto é com certeza o mínimo que uma pessoa precisa para viver com dignidade e com saúde. A fé é um fator a mais que a pessoa possui para enfrentar as situações difíceis da vida.

Nossa comunidades, além de buscar a compreensão sobre o suicídio tendo em vista sua prevenção, deve também acolher os familiares das vítimas, sendo fiéis na escuta e agentes da esperança, sem preconceitos.

Nota-se, que ainda existem muitas dúvidas sobre as celebrações exequiais de pessoas que se suicidaram. De fato, na legislação canônica anterior, promulgada em 1917 pelo Papa Bento XV, incluía os que se suicidam dentre aqueles aos quais se deveria negar a sepultura eclesiástica e, por consequência, negavam-se igualmente a missa exequial (missa de corpo presente) e também aquelas por ocasião do aniversário de morte e outros ofícios fúnebres públicos.

A legislação canônica de 1917 foi revogada aos 25 de janeiro de 1983, com a promulgação do novo Código de Direito Canônico, por São João Paulo II, que estabelece em seus cânones 1183-1185 os casos nos quais “se deve conceder ou negar as exéquias eclesiásticas”. Entre os casos nos quais se deve negá-las, não estão inclusos os casos de suicídio.

Assim, deve-se lidar com esta questão com benignidade, evitando escândalos na comunidade, acolhendo os familiares enlutados, sem proibir a celebração dos sufrágios, como a “missa de sétimo dia”.

1.3 Acolher as lideranças pastorais

O acolhimento às lideranças pastorais na Igreja é um aspecto essencial para se constituir uma comunidade engajada. Lideranças pastorais desempenham um papel vital na orientação espiritual, educação religiosa, apoio e valorização à comunidade. Esse acolhimento diz respeito a todos os responsáveis pela evangelização na paróquia: clero, religiosos, coordenadores e agentes. Quando as lideranças se sentem apoiadas e valorizadas, elas são mais capazes de desempenhar efetivamente seus papéis na comunidade. Ressalta-se que este apoio e valorização devem acontecer não apenas pelos padres e coordenadores, mas entre os próprios membros das comunidades,



que devem ter iniciativas de ir ao encontro do outro. Isso implica em atitudes cotidianas de amizade, afeto, respeito e cuidado, das quais se pode destacar algumas pistas concretas:

- **Comunicação e convite:** mantenha uma comunicação aberta e regular com os agentes pastorais. Envie convites claros e cordiais para reuniões, formações e eventos da comunidade;
- **Formação contínua:** ofereça oportunidades de formação e capacitação para os agentes pastorais. Isso pode incluir cursos de teologia, espiritualidade, pastoral, liderança e outros temas relevantes;
- **Reconhecimento e valorização:** reconheça e valorize o trabalho dos agentes pastorais. Celebre seus sucessos, realizações e dedicação à comunidade, que pode ser feito por meio de palavras de apreço, mensagens e homenagens;
- **Ouvir e responder:** esteja aberto a ouvir as preocupações, ideias e sugestões dos agentes pastorais. Crie um ambiente onde eles se sintam à vontade para expressar suas opiniões e saibam que suas contribuições são valorizadas;
- **Definir expectativas claras:** ao acolher novos agentes, explique claramente suas responsabilidades e expectativas. Isso ajuda a evitar mal-entendidos e promove a comunhão e a partilha da missão;
- **Inclusão e diversidade:** garanta que os agentes pastorais representem a diversidade da comunidade. Incentive a participação de pessoas de diferentes idades, gêneros, origens étnicas, culturas e perspectivas;
- **Compartilhamento de responsabilidades:** distribua as responsabilidades de forma justa entre os agentes pastorais, permitindo que todos tenham a oportunidade de contribuir de acordo com seus talentos e habilidades;
- **Espaço para crescimento espiritual:** promova um ambiente que permita o crescimento espiritual. Isso pode incluir retiros espirituais, encontros de oração e reflexão;
- **Transparência:** mantenha os agentes pastorais informados sobre questões financeiras e outras relacionadas à comunidade, pois isso ajuda a construir confiança e transparência.

1.4 Acolher o clero

“Cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos estabeleceu como guardiões, como pastores” (At 20,28).

Quem zela por aqueles que estão na posição de cuidadores? Essa indagação surge frequentemente no coração daqueles que dedicam suas vidas ao cuidado de outras vidas humanas. É universalmente reconhecido que a missão do bispo, do



padre e do diácono transcendem uma mera profissão. No entanto, é incontestável que eles desempenham o papel de guardiões de vidas. Várias são as dimensões que fazem parte do desenvolvimento do ministro ordenado:

- **Dimensão humano-afetiva:** este âmbito busca aprimorar o desenvolvimento pessoal em sua totalidade, superando quaisquer tendências egoístas e resistências ao mundo exterior;
- **Dimensão comunitária:** esta dimensão requer que o indivíduo experimente a vida em comunhão de maneira enriquecedora, demonstrando apreço, aceitação, serviço e amor por todos;
- **Dimensão espiritual:** essa faceta leva a pessoa a se identificar profundamente com a natureza de Jesus Cristo, estabelecendo uma conexão íntima com sua essência;
- **Dimensão intelectual:** esta dimensão visa fortalecer a fé por meio da compreensão da Palavra de Deus, dos ensinamentos da Igreja e do estudo da filosofia e teologia. Isso permite encarar os desafios contemporâneos com base sólida;
- **Dimensão pastoral-evangelizadora:** essa dimensão visa orientação do Povo de Deus para que sejam verdadeiros discípulos missionários de Jesus Cristo, que se dediquem intensamente à tarefa de evangelizar, especialmente aqueles que estão distantes da comunidade eclesial.

Cada uma dessas dimensões se entrelaçam, contribuindo para uma formação equilibrada e completa. Elas funcionam em conjunto para nutrir e capacitar os padres a cumprirem sua missão pastoral de maneira profunda e significativa. Diante dessa complexidade exposta, a Igreja no Brasil tem buscado formas de acolher e apoiar os ministros ordenados.

A Pastoral Presbiteral, por exemplo, foi criada a partir dessa necessidade. Na Diocese de Santo André, a Pastoral Presbiteral busca ser esse apoio aos presbíteros, a partir de um conjunto de iniciativas, programas e cuidados: aconselhamento e orientação espiritual, formação, retiros e momentos de oração para renovação espiritual, cuidado com a saúde mental e emocional, assistência a questões de ordem prática para o exercício do ministério, apoio nos momentos de crise, promoção da comunhão fraterna, entre outras iniciativas que contribuam para que os presbíteros sejam sustentados, nutridos e fortalecidos em todas as áreas de sua vida e ministério.

É de extrema importância também que os padres se acolham e se apoiem uns aos outros. O apoio entre os membros do presbitério fortalece o grupo como um todo. Esta relação fraterna pode fortalecer um ambiente de confiança, solidariedade e crescimento mútuo, uma vez que compartilham de uma compreensão única das responsabilidades e desafios do ministério. Também a Comissão Diocesana de Diáconos Permanentes busca suprir essa necessidade de apoio, incentivo e acompanhamento entre os diáconos.



Dos leigos também se espera uma postura de acolhimento para com o clero. Os leigos desempenham um papel fundamental em oferecer suporte emocional, prático e espiritual aos pastores, por meio da oração, escuta, encorajamento, presença companheira e amiga e participação ativa na comunidade.

1.5 Acolher as crianças em tempo de catequese

Recepcionar bem na porta da igreja na hora da missa é muito importante e, talvez, seja o primeiro passo, mas a acolhida não pode se limitar a essa ação. Já imaginou o que aconteceria se você desse uma bonita festa, acolhendo bem os convidados quando chegassem, mas, uma vez dentro dela, começasse a maltratá-los ou ignorá-los? Eles logo abandonariam a festa e nunca mais aceitariam seu convite. A mesma coisa ocorre na comunidade. Receber bem os que chegam para a celebração é de suma importância, mas, depois disso, vem a parte mais desafiadora da acolhida: fazer com que as pessoas, que simpaticamente recebemos, continuem sendo alvo da nossa atenção e simpatia. Isso nem sempre é fácil, porque a comunidade é também lugar de conflitos e contendas. Só com o amor e o respeito humano as nossas diferenças e limitações, são capazes de superar as fases mais desgastantes dos relacionamentos, que ocorrem no dia-a-dia da comunidade paroquial.

Uma das fases da vida que mais nos deixam marcas é a infância, momento bonito da vida, mas com grandes riscos. Nesta fase, a criança precisa se sentir acolhida, querida, amada e segura, para que o seu desenvolvimento aconteça de forma sadia. Existe um pensamento que diz: “a vida dá mais do mesmo”, essa é uma ideia interessante, ainda mais quando falamos de crianças, pois sabemos que nos primeiros anos de vida a criança aprende por repetição e pela imitação, os adultos são as grandes referências, ou seja, crianças que recebem afeto, ternura, cuidado, certamente conseguirão expressar sentimentos positivos e relações positivas, o contrário também é verdadeiro, agressões certamente vão gerar comportamentos agressivos.

O Documento 107 da CNBB, sobre a Iniciação à Vida Cristã, nos seus números 211 a 213, trata da catequese com crianças. Sua maneira de tratar o tema é um esforço, em linhas gerais, de apresentar as características da relação que a criança pode ter com a fé, com Deus e com a comunidade. No geral, a exposição do documento deixa como apelo a necessidade de se conhecer e acolher a infância para oferecer uma catequese adequada. Este é um dos grandes desafios da Igreja hoje, a necessidade de uma boa acolhida, ainda na infância, quando a criança está se despertando para o mundo em todos os sentidos.

Sabemos que muitas comunidades começam uma catequese na primeira infância,



de 3 a 6 anos mais ou menos, mas é na segunda infância que comumente as nossas comunidades acolhem uma criança para o itinerário da catequese. Neste momento elas já desenvolveram muito de sua identidade, e estão num processo de construção e formação da sua personalidade, por isso é importante acolhê-las muito bem, escutá-las, valorizar suas experiências, estabelecer um diálogo que dê importância ao que trazem e suas vivências. Em situações de dor, de medo, de indisciplina, aparecem oportunidades não para julgar, mas para motivá-las e ajudá-las no processo de discernimento e encorajamento. Não há dúvida que uma boa acolhida, envolvida de motivações positivas, faz com que queiram permanecer na Igreja.

Portanto, estamos convencidos que a catequese com a infância não requer só um bom itinerário com conteúdos a serem cumpridos, mas um ambiente que valorize a criança, acolha bem, envolva sua família e desenvolva em todos um amor a Jesus e à sua Igreja, que acolhem sempre. Cada vez mais insiste-se na conscientização de que a catequese com crianças não deve ser só para receber os sacramentos, mas sim algo que conduza para viver a fé na comunidade eclesial e ser testemunha de Jesus Cristo, que foi mestre em acolher a todos.

1.6 Acolher os adultos em tempo de catequese

Uma coisa é certa, ninguém permanece em um lugar onde se sente mal, onde não é bem recebido. Quando alguém se decide por fazer parte da comunidade de fé, via de regra, é por causa da acolhida que lhe é dada. Ninguém fica em um ambiente, onde não consegue fazer amizade.

Os adultos que vêm em busca da catequese, vêm porque fizeram uma opção, uma escolha madura de viver a fé cristã. Diante disso, sem desvalorizar o conjunto dos processos, pois todo o Itinerário da Iniciação à Vida Cristã é relevante, o primeiro momento traz consigo algo importante a partir de uma necessidade antropológica, que é a acolhida. Nesse primeiro momento evangelizador, é preciso investir forças vivas na presença e no acompanhamento, pois os catequizandos adultos devem, de fato, ser acolhidos e acompanhados pessoalmente, precisam receber o anúncio do Mistério Pascal de Cristo, que é capaz de transformar a vida dos que se deixam encontrar por Ele.

Acolher quer dizer, antes de tudo, reconhecer o caminho já percorrido pela pessoa, captar seus problemas de fundo, as questões últimas que podem se esconder atrás de perguntas aparentemente banais. Assim, por exemplo, atrás de expressões como: “gostaria de conhecer um pouco melhor o cristianismo” ou “meu filho vai fazer a primeira comunhão, mas eu não fui batizado e nem sequer vou à Igreja”,



aflorem, às vezes, intenções e momentos decisivos de vida.

Neste sentido, vale lembrar que a pedagogia da catequese com adulto deve estar preocupada na busca de novas estruturas pastorais de acolhida e de ações mais personalizadas, onde a atenção se volte para a pessoa. Vivemos no contexto de uma cultura que gera o anonimato e, muitas vezes, a solidão, no entanto, a pedagogia da catequese com adultos passa essencialmente pela acolhida generosa, o estar junto, a escuta gratuita. Hoje, a evangelização, antes de ser efetiva, deve ser afetiva, é aqui que são fornecidos os primeiros fundamentos da fé cristã.

Uma boa celebração da acolhida com as famílias e os catequizandos faz toda diferença no início da caminhada da catequese, e, talvez, seja o primeiro passo, mas a ação evangelizadora da catequese não pode se limitar a essa atitude. Mais do que em outras épocas, temos a necessidade de oferecer aos catequizandos e às famílias que nos procuram, como comunidade de fé, uma boa acolhida, fazer com que as pessoas se sintam em casa, como um lar aconchegante, lugar do encontro e da partilha.

O Documento de Aparecida explica a ação de Jesus, destacando a acolhida como um serviço fundamental na Igreja (Cf. n.353-357). Mostra que a acolhida feita por Jesus é um gesto de amor e que só quem ama acolhe aqueles que são vítimas do desamor. A acolhida provoca transformações mútuas.

Portanto, ao acolhermos, somos simultaneamente acolhidos e essa reciprocidade é transformadora, provocadora de situações que geram outros gestos de amor.

1.7 Acolher os jovens

Igreja e juventude não são realidades que se autoexcluem, como se pode pensar, apresentando a Igreja como uma realidade demasiadamente presa a um passado que a envelhece, enquanto a juventude buscaria novos ares em novos espaços extraeclesiais, por não encontrarem um lugar propício para si. Ao contrário, Igreja e juventude se complementam e, poderíamos até mesmo dizer, se identificam uma com a outra, por isso, se acolhem mutuamente.

Já há algum tempo que a Igreja, principalmente na América Latina, tem dedicado uma atenção especial aos jovens. Com a segunda Conferência do Episcopado Latino-americano, que ocorreu em 1968, em Medellín, a questão da evangelização da juventude já era uma preocupação eclesial. Para os bispos ali reunidos, a Igreja vê na juventude a constante renovação da vida da humanidade e descobre nela um sinal de si mesma.



A Conferência de Puebla, realizada em 1979, resgatou o tema da juventude e vai mais além, pois a juventude se tornou uma opção preferencial para a Igreja na América Latina, juntamente com os pobres, como podemos observar: “a Igreja confia nos jovens. Eles são a sua esperança. A Igreja vê na juventude da América Latina um verdadeiro potencial para o presente e o futuro de sua evangelização. Por ser verdadeira dinamizadora do corpo social e especialmente do corpo eclesial, a Igreja faz uma opção preferencial pelos jovens, com vistas à sua missão evangelizadora no Continente” (*Documento de Puebla*, 1186).

Em Santo Domingo, 4ª Conferência do Episcopado Latino-americano, a opção preferencial pelos jovens foi reafirmada. De acordo com os documentos de Santo Domingo, essa opção não deve ser apenas afetiva, mas também efetiva. Dessa forma, “isto deve significar uma opção concreta por uma pastoral juvenil orgânica, onde haja um acompanhamento e apoio real com diálogo mútuo entre jovens, pastores e comunidades” (*Documento de Santo Domingo*, 114). Na linha das conferências anteriores, também a Conferência de Aparecida sugeriu algumas linhas de ação para uma fecunda ação pastoral junto aos jovens, buscando dar “novo impulso à Pastoral da Juventude nas comunidades eclesiais (dioceses, paróquias, movimentos, etc.), assim como, privilegiar na Pastoral da Juventude processos de educação e amadurecimento na fé como resposta de sentido e orientação da vida, e garantia de compromisso missionário” (*Documento de Aparecida*, 446). Nisso tudo, pode-se verificar que os jovens são vistos pela Igreja como membros e filhos diletos.

A Igreja no Brasil tem assumido essa opção preferencial pelos jovens e buscado trabalhar com esse público específico, uma vez que “ser jovem, mais do que uma idade, é um estado do coração” (*Exortação Apostólica Christus Vivit*, 34). A juventude já foi tema de duas Campanhas da Fraternidade: em 1992, com o tema “Fraternidade e Juventude”, e lema “Juventude – caminho aberto”; e 2013, com o tema “Fraternidade e Juventude”, e lema “Eis-me aqui, envia-me”, e ainda, é tema recorrente nas Assembleias Gerais da CNBB. Como resultado dessa atenção da Igreja no Brasil para com os jovens, após dois anos de estudos, em 2007 a CNBB lançou o Documento 85, com o título “Evangelização da Juventude: Desafios e Perspectivas Pastorais”. Nele, logo no início, os bispos afirmam que “conhecer os jovens é condição prévia para evangelizá-los”. Como principal fruto desse documento, temos a proposta de “organizar uma articulação mais ampla – Setor Juventude – que envolva todas as forças que trabalham com os jovens” (*Evangelização da Juventude: Desafios e Perspectivas Pastorais*, 186).

A juventude é também uma preocupação constante do Papa Francisco, não à toa que, em 2018, reuniu o Sínodo dos Bispos para trabalhar sobre a juventude e

o discernimento vocacional. A partir deste encontro, o papa escreveu a Exortação Apostólica *Christus Vivit*, que merece ser bem lida e refletida por todos os que se dedicam no esforço pastoral com os jovens.

Atenta às necessidades da Juventude do grande ABC, a Diocese de Santo André, em 2009, instituiu o Setor Juventude Diocesano, com o objetivo de articular todas as pastorais, grupos, movimentos, associações e novas comunidades que possuam um trabalho específico com a juventude. Sem buscar descaracterizar nenhum desses organismos, o Setor Juventude quer ser um espaço de comunhão, participação e acolhida para toda a juventude diocesana, promovendo encontros e formações, visando uma maior interação de nossos jovens. Em nossa Diocese, o Setor Juventude pertence à “Área pastoral 2 – Para o laicato, a vida e família”, entretanto, o público está presente em todas as áreas pastorais identificadas pelo Sínodo Diocesano. Desde sua criação, a missão do Setor Juventude é acolher as mais diversas formas de se viver a juventude na Igreja.

Em nossas comunidades, ainda se pode perceber certa separação entre as gerações mais velhas e as mais jovens. Esta dicotomia deve ser superada, uma vez que os jovens podem beber da fonte da experiência de vida com os mais idosos, bem como podem oferecer a estes seu vigor e criatividade, que lhes são tão particulares o acolhimento mútuo entre estes, deve ser prioridade em nossas comunidades.

1.8 Acolher as famílias

Um dos núcleos principais de nossas comunidades de fé é a família, grupo que sempre recebeu especial atenção de toda a Igreja. A grandeza e a importância de tal instituição se manifestam, de modo especial, em um dos fundamentos da fé cristã: no mistério da Encarnação, Jesus escolhe nascer em uma família simples, sendo reconhecido publicamente por suas relações domésticas.

A vivência familiar tem como um dos seus pilares a celebração e a vivência cotidiana do Sacramento do Matrimônio, entendido como vocação, como dom ofertado por Deus para a santificação e a salvação dos esposos, na doação, recíproca de um ao outro, sendo um sinal da doação que o Cristo realizou em favor da humanidade. A família entendida nesta entrega mútua torna-se igreja doméstica, local onde o Cristo é acolhido e senta-se à mesa, partilhando das alegrias e dificuldades da vida familiar.

“A Igreja é família de famílias” (*Amoris Lætitia*, 87), afirmação constatável, mesmo que não haja a participação completa da família de um agente de pastoral na comunidade. Em nossa realidade diocesana, muitas famílias “apoiam e incentivam um



ou mais de seus membros a engajarem-se na vida eclesial, muitas vezes tornando-se para aqueles, canal de retorno à prática da fé para todo o seu núcleo familiar, inclusive de adultos ainda não evangelizados” (*Constituição Sinodal*, 197). Por isso, a acolhida das famílias dentro das comunidades é de fundamental importância, sem nunca desprezar as diversas realidades concretas dos participantes eclesiais para que nestas situações, das mais plurais possíveis, possa manifestar-se a graça de Deus.

Embora a Sagrada Família de Nazaré, Jesus, Maria e José, seja o modelo de amor, fidelidade e de superação de todas as adversidades, que podem surgir no contexto doméstico, bem como a existência de um ideal de vivência matrimonial estabelecido pela pregação de Jesus, a Igreja não pode se apartar do mosaico que compõe as realidades das famílias participantes da comunidade, com suas alegrias, dramas e sonhos, seguindo o exemplo do Cristo, que sabia se aproximar dos marginalizados fragilizados pelas dores do caminho familiar. Mais do que a ausência de falhas e erros, num estereótipo familiar perfeito, “o ideal cristão, nomeadamente na família, é amor que apesar de tudo não desiste” (*Amoris Lætitia*, 119), buscando a paciência, a oblação, o perdão e o suporte.

Nossa Igreja diocesana, atenta à realidade em que está inserida, está ciente de “que nos tempos atuais essa instituição, a família, atravessa graves crises e vive situações extremamente complexas” (*Constituição Sinodal*, 195), bem como das alegrias do amor provenientes da família. Em meio a tudo isso, sabe que Deus, é companheiro de todos estes contextos, e nós somos seus instrumentos, somos sua voz que anuncia e denuncia, colaborando para que a família possa fazer uma experiência de misericórdia e de acolhida do Deus que sempre vem em nosso auxílio.

A Igreja, conhecedora da humanidade, é chamada a partilhar as alegrias e esperanças, as tristezas e angústias das famílias de hoje, cuidando da integralidade da doutrina moral da Igreja, sem negligenciar o primado da caridade como resposta à iniciativa gratuita do amor de Deus, por todo ser humano e por todas as famílias. Como método para o acompanhamento das múltiplas realidades presentes no contexto familiar, que se manifestam de modo especial nas paróquias, o Papa Francisco indica três verbos: acompanhar, discernir e integrar, sem esquecer-se de que a Igreja deve sempre trilhar o caminho da caridade na acolhida.

Para os jovens e solteiros, que ainda não contraíram matrimônio, é preciso realizar um acompanhamento para que possam descobrir a riqueza e o valor desta vocação, já que muitos até desejam viver juntos, mas sem confiança no matrimônio e adiando indefinidamente o compromisso conjugal.

Para aqueles que participam da comunidade e desejam receber o Sacramento do Matrimônio deve se ter um grande cuidado com a preparação remota e próxima,



em vista do sacramento, preocupando-se mais com a qualidade dos conteúdos abordados do que com a sua quantidade, realizando uma verdadeira iniciação no sacramento, que continuará a ser desenvolvida na vivência cotidiana em família. Após a celebração matrimonial, os esposos tornam-se protagonistas de suas histórias, o que não impede que haja um acompanhamento adequado neste período, já que nos primeiros anos de vida conjugal, podem aparecer crises, inseguranças e desafios, manifestando que o sacramento celebrado não é um fim, como algo acabado, mas que continua a ser construído.

O amor sempre gera vida, por isso, os filhos são gerados e acolhidos no ambiente familiar, impondo novas dinâmicas e ritmos à convivência doméstica, exigindo de seus pais novas atitudes, que acompanhem o desenvolvimento dos mais novos, possibilitando que possam assumir livremente o caminho pessoal de sua vida. Tal passo só conseguirá êxito pela dedicação à educação responsável dos filhos, visando a sua maturidade na idade adulta, sem que tal realidade educativa seja realizada exclusivamente por outros grupos, como a escola ou os meios de comunicação. Além dos filhos, a fecundidade do amor conjugal se manifesta em cada momento que a família testemunha, com a vida e a palavra, a mensagem evangélica, buscando das mais variadas formas, manifestar o amor de Deus ao mundo.

Outro caso que aflige as famílias são os divórcios e os casos de segunda união, casos extremos que não representam o ideal evangélico proposto para os matrimônios, que se apresentam em situações concretas muito diferentes e “que não devem ser catalogadas ou encerradas em afirmações demasiado rígidas, sem deixar espaço para um adequado discernimento pessoal e pastoral” (*Amoris Lætitia*, 298). O caminho a ser realizado é a lógica da acolhida e integração, percebendo e descobrindo modos de participação destes batizados, para que não se sintam fora da comunhão com a Igreja. No acompanhamento pastoral, os clérigos e lideranças devem verificar a gradualidade com que a pessoa dá passos para cumprir as exigências objetivas da lei.

Além destes casos, a Igreja pode colaborar para a criação de uma rede de cuidado, acolhimento e integração em diversas situações que afligem outras famílias, como as famílias caídas na miséria, as famílias migrantes, “as mães solteiras, as crianças sem pais, as mulheres abandonadas que devem continuar a educação dos seus filhos, as pessoas deficientes que requerem muito carinho e proximidade, os jovens que lutam contra uma dependência, as pessoas solteiras, separadas ou viúvas que sofrem a solidão, os idosos e os doentes que não recebem o apoio dos seus filhos” (*Amoris Lætitia*, 197). As estruturas e comunidades paroquiais devem oferecer a estes, acolhida, apoio, conforto e ajuda. Cabe a nós pensar e desenvolver



organismos pastorais para que as mais diversas realidades familiares encontrem aconchego na comunidade eclesial.

Juntamente com o Papa Francisco, rendamos graça a Deus “porque muitas famílias, que estão bem longe de se considerarem perfeitas, vivem no amor, realizam a sua vocação e continuam para diante, embora caíam muitas vezes ao longo do caminho” (*Amoris Lætitia*, 57). A certeza de que o Senhor nos envia e nos acompanha no processo de acolhida das famílias, deve ser o impulso necessário para que empenhemos nossas ideias e energias neste bonito propósito.

1.9 Acolher os enlutados

Nos dias de hoje, a morte ainda é vista como um tabu, cercada de mistérios e de crenças, e as pessoas, frequentemente, não se encontram preparadas para lidar com a finitude humana. Ainda mais quando a morte ocorre de forma trágica e repentina, tende a causar inúmeras alterações na vida de uma pessoa, acarretando, muitas vezes, prejuízos e modificações, principalmente nos funcionamentos emocionais e cognitivos.

Para nós cristãos, a morte, o fim desta vida terrena, nunca é entendido como fim da vida, mas como um momento que devemos também viver. Sempre ouvimos falar da passagem neste mundo, mas vale a pena pensarmos que não estamos neste mundo de passagem, pois, quem passa não é nada, não faz nada, não deixa nada. Estamos neste mundo a serviço e um dia voltaremos para Aquele que nos moldou em sua mente e coração. Sabemos que a morte é a única certeza de nossas vidas, certeza esta, que vem da constatação da finitude da vida para esta realidade da nossa história.

Na cultura ocidental, a ideia de morte vem acompanhada de grande pesar, medos e angústias, muitas vezes expressos nas seguintes frases: “deste mundo não se leva nada”, “estamos de passagem mesmo”, “perdi meu pai, perdi minha mãe”. Tais ideias muitas vezes dificultam encarar a morte como um processo natural da condição humana, não se trata de uma perda, talvez precisássemos aprender muito ainda com a nossa proposta cristã, que nos convida a não nos desesperarmos: “Não se perturbe o vosso coração! Tendes fé em Deus, na casa do Pai há muitas moradas” (Jo 14,1-2).

Deveríamos cultivar não o sentido de perda, pois confiamos que nossos entes queridos estão em Deus. A despedida é necessária, e é preciso fazer um processo de luto, ao nos despedirmos de uma pessoa querida, por exemplo, além da angústia e tristeza, muitos correm o risco de se prenderem ao acontecimento da morte e esquecer toda a vida e todas as pessoas que estão à sua volta. Por um tempo, isto é



até normal, mas depois há a necessidade de recomeçar e transformar a tristeza em saudade. Saudade faz bem, pois é sinal de amor. “Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim” (Jo 14,6). O contexto do Evangelho de São João é o discurso de despedida de Jesus. Os discípulos se encontram desorientados diante das palavras do Mestre, de que ele vai partir, Jesus aponta-lhes a solução: caminhar na fé. Assim, os discípulos devem andar pelo caminho que é Jesus, viver na verdade dos seus ensinamentos, seguir sua pessoa que é Vida. O Caminho é ele, sua Palavra é a Verdade que conduz o ser humano a plenitude da vida. Credo desta maneira não haverá lugar para o desespero! Vamos dar mais um passo, e entender um pouco sobre o processo do luto.

1.9.1 O que é o Luto?

Para Freud, “luto é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade, o ideal de alguém e assim por diante”. Queremos ressaltar, a princípio, que o luto é um processo que se inicia com o desligamento, ou a perda propriamente dita e se desenrola até o período de sua elaboração – quando a pessoa enlutada volta-se, novamente, ao mundo externo após ter passado algum período dedicando sua energia aos processos internos de elaboração.

O que isto significa? Significa que todos temos um tempo para viver o luto, sentir falta, falar dos momentos vividos, esquecer que a pessoa falecida não está mais ali e sentir como se estivesse. O mais importante é esgotar o assunto, quando sentir vontade de falar do acontecimento, deixe a pessoa falar, escute apenas! Este é um processo natural do luto. O não falar, o esquivar-se do assunto, é fuga e isto pode se desencadear em transtornos psíquicos.

Para a psicologia, o luto, desde que seja superado, não é considerado uma condição patológica (doença psíquica), mesmo que traga consigo mudanças temporárias no estilo de vida de quem o vivencia, tal como a perda de interesse por atividades do cotidiano e pelo convívio social.

Cada pessoa vive de um jeito diferente o luto, reage ao luto de forma distinta, variando de acordo com sua estrutura emocional, vivências e capacidade de resiliência para lidar com perdas. É fundamental que esse processo de luto seja vivenciado até que ele seja superado, para que a dor, de não ter mais a pessoa presente de forma física, não fique reprimida e se manifeste posteriormente como algum outro sintoma. Tal processo se dá de forma lenta e gradual, com período de duração variável para cada pessoa.



A superação do luto se inicia quando o enlutado passa a construir um novo tipo de vínculo com a pessoa morta, fazendo com que a relação seja preservada em outro patamar. Nesses casos, a pessoa falecida pode passar a ser internalizada, continuando, assim, a viver no mundo interno do enlutado. O sofrimento passa a ser menos intenso, e a pessoa enlutada passa, no geral, a buscar resgatar laços sociais, retomando vínculos antigos e construindo novas relações.

É claro que podem ocorrer recaídas, principalmente em datas que lembram a pessoa falecida, como aniversários de nascimento ou de morte. Nesses casos, a acolhida, o apoio e a compreensão, tanto dos amigos, da comunidade eclesial, quanto dos familiares, ajudarão a fazer do processo de enlutamento algo mais suportável.

Quem quiser encontrar-se com Jesus e com o Pai, tem de sair do egoísmo e fazer da sua vida neste mundo um dom a Deus. Para isso será necessária a fé. É a fé que não deixa o discípulo perturbar-se no sofrimento, na desilusão da vida. Quem tem fé segue, caminha em comunhão com o Pai, em Jesus e na força do Espírito Santo. É o Espírito do Senhor ressuscitado que renova e transforma o coração da pessoa, levando-a cada dia, a tornar-se Pessoa Nova, que vive na obediência a Deus e no amor aos irmãos. Vale a palavra de Jesus que ressoa em nós: “Não perturbe o vosso coração, tendes fé em Deus”.

1.10 Acolher os enfermos

Lidar com a enfermidade requer muito cuidado e empatia, é entender que o outro necessita da sua ajuda e cuidado num momento difícil da vida. Devemos ter paciência em acolher e exercer esse cuidado de humanização com o outro e saber ouvir a dor que persiste. A dedicação com os enfermos vai muito além de tratamento técnico de saúde, mas abrange também a dor espiritual causada por uma condição física limitada.

Como Igreja da acolhida e em missão, é necessário encorajarmos espiritualmente os doentes, fazendo-os compreender que não estão lutando sozinhos. Precisamos estar preparados para não deixarmos o nosso próximo se ferir por se sentir abandonado, consumido pela enfermidade. Numa visão cristã, sabemos que os enfermos necessitam da força que vem de Deus. Em cada visita que Jesus realizava, Ele garante a vida plena, com simples palavras e gestos. Ao iluminar a vida dos doentes com a misericórdia, alivia os cansaços causados pelos pesados fardos provocados por suas enfermidades. Como discípulos de Jesus, com pequenos gestos, orações e dedicação, também podemos manifestar a presença amorosa de Deus ao levarmos alívio para quem está sofrendo.



Neste sentido, nossas comunidades cumprem sua vocação missionária ao manter com máxima dedicação o cuidado aos enfermos. Tantos são os padres, diáconos, ministros extraordinários da comunhão e agentes de pastorais que visitam os doentes e levam-lhes a comunhão eucarística. Também é necessário um olhar atento para acolher em nossas assembleias celebrativas tantos irmãos e irmãs que se encontram em tratamento de saúde, muitas vezes com mobilidade reduzida, por exemplo. A atenção que dedicamos ao irmão que sofre, é a atenção que oferecemos ao próprio Cristo: “Estive doente e cuidaste de mim” (Mt 25,36).

1.11 Acolher os idosos

Tanto os documentos do Magistério da Igreja, quanto o nosso Sínodo Diocesano, enfatizam a dinâmica da acolhida para com todos. Tais documentos também reiteram a necessidade de valorizar e cuidar dos idosos, acolhendo-os com amor cristão e reconhecendo-os como uma riqueza para a sociedade e para a Igreja.

A Igreja Católica e, em especial, a Diocese de Santo André, tem uma longa história de envolvimento no cuidado e acolhimento dos anciãos em suas comunidades. O respeito e a atenção a eles são valores fundamentais da doutrina católica, refletindo a importância da vida humana em todas as suas fases, inclusive na velhice. Não são poucas as pastorais e movimentos em nossas paróquias que desenvolvem o cuidado e a acolhida com os idosos. Esse é o caso dos Ministros Extraordinários da Comunhão, que acolhem os impossibilitados de ir à missa; a Legião de Maria, o Apostolado da Oração e demais movimentos que fazem visitas e acolhem os mais velhos em momentos de oração e partilha; ou mesmo a própria Pastoral da Pessoa Idosa, que se empenha sobremaneira na acolhida e proximidade com os idosos mais vulneráveis.

Acolhida aos idosos podem envolver várias dimensões:

- **Valorização da sabedoria e experiência:** os idosos devem ser respeitados e valorizados por sua sabedoria e experiência acumulada ao longo dos anos. Suas histórias e vivências devem ser reconhecidas como tesouros, que enriquecem a comunidade e ajudam na formação das gerações mais jovens. Acolhê-los bem é valorizar tudo o que são e tudo o que eles têm a oferecer para o crescimento da Igreja;
- **Espiritualidade e oração:** as comunidades devem encorajar os idosos a manterem uma vida espiritual ativa e uma relação profunda com Deus por meio da oração, sacramentos e participação na comunidade de fé. Muitos idosos devem ser incentivados a participar de grupos de oração, retiros espirituais e missas dedicadas a eles, pois muitos deles são um verdadeiro modelo de oração e espiritualidade para nossas paróquias;



- **Assistência social e caridade:** a Igreja, com suas várias instituições e programas dedicados ao cuidado dos idosos deve preservar a cultura do acolhimento, especialmente aqueles que são vulneráveis ou enfrentam dificuldades financeiras. Essas instituições devem buscar proporcionar assistência social, cuidados médicos e apoio emocional aos anciãos em situações de necessidade;
- **Comunhão e integração:** a Igreja deve promover ainda a inclusão dos idosos na vida comunitária, incentivando sua participação ativa em eventos e atividades paroquiais. Isso pode incluir grupos de estudo, eventos culturais, momentos de lazer, entre outros;
- **Visitação pastoral:** muitas paróquias têm equipes pastorais que realizam visitas regulares em suas casas, lares de idosos ou hospitais. Essas visitas devem oferecer apoio espiritual, escuta atenta e companhia, proporcionando uma conexão com a comunidade eclesial.

Alguns gestos concretos podem ser observados em nossas paróquias que merecem destaque no acolhimento aos idosos:

- Garantir que em nossas comunidades haja cuidado com a acessibilidade exigida para os idosos, como rampas, corrimões de apoio, piso antiderrapante etc.;
- Atenção especial às pessoas com mais idade que chegam às celebrações, buscando acomodá-las nos bancos e auxiliando-as na locomoção, quando necessário;
- Assegurar os sacramentos e momentos de oração aos que já não podem frequentar a igreja;
- Valorizar os idosos, sobretudo em datas importantes como o Dia Mundial dos Avós e dos Idosos, organizando momentos especiais.

1.12 Acolher as pessoas com deficiência

Segundo dados levantados, em 2019, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pelo menos 45 milhões de pessoas têm algum tipo de deficiência; quase 25% da população do país, declarou ter algum grau de dificuldade em pelo menos uma das habilidades investigadas (enxergar, ouvir, se locomover), bem como possuir deficiência mental/intelectual. Este é um número alto, que exige um cuidado especial para o acolhimento dessa parcela da sociedade.

A Igreja, por sua vez, reconhece a necessidade da inclusão da pessoa com deficiência, e se sente responsável por elas através da inclusão na catequese, na liturgia, nas atividades pastorais; destes que durante a maior parte da história humana, passaram por marginalização ou algum tipo de discriminação. Na Diocese de Santo André, temos um trabalho nesse sentido por intermédio do Setor Inclusão,



e busca-se levantar o número de pessoas com deficiência em nossas regiões, pois muitos vivem isolados do convívio da sociedade e da Igreja. O Setor Inclusão propõe trazer para o cotidiano das nossas comunidades boa parcela das pessoas com deficiência. Queremos vê-las inclusas em nossas comunidades e desejamos que haja respeito como a qualquer cidadão, só assim teremos uma Igreja cada vez mais acolhedora.

Podemos destacar quatro tipos de deficiências mais comuns: auditiva, intelectual, física e visual. Nem sempre a pessoa irá apresentar um grau amplo dessa deficiência, e por vezes pode apresentar mais de uma delas. A grande chave para saber lidar é paciência, calma e dedicação, saber ouvir a pessoa ou seus familiares, buscar informações confiáveis e estar prontos para auxiliá-las no que for preciso.

A vivência dentro da Igreja deve estar ao alcance para todos, e os sacramentos, sobretudo a participação plena na Santa Missa, devem ser acessíveis. É importante que a pessoa com deficiência seja inserida na pastoral da Igreja, seja na liturgia, na catequese ou nas mais diversas dinâmicas pastorais de nossas comunidades. Muitas vezes, a comunidade “rejeita” tais pessoas por não saber lidar com elas. É preciso conhecer um pouco de cada um para melhor acolher, sem superestimar a eficiência de uma pessoa com deficiência nem subestimar suas dificuldades. É importante ressaltar: ter uma deficiência não faz com que a pessoa seja melhor ou pior, somente impõe a necessidade de algum tipo de adaptação.

Procure informar-se ao máximo sobre: a deficiência da pessoa e suas possibilidades de participar das atividades da Igreja; a forma como os familiares encaram a deficiência e como a pessoa com deficiência lida com a sua família e os receios da família quanto à participação na comunidade eclesial. Exponha sempre suas dificuldades aos seus coordenadores e padres para que a pastoral da sua paróquia ou até mesmo o Setor Inclusão da Diocese, possa melhorar as estruturas existentes. Procure encontrar o melhor meio de lhe facilitar o acesso às atividades da Igreja, de modo que a pessoa, se sentindo incluída, tenha a segurança necessária para participar das atividades que mais se identifica, possa adquirir toda autonomia de que é capaz para viver sua vocação; desenvolva suas aptidões e adquira os conhecimentos necessários.

Uma dica infalível: seja sincero, honesto, tolerante, delicado e respeitoso, isso vale para sua boa relação com todos - pessoa com ou sem deficiência. Essas pessoas podem, segura e efetivamente, participar da vida da Igreja como quaisquer outras. No entanto, oferecer somente o acesso dessas pessoas à Igreja não faz com que elas estejam incluídas, é preciso um trabalho conjunto que atenda suas necessidades, de forma que elas possam participar do maior número possível de atividades e



experiências dentro das nossas comunidades. Não é somente oferecer adaptações, mas pensar na inclusão e interação entre todos, reconhecendo essa pessoa como parte do todo e não alguém à parte.

A Pastoral da Acolhida é o sorriso de boas-vindas da Igreja para os fiéis que muitas vezes chegam cansados e fatigados; é o cartão de entrada das nossas comunidades. É ali que muitos fiéis têm o seu primeiro contato com a Igreja e o seu primeiro “bom dia”. E é por isso que é de extrema importância para nossos acolhedores saber como receber ainda melhor nossos irmãos com deficiência, bem como seus familiares.

Muitos empecilhos para a participação na vida da Igreja se dão pelo fato de que os familiares da pessoa com deficiência, sobretudo quando essas são crianças, se sentem excluídos, seja pelos olhares de julgamento, a falta de calor receptivo ou a inexistência de estruturas físicas e pastorais, que dificultam a presença da pessoa com deficiência. Além de acolher bem os deficientes, devemos acolher calorosamente seus familiares.

Precisamos estar atentos para não sermos superprotetores ou negligentes. Procure saber o que a pessoa com deficiência pode fazer e incentive-a a participar. Faça-a encarar com naturalidade as ajudas necessárias, que devem ser dadas pela comunidade. Não as deixe de fora das atividades por não considerar importante a sua participação, por exemplo: nos retiros, encontros, vigílias, formações ou qualquer outra atividade que tiver na comunidade. Tenhamos como prioritário o convite do Papa Francisco para um Revolução da Ternura, sendo uma Igreja Samaritana.

O Setor Inclusão possui uma cartilha informativa sobre a inclusão na Igreja, sobre os tipos de deficiência e as formas que podemos desenvolver nosso acolhimento e a inclusão da pessoa com deficiência e seus familiares. Para ter acesso, basta entrar em contato com o Setor Inclusão da nossa Diocese de Santo André. O Capítulo 12 do Diretório Diocesano de Liturgia, também possui informações importantes sobre como acolher a pessoa com deficiência na liturgia, disponibilizamos também o ABC Litúrgico em braille para aqueles que necessitam.

1.13 Acolher as autoridades civis

As autoridades de nossa sociedade foram instituídas para caridade e serviço de todos, segundo um pedido Divino, com a missão de promover a vida, o bem comum, unir e organizar as pessoas: “Porque não há autoridade que não venha de Deus; as que existem foram instituídas por Deus.” (Rm 13,1b) Deve-se ressaltar, no entanto, que a Igreja e o Estado Civil gozam de separação para que desempenhem bem suas próprias



funções; assim, um estado laico – não laicista – favorece o cumprimento missão da Igreja.

O Papa Francisco, no discurso do dia 7 de junho de 2013, nos diz: “envolver-se na política é uma obrigação para um cristão. Nós não podemos fazer como Pilatos e lavar as mãos, não podemos!” Ainda, seus antecessores afirmavam que a política é a mais sublime forma de caridade.

Assim sendo, é de bom tom que as autoridades civis em exercício (chefes dos poderes executivo, legislativo ou judiciário), ou seus devidos representantes, especialmente em dias festivos, sejam acolhidas e, se possível, nominadas na celebração. Caso possa e tenha disposição, reserve-se a elas um lugar, se a autoridade não o quiser, não há problemas de que fique na assembleia, pois ali é acolhido como Povo de Deus.

Embora, como já afirmado, seja a política uma forma sublime de caridade, deve-se ter certo cuidado com a apresentação das autoridades diante das comunidades, sobretudo em períodos eleitorais, uma vez que cada cristão, individualmente, é convocado por sua própria consciência a discernir os melhores candidatos a eleger.

1.14 Acolher os excluídos das periferias sociais e existenciais (cf. Papa Francisco in EG cap. IV e a Const. Sinodal)

“Jesus subiu ao monte e chamou os que ele quis. E foram até ele” (Mc 3, 13)

No centro da ação acolhedora da Igreja está a fé no poder do chamado de Jesus. A comunidade eclesial, que é fundada em função do mandato missionário é uma comunidade vocacional, onde cada um atendeu ao chamado que o Senhor lhe fez. Jesus chama a quem Ele quer, e os que vão até Ele devem ser acolhidos e instruídos pela comunidade cristã. “Dou-me conta verdadeiramente de que Deus não faz acepção de pessoas”(At 10, 34).

Não é de hoje que os escolhidos de Deus causam espanto e até incredulidade no interior da comunidade. Basta olhar para a história de São Paulo nos Atos dos Apóstolos:

Em Damasco, havia um discípulo chamado Ananias. O Senhor o chamou numa visão: “Ananias!” E Ananias respondeu: “Aqui estou, Senhor!” O Senhor lhe disse: “Levanta-te, vai à rua que se chama Direita e procura, na casa de Judas, por um homem de Tarso chamado Saulo.”(...) Ananias respondeu: “Senhor, já ouvi muitos falarem desse homem e do mal que fez aos teus fiéis que estão em Jerusalém.”(...) Mas o Senhor disse a Ananias: “Vai, porque esse homem é um instrumento, que escolhi, para anunciar o meu nome aos pagãos, aos reis e ao povo de Israel. Eu vou mostrar-lhe quanto ele deve sofrer por minha causa”. Então Ananias saiu, entrou na casa, e impôs as mãos sobre Saulo, dizendo: “Saulo, meu irmão, o Senhor Jesus, que



te apareceu quando vinhas no caminho, ele me mandou aqui para que tu recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo”. (At 9, 10-17)

Também hoje, a comunidade cristã deve lidar com o desafio de acolher aqueles que, a princípio, são diferentes ou até mesmo parecem ser contrários aos valores da comunidade. Os que fizeram a experiência de se sentirem chamados por Deus apesar de suas fragilidades e conheceram a inefável riqueza da graça da redenção, imerecida de sua parte, devem agora acompanhar com solicitude, caridade e acolhida, aqueles que o Senhor enviar ao seu encontro.

1.15 Acolher as pessoas LGBTQIAPN+

Nossa sociedade está marcada por muitas situações em contradição com os valores do Reino de Deus e os membros desta sociedade também se aproximam da Igreja carregando as contradições próprias de nossa época. É o Espírito Santo que faz novas todas as coisas e abre caminhos para a Igreja ser fiel ao seu Divino Esposo, nos desafios de cada momento. É neste contexto que podemos olhar o peculiar desafio de acolher, não apenas nas celebrações litúrgicas, mas também na vida da comunidade, as pessoas homoafetivas, trans e todos aqueles que de alguma forma se identifiquem com a comunidade LGBTQIAPN+.

Na exortação apostólica *Amoris Lætitia*, o Papa Francisco nos oferece uma preciosa orientação:

“A Igreja conforma o seu comportamento ao do Senhor Jesus que, num amor sem fronteiras, Se ofereceu por todas as pessoas sem exceção... Desejo, antes de mais nada, reafirmar que cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, procurando evitar ‘qualquer sinal de discriminação injusta’ e particularmente toda a forma de agressão e violência. Às famílias, por sua vez, deve-se assegurar um respeitoso acompanhamento, para que quantos manifestam a tendência homossexual possam dispor dos auxílios necessários para compreender e realizar plenamente a vontade de Deus na sua vida.”

E ainda, “é com humilde compreensão que a Igreja quer chegar às famílias, com o desejo de ‘acompanhar todas e cada uma delas a fim de que descubram a saída melhor para superar as dificuldades que encontram no seu caminho’.

Por fim, a exortação traz uma orientação mais prática que pode ajudar muito no discernimento das comunidades e pastores:

“Trata-se de integrar a todos, deve-se ajudar cada um a encontrar a sua própria maneira de participar na comunidade eclesial, para que se sinta objeto duma



misericórdia ‘imerecida, incondicional e gratuita’. Ninguém pode ser condenado para sempre, porque esta não é a lógica do Evangelho! Não me refiro só aos divorciados que vivem numa nova união, mas a todos seja qual for a situação em que se encontrem. Obviamente, se alguém ostenta um pecado objetivo como se fizesse parte do ideal cristão ou quer impor algo diferente do que a Igreja ensina, não pode pretender dar catequese ou pregar e, neste sentido, há algo que o separa da comunidade (cf. Mt 18, 17). Precisa de voltar a ouvir o anúncio do Evangelho e o convite à conversão. Mas, mesmo para esta pessoa, pode haver alguma maneira de participar na vida da comunidade, quer em tarefas sociais, quer em reuniões de oração, quer na forma que lhe possa sugerir a sua própria iniciativa discernida juntamente com o pastor.”

Estas orientações do Papa Francisco servem de referência para as situações concretas de nossas comunidades. Em primeiro lugar, é preciso superar o preconceito que consiste num olhar, que julga o caráter das pessoas LGBTQIAPN+ pela condição de sua sexualidade, este olhar unidimensional impede de ver o próximo como irmão, com seus dons e talentos. O exemplo das lideranças em acolher, pode ajudar muito a desfazer preconceitos e ajudar os demais membros das pastorais e da comunidade como um todo, a ter uma convivência serena, onde o tema de como se vive e expressa a sexualidade não está no centro das preocupações, mas sim, o esforço comum em torno das atividades nas quais estas pessoas estão inseridas. Conhecer a história do porquê o movimento LGBTQIAPN+ surgiu, a exclusão social, jurídica e econômica contra as quais lutou, a perseguição e a violência que ainda enfrenta de forma alarmante no Brasil, pode também contribuir para uma compreensão da articulação política deste movimento, que embora não se identifica ideologicamente com a doutrina da Igreja, possui ideais de justiça e inclusão com as quais a Igreja partilha.

Acolher uma pessoa não significa adotar seus comportamentos nem ideologias, assim como na já existente diversidade dos membros heterossexuais da comunidade paroquial, não se entende que a Igreja tenha adotado como doutrina o comportamento e ideologia de cada um. Acolher a pessoa não quer dizer legalizar ou apoiar seu comportamento ou modo de vida, pois Jesus disse à mulher adúltera: “Ninguém te condenou? Nem eu te condeno, vai e de agora em diante, não peques mais” (Jo 8, 10-11). Somos acolhidos por Cristo porque Ele nos chama pelo nome para segui-Lo e nos envia em missão, sem que tenhamos feito nada para merecer. Pode ser de grande ajuda para as pessoas LGBTQIAPN+ esta chave vocacional para sua inserção na comunidade paroquial – em que ela sente que Deus a chama para servir na comunidade, a partir de seus dons, talentos e das realidades que as toquem?

A presença de fiéis LGBTQIAPN+ que participam, que têm vivência de comunidade, que cultivam uma espiritualidade vocacional e de serviço, pode ajudar



em muito as famílias e especialmente os jovens, que na descoberta de sua sexualidade não se identificam como heterossexuais e não sabem como navegar este processo junto às suas famílias e comunidade. Existe muita informação na internet e nas redes sociais, mas pouquíssima orientação de como continuar buscando o seguimento de Jesus. Ninguém melhor, de quem já vive este seguimento, para aconselhar e dar apoio a quem está iniciando este caminho e ainda, para se apoiar mutuamente entre aqueles que já estão nesta busca há tempos entre tantos desafios.

Na medida em que acolhemos as pessoas LGBTQIAPN+, e elas passam a ser membros atuantes da comunidade, participando das celebrações litúrgicas e das pastorais, colocando a serviço seus dons e talentos, ficará cada vez mais evidenciado que a homofobia e todas as formas de discriminação baseadas na sexualidade, não podem ter lugar em nossa Igreja. Ver de perto o impacto do medo, da violência, da perda de oportunidades por preconceito, sensibiliza para o fato de que a homofobia não é uma acusação ambígua de não concordar com as opiniões alheias, mas uma realidade que machuca e fere a vida. Acolher sem discriminação é uma consequência da nossa opção por Jesus e pelo Evangelho.

1.16 Acolher os Pobres

“Aquilo que fizestes ao menor de meus irmãos, foi a mim que o fizestes.” (Mt 25, 40)

A missão da Igreja é indissociável da acolhida dos pobres. Jesus mesmo, ao ler o trecho do profeta Isaías, no início de seu ministério público, afirma: “O Espírito do Senhor está sobre mim e me consagrou com a unção... Para anunciar a boa nova aos pobres!” Em nossa sociedade, a pobreza toma muitas formas e se faz visível em muitos rostos. São João XXIII, na Encíclica *Pacem in Terris*, nos oferece palavras claras para caracterizar a pobreza como a falta daquilo que é direito a partir de sua dignidade humana:

“O ser humano tem direito à existência, à integridade física, aos recursos correspondentes a um digno padrão de vida: tais são especialmente a nutrição, o vestuário, a moradia, o repouso, a assistência médica, os serviços sociais indispensáveis. Segue-se daí, que a pessoa tem também o direito de ser amparada em caso de doença, de invalidez, de viuvez, de velhice, de desemprego forçado, e em qualquer outro caso de privação dos meios de sustento por circunstâncias independentes da sua vontade”.

Acolher a pessoa numa condição de pobreza acarreta para a comunidade, não apenas uma acolhida afetiva de um irmão, mas também um engajamento para que a situação ou situações, que levam a esta condição, sejam superadas. Ao mesmo



tempo, é fundamental a consciência de que apesar das condições de pobreza ter causas estruturais e sociais, não se deve enxergar as pessoas de forma romantizada ou ideologizada. O Papa Francisco nos alertou na Mensagem para o VII Dia Mundial dos Pobres:

“É fácil cair na retórica, quando se fala dos pobres. Tentação insidiosa é também parar nas estatísticas e nos números. Os pobres são pessoas, têm rosto, uma história, coração e alma. São irmãos e irmãs com os seus valores e defeitos, como todos, e é importante estabelecer uma relação pessoal com cada um deles.”

É a relação pessoal com cada um que permitirá que se abram para aquela pessoa os caminhos para a vida plena, que Jesus veio inaugurar. Se olharmos para ação de Jesus, veremos o seu caráter pessoal e próximo. Não se trata de estratégias políticas ou de projetos sociais tão somente, por mais que estas iniciativas tenham sua importância e seu lugar na construção de uma sociedade melhor. No que toca à comunidade cristã, que é enviada em missão para acolher a todos, a acolhida dos pobres é sempre uma acolhida pessoal de cada um.

A vivência cotidiana da condição de pobreza ou miséria, deixa feridas que podem marcar as atitudes, gestos e palavras das pessoas. Ao mesmo tempo que é verdade que muitas vezes vemos gestos muito nobres e admiráveis por parte de pessoas pobres, é fácil cair na tentação de julgar atitudes motivadas por preocupações de sobrevivência como sendo egoístas e desonestas. É preciso saber perseverar em relações com os mais pobres ao longo do tempo, para ir além das aparências e caminhar juntos como irmãos.

O Papa Francisco recorda que as palavras de Santa Teresinha podem nos ajudar muito nesta tarefa:

“Compreendo agora que a caridade perfeita consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se escandalizar com as suas fraquezas, em edificar-se com os mais pequenos atos de virtude que se lhes vir praticar; mas compreendi, sobretudo, que a caridade não deve ficar encerrada no fundo do coração: “Ninguém, disse Jesus, acende uma candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas coloca-a sobre o candelabro para alumiar todos os que estão em casa”. Creio que essa luz representa a caridade, que deve iluminar e alegrar, não só os que são mais queridos, mas todos aqueles que estão na casa, sem excetuar ninguém”.

1.17 Acolher a todos: uma missão permanente

Em muitas comunidades paroquiais de nossa Diocese, experimentamos a diversidade social, inclusive com a presença de questões raciais, sociais e físicas. A presença destes irmãos e irmãs é um convite concreto para a comunidade encontrar



formas originais de acolhida e inclusão.

Em qualquer iniciativa que seja, vale muito a pena desenvolver relações pessoais e incluí-los no período de elaboração e planejamento. Há uma frase muitas vezes repetida no interior de comunidades: “Nada sobre nós sem nós!”, que traduz a importância de não pensar para eles, mas sim com eles.

Em muitos casos, a experiência de participar e de ser incluído de forma efetiva nas atividades, é mais importante do que a própria iniciativa, que sempre será passível de melhorias e adaptações.

Quando pensamos no caráter tão marcadamente excludente de nossa sociedade, a ação da Igreja tem uma dimensão profética importantíssima. A exemplo de Jesus, a Igreja é o primeiro lugar onde nossos irmãos e irmãs devem se sentir em casa. A maneira como isso irá acontecer é consequência da abertura e da disponibilidade da comunidade se abrir para o diferente, na confiança de que pode ser um dom de Deus.

No Evangelho de São João, vemos um exemplo de como o preconceito pode nos impedir de encontrarmos com o próprio Cristo e, ao contrário, como a abertura em fazer uma nova experiência pode ser transformador:

“Filipe encontrou-se com Natanael e lhe disse: “Encontramos aquele de quem Moisés escreveu na Lei, e também os profetas: Jesus de Nazaré, o filho de José”. Natanael disse: “De Nazaré pode sair coisa boa?” Filipe respondeu: “Vem ver!” Jesus viu Natanael, que vinha para ele, e comentou: “Aí vem um israelita de verdade, um homem sem falsidade”. Natanael perguntou: “De onde me conheces?” Jesus respondeu: “Antes que Filipe te chamasse, enquanto estavas debaixo da figueira, eu te vi”. Natanael respondeu: “Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel” (Jo 1, 45-49)

A superação dos preconceitos se dará em nossas comunidades também por esta atitude de confiança e abertura – “vem ver!” A este respeito, propomos a leitura dos Atos dos Apóstolos capítulo 10, no qual o apóstolo Pedro introduz na comunidade eclesial a família pagã do centurião Cornélio.

Pode-se afirmar que a fé cristã possui uma grande capacidade de gerar resiliência e força para ajudar na superação das piores dificuldades. Nestes tempos em que a humanidade enfrentou uma das mais graves crises, provenientes da Pandemia de Covid-19, quando o luto não podia ser vivido, a despedida dos entes queridos não era possível, muita dor e angústia se acumularam nos corações. Além da dor pela morte, pela enfermidade, pelas incertezas, vivemos num mundo marcado por um processo de individualismo, consumismo, fechamento em relações virtuais e até mesmo artificiais, onde a proposta do Evangelho ainda é uma grande saída de



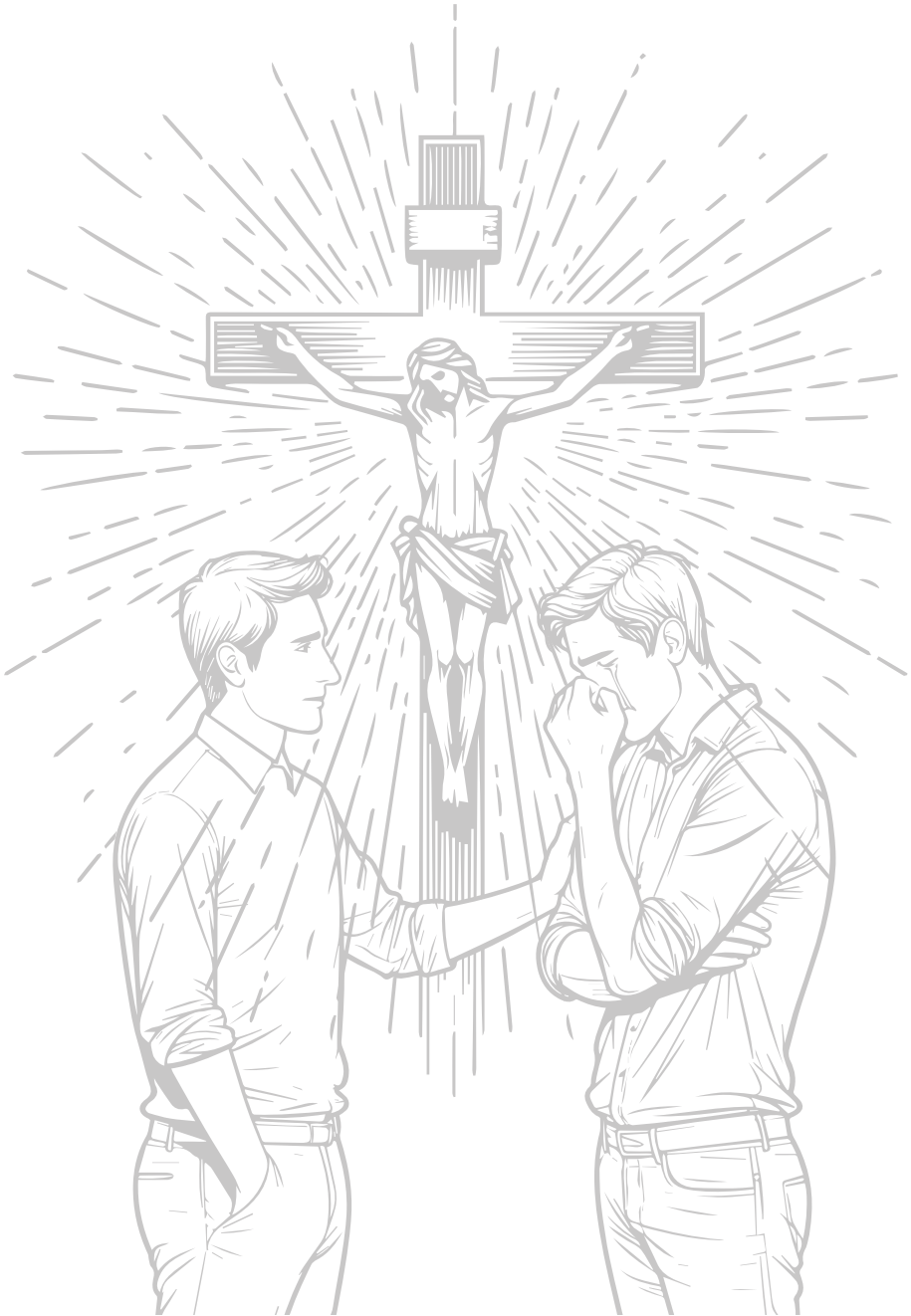
esperança. É importante ajudar as pessoas a não perder a esperança e o espírito positivo, mesmo nas situações mais difíceis da vida.

Na busca por edificar uma Igreja repleta da cultura e espiritualidade do Acolhimento, façamos o exercício da escuta ativa, ou seja, escutar atentamente, sem julgamentos, na certeza de que esse já é em si um caminho de cura. Escutar é uma arte e toda arte precisa ser aprendida e praticada exaustivamente até que se torne tão natural como o respirar. Escutar é um profundo ato de amor. É acolher o outro dentro de nós sem preconceitos.



CAPÍTULO IV

DIMENSÃO DA ESCUTA NO ACOLHIMENTO



1. O QUE ENTENDEMOS POR ESCUTAR?

Para falarmos da dimensão da escuta no acolhimento, faz-se necessário considerar o sentido do verbo, “escutar”, que tem como significado a “ação que depende da sua vontade em prestar atenção, tentar entender o que está sendo dito, refletir, e, depois de assimilado o conteúdo, concordar ou não. O que não devemos fazer é enquanto o outro está falando, já estarmos mais preocupados em elaborar a nossa argumentação para discordar, sem nem ao menos termos escutado. É a famosa expressão: entrou por um ouvido e saiu pelo outro.”

O escutar é, portanto, um ponto determinante para uma boa e verdadeira acolhida do outro, pois valoriza o verdadeiro diálogo e interação respeitosa e amável. Deste modo, a escuta não é uma opção no acolhimento, mas é parte indispensável para construir pontes e favorecer o crescimento de quem escuta e de quem é escutado. Podemos dizer, que a escuta é um ato de amor.

Encontramos nos Evangelhos uma vasta referência sobre a importância da escuta, como por exemplo, quando lemos em Marcos 10, 46-52 o belo relato da cura do cego Bartimeu. Nesta citação bíblica, aquele mendigo cego ouviu que Jesus estava passando por ali e começou a gritar: “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim”. Mandaram o cego se calar, mas ele gritou mais alto e Jesus o escudou. O Evangelho narra, que quando Jesus escudou aquele grito ele parou de andar e pediu para chamarem Bartimeu. Então, aqui vemos que Jesus escudou aquele homem que sofria e gritava, dando-lhe a devida atenção e perguntando “O que queres que eu te faça?”. Jesus ouviu a necessidade que o cego lhe apresentara de enxergar e lhe garantiu que a sua atitude de fé, foi o suficiente para alcançar aquela enorme graça da sua cura.

Neste Evangelho fica muito evidente, que Jesus e os demais já sabiam qual seria o pedido do cego Bartimeu, mas mesmo assim Jesus quis lhe perguntar o que ele queria, ou seja, Jesus quis escutar a sua dor, a sua necessidade, a sua voz, que já era tão silenciada por aqueles que mandavam que ele se calasse. Também nós, se queremos de fato acolher, precisamos parar, olhar nos olhos do nosso irmão, ouvir aquilo que ele tem a nos dizer, dispensar a devida atenção e lhe oferecer o bálsamo da cura para as suas dores e necessidades. Ainda, precisamos, como Jesus, afirmar que aquilo o que nosso irmão apresenta é valioso aos olhos do Pai, precisamos elogiar a sua confiança e fé como uma verdadeira preciosidade em seu caminho cristão.

Infelizmente, nos tempos atuais, vivemos imersos em uma sociedade do imediatismo e das respostas rápidas em mensagens instantâneas a todo momento. Muitos utilizam a expressão “estou na correria” para justificar a sua falta de plena



atenção e escuta do outro, porém o seguimento a Jesus Cristo vai contra essa maré alucinante e desumana. O seguimento a Jesus nos faz viver em sintonia com o Pai na oração e no silêncio; nos faz viver a presencialidade junto aos irmãos nos pequenos gestos de amor, seja escutando, oferecendo um abraço, uma oração sincera, um sorriso verdadeiro, um bom conselho, um lenço para enxugar suas lágrimas, um vibrar por suas conquistas e crescimento pessoal, um conviver fraterno regado de singeleza e doçura.

O acolhimento não é um dever somente da Pastoral da Acolhida, mas de toda a Igreja. Desta maneira, partindo da dimensão da escuta, não podemos compreender o acolhimento e a hospitalidade apenas como algo de objetivo que fazemos pelo outro, como por exemplo, entregando folhetos, oferecendo um café, um assento na Igreja, dizendo “seja bem-vindo” ou alguma outra palavra. Tudo isso é muito bom e precisa ser feito também, sem dúvidas! Mas o ato de escutar o que a pessoa nos diz e nos revela, olhando para o seu interior e aquilo o que ela realmente quer nos transmitir, é profundo e curativo, de modo que produzirá em seu coração a maravilhosa sensação de ser amada pelo que ela é e pelo que tem a dizer, pelo que apresenta e quer compartilhar.

Devemos, ainda, escutar o silêncio do irmão, que é mistério para ele mesmo. Respeitar o seu processo e não forçar uma conversa ou partilha, mas deixar claro que estaremos sempre ali de braços e ouvidos abertos para genuinamente acolher.

2. DISTINÇÕES NO MOMENTO DA ESCUTA

2.1 Confissões

O Sacramento da Reconciliação é momento de profunda graça, onde por meio do arrependimento sincero e da confissão dos pecados o fiel se beneficiará da experiência do encontro com Jesus no perdão de seus pecados, o que lhe trará a cura e lhe abrirá a possibilidade de uma nova vida no caminho da constante conversão.

A escuta, neste sacramento, se dá por meio de um confessor (padre ou bispo), que acolhe com misericórdia o penitente. Vale ressaltar, que este momento sacramental não é propriamente para aconselhamentos ou direções espirituais, tampouco para orientação psicológica ou terapia. Trata-se de um sacramento que segue o seguinte caminho, conforme o Catecismo da Igreja Católica, n. 303:

- **Antes de ir ao Confessionário:** exame de consciência e Contrição (arrependimento), que inclui o propósito de não voltar a pecar;
- **No Confessionário:** a confissão dos próprios pecados de forma clara e precisa,



sendo o mais objetivo possível. Aqui não é momento para desenvolver toda uma narrativa e explanação sobre sentimentos, contextos, frustrações e expectativas;

- **Ao sair do Confessionário:** cumprir a penitência proposta pelo confessor.

Muitas vezes os fiéis confundem o momento da confissão com o momento de aconselhamentos ou direção espiritual. Uma sugestão seria a comunidade propor momentos catequéticos para dar a devida instrução, ajudando assim, os fiéis a fazerem uma experiência mais rica e profunda deste sacramento. Todavia, cabe ao padre, em seu discernimento pastoral, deliberar as devidas necessidades de aconselhamento ou não, no momento da confissão.

2.2 Aconselhamento e Direção Espiritual

O aconselhamento ou direção espiritual é um momento pastoral do qual a pessoa, batizada ou não, pode se beneficiar para seu crescimento pessoal na fé, orientando os passos no caminho do Evangelho. Neste momento, a pessoa que busca este atendimento poderá apresentar diversas situações que sente necessidade para o seu crescimento espiritual, como por exemplo: desabafos pessoais e partilha das dificuldades, situações familiares, medos e angústias, alegrias e anseios.

Comumente e, prioritariamente, os padres desempenham este papel de escuta, pois é um momento oportuno do encontro íntimo das ovelhas com o seu pastor, onde se sentirão amadas e acolhidas. Também os diáconos, como colaboradores do bispo o fazem, quer seja nas paróquias sob o encaminhamento do pároco ou por delegação direta do bispo. Entretanto, os religiosos e leigos, devidamente instruídos, pela Tradição e Magistério, também podem desempenhar este papel sob a delegação do pároco ou do bispo.

Neste tipo de escuta, o diretor espiritual irá acolher as diversas situações apresentadas e iluminá-las sob luz da fé cristã, incentivando os irmãos para uma vida espiritual mais profunda na amizade com Deus e na busca por uma vida de santidade. Também ajudará os irmãos a não desanimarem frente aos desafios familiares, conjugais, de enfermidades ou financeiros, levando-os à compreensão de que o Senhor deseja que tenham uma vida plena e abundante.

Este é um momento de um aconselhamento mais direcionado, abordando cada realidade de uma maneira personalizada, onde o tempo de amadurecimento depende de pessoa para pessoa. Lembrando, que aqui o processo de autonomia é tão importante quanto o processo da escuta, ou seja, muitas vezes as pessoas procuram um aconselhamento/direcionamento com o intuito de obter respostas prontas e rápidas, eximindo-se assim das responsabilidades das próprias escolhas.



É importantíssimo que o diretor espiritual ajude a pessoa a refletir e discernir por ela mesma os passos que dará no seu crescimento espiritual, de modo que a acompanhará sendo não apenas presença de consolo e esperança, mas também de firmeza e correção fraterna.

Uma boa recomendação seria que os aconselhamentos não fossem no mesmo dia e horário das confissões, justamente para distinguir entre uma coisa e outra. Também seria interessante que estes fossem previamente agendados ou destacados em um dia e horário específico, pois demandam um tempo maior de escuta. A gestão do tempo de aconselhamento e direção espiritual se dá, tão somente, pela necessidade da escuta.

2.3 Terapia e orientação psicológica

A terapia e orientação psicológica estão no âmbito que diz respeito aos profissionais da saúde mental. Muitas pessoas ao procurarem um aconselhamento na igreja apresentam diversas demandas de sofrimento psicológico, como: depressão, ansiedade, fobias, irritabilidade, estresse, baixa autoestima, dificuldades de concentração, automutilação, tentativa de suicídio, insônia, delírios (crenças irracionais), alucinações (visões ou sons que não existem), desorganização do pensamento, comportamento errático e agressivo.

Naturalmente as pessoas com tais sintomas procuram a igreja e, muitas vezes, não reconhecem a sua necessidade psicológica ou psiquiátrica. Associam muitos sofrimentos de ordem psicológica ao substrato religioso e procuram um alívio para a sua dor. Estas pessoas padecem de um enorme sofrimento e precisam de muito afeto e acolhimento. Porém, por mais que as acolhamos e ofereçamos suporte espiritual, não podemos dispensar a importância de que elas procurem uma ajuda profissional com psicólogos que, por sua vez, as atenderão e darão, se necessário, os devidos encaminhamentos junto aos psiquiatras ou outros profissionais da área da saúde.

Estes irmãos não podem ser simplesmente dispensados como se não fossem nossa responsabilidade, ao contrário, ainda mais precisam se sentir amados e queridos. Precisam de uma ampla rede de apoio e amparo no seio familiar e na comunidade eclesial. Muitas vezes desejam conversar, chorar, receber um abraço ou uma oração. É papel de toda a comunidade oferecer este alento, fazendo as vezes do Cristo, que acolheu a tantos que sofriam a dor da exclusão e do abandono.



CAPÍTULO V

PASTORAL DA ACOLHIDA EM NOSSA DIOCESE



1. O QUE É A PASTORAL DA ACOLHIDA?

A Pastoral da Acolhida pode ser definida de diversas formas, porém, para que ela corresponda ao que se propõe, tais definições devem ter, necessariamente, fundamentações bíblicas. De antemão, lembramos que, sem o espírito evangélico, a acolhida na comunidade torna-se algo formal e mecânico, isento da dimensão fraterna.

Pastoral é a ação do pastor, do guia, do dirigente ou do agente que desenvolve gratuitamente um trabalho na Igreja, comunidade de fé. De origem agrária, o termo pastoral tem seus princípios relacionados ao pastoreio de ovelhas, do tempo de Jesus e que, por isso, foi muito usado na Bíblia como figura de linguagem para comparar-se às ações das lideranças da época e à própria ação de Jesus e seus discípulos.

Mas, afinal, o que é a Pastoral da Acolhida? É a pastoral que acolhe as pessoas na comunidade paroquial. Acolher significa oferecer refúgio, proteção ou conforto. É mostrar com gestos e palavras, que a comunidade paroquial é o espaço onde se pode encontrar essa segurança. Demonstrar, na prática, que a comunidade é um lugar cheio de calor humano, um lugar confortável e aconchegante. Quando se é bem acolhido na comunidade, ela passa a representar um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Toda essa imagem figurada de segurança torna-se real na comunidade quando se é bem acolhido, porque acolher é também dar abrigo, amparar, dar ou receber hospitalidade, ter ou receber alguém junto de si. A Pastoral da Acolhida vai muito além de recepcionar na porta da Igreja. Ela envolve uma rede de relacionamentos que dá sustentação e perseverança nas ações desenvolvidas na comunidade. Por isso ela deve ser permanente, contínua e estar em todos os níveis e dimensões pastorais da paróquia.

Ainda mais nestes novos tempos, acolher tornou-se uma necessidade. Muitas pessoas que chegam em nossa comunidade estão passando por diversas situações de adversidades, momentos de tristezas profundas, dificuldades econômicas, depressão, situações de luto, enfim, cada um tem a sua história, quando acolhemos devemos lembrar que a pessoa, que vem até nós, precisa ser cuidada e o primeiro passo é ser bem recebida na comunidade.

2. PASTORAL DA ACOLHIDA E SUA NECESSIDADE NA COMUNIDADE

A Pastoral da Acolhida se faz, em nossas paróquias, como algo muito importante e necessário, poderíamos dizer, até, fundamental, essencial e primordial. Seu campo de ação não pode ser ocupado por outras pastorais, porque ela é a porta de acesso a todas as outras e, inclusive, à própria comunidade. Se não houver uma boa acolhida,



todos os trabalhos, todas as ações e a comunidade em si estão fadados ao fracasso. Ninguém quer permanecer onde não é bem acolhido.

Podemos afirmar que a Pastoral da Acolhida consiste, em primeiro lugar, em uma equipe que se dedica a receber bem as pessoas que chegam a nossa igreja para as celebrações. Em segundo lugar, em uma equipe que está atenta ao acolhimento dado no expediente paroquial àqueles que estão em busca de alguma informação ou dos serviços da paróquia. Em terceiro lugar, em uma equipe sintonizada com as demais pastorais, movimentos e associações, e que se preocupa com a recepção que é dada entre os seus membros e aos atendidos por eles. Finalmente, a Pastoral da Acolhida deve estar permeada de todas as ações da paróquia, inclusive as ações do pároco. Embora o trabalho mais evidente da Pastoral da Acolhida seja recepcionar afetuosamente, o seu desafio maior está em fazer com que a paróquia, como um todo, adote uma postura acolhedora.

3. A QUEM SE DESTINA A PASTORAL DA ACOLHIDA?

A Pastoral da Acolhida se destina a todos que queiram servir a Deus e, como instrumento ou canal de graça, fazer com que o amor de Jesus Cristo, que nos amou até o fim, chegue aqueles que o procuram. Ainda que muitas vezes ausente na sociedade, essa dinâmica de acolhimento consiste num gesto simples: um olhar acolhedor como o de Cristo.

Os agentes desta pastoral, além de transmitir a alegria do Evangelho, devem tratar todos igualmente, ou seja, sem distinção de pessoas, como nos exorta São Tiago em sua carta:

“Meus irmãos, a fé que tendes em nosso Senhor Jesus Cristo glorificado não deve admitir acepção de pessoas. Imaginai o seguinte: Na vossa reunião entram duas pessoas, uma com anel de ouro no dedo e bem vestida, e outra, pobre, com a roupa surrada. Ao que está bem vestido, dais atenção, dizendo-lhe: “Vem senta-te aqui, à vontade”. Mas ao pobre dizeis: “Ficai aí, de pé”, ou “Senta-te aqui no chão, aos meus pés”. Não é isso um caso de discriminação entre vós? Será que não julgastes com critérios que não convém?” (Tg 2,1-4)

A partir desses ensinamentos de São Tiago podemos nos questionar: Em nossas comunidades, as pessoas são acolhidas com discriminação? Quando, com nossa acolhida, agimos assim, estamos invertendo a lógica do Evangelho! Como nos alerta o Papa Francisco, em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (n. 2), corremos o risco de cairmos numa “tristeza individualista, que brota do coração acomodado e mesquinho”, justamente quando deixamos esses interesses tomarem as rédeas. Pelo fato dessa pastoral ser destinada a todos, subentende-se que ela

deveria também acolher a todos. Esse é um caminho de conversão que os agentes da pastoral precisam trilhar todos os dias.

4. CAMPOS DE ATUAÇÃO DA PASTORAL DA ACOLHIDA

O campo de ação da Pastoral da Acolhida é amplo, entretanto, existem locais em que ela se sobressai, por exemplo, nas atividades paroquiais, especialmente nas missas. Está inserida também em outras pastorais e eventos para acolher e fazer com que aqueles, que estão a serviço, sintam-se acolhidos, expressando para além do servir, uma amizade fraterna.

Na paróquia, a ação dessa pastoral tem destaque nas celebrações litúrgicas. Nelas, os agentes costumam ficar em lugares estratégicos para bem acolher a todos que participam, contribuindo também com informações sobre o local e as suas atividades. São momentos que exigem muita atenção do agente, pois podem surgir contratempos, como acidentes, emergências de saúde, queda de energia elétrica, entre outros. Igualmente nas reuniões, assembleias e formações seria importante a presença dos agentes, pois eles revelam o rosto de uma Igreja acolhedora.

A Pastoral da Acolhida também se faz presente e necessária nos encontros regionais e diocesanos, tanto para acolher os outros, quanto na organização dos espaços, limpeza e disposição das coisas. Aqui se visualiza bem a pastoral de conjunto, uma vez que nestes momentos regionais ou diocesanos, são convocadas várias pastorais e movimentos a colaborarem com seus dons específicos.

5. ORIENTAÇÕES GERAIS DA PASTORAL DA ACOLHIDA

5.1 Vestimenta

A vestimenta é um espelho de representatividade, isto é, representa a própria pastoral, logo, deve ser tratada com muita responsabilidade.

Para criar um sentimento de pertença e identidade, a Diocese adotou uma vestimenta padrão para todos os agentes da Pastoral da Acolhida: um jaleco com bolso simples, estampa do logo diocesano da pastoral, tendo na frente o nome do agente e atrás o nome da paróquia.

Além do jaleco, orienta-se que sejam utilizadas roupas discretas, evitando camiseta regata, bermuda, chinelo, saltos que fazem barulho, vestidos e saias curtas, entre outros.

5.2 Comportamento do acolhedor

Para haver uma harmonia no espaço em que ocorre as celebrações e eventos, é necessário pensarmos em uma boa disposição para bem acolher. Refletindo sobre isso, podemos elencar alguns pontos que contribuem para que isso aconteça:



- Evitar aglomerações nas portas, especialmente dos agentes com conversas desnecessárias;
- Evitar o uso de celulares quando estiver servindo;
- Durante as celebrações, se for necessário a comunicação com outro agente, fazê-lo de forma discreta;
- Ficar em pontos estratégicos, que possam ajudar a visualizar o todo do espaço;
- Auxiliar as pessoas na disposição dos assentos e demais necessidades que surgirem
- Em todas as ações realizadas, procurar relacionar-se com as pessoas de forma atenciosa e prestativa;
- Evitar ficar de braços cruzados, sentados ou encostados, especialmente quando estiver acolhendo uma pessoa ou dando alguma informação. Se for necessário, por motivo de cansaço do agente, identificar um lugar discreto para se acomodar, de preferência no fundo da igreja e comunicar o companheiro de pastoral;
- Manter sempre a concentração, evitando transitar especialmente na missa.

Vale lembrar que cada evento tem uma dinâmica diferente, que muitas vezes não requerem os mesmos comportamentos ou procedimentos. Cada paróquia, de acordo sua realidade, vai se adequando a esses procedimentos.

5.3 Calendário de atividades

A equipe responsável pela Pastoral da Acolhida na paróquia deve organizar, com os agentes, um calendário anual. Esse calendário deve levar em conta as necessidades da pastoral, estar articulado com as propostas regionais e diocesanas, contemplar formações, momentos de espiritualidade, confraternização e demais atividades, que sejam necessárias de acordo com a realidade da paróquia.

5.4 Escalas e plantões

Para uma melhor organização do trabalho, é necessário que sejam elaboradas escalas de plantão, tendo em vista que as pessoas têm seus compromissos diversos e precisam se programar. Essas escalas podem ser feitas de diversas formas, desde que conste as datas, horários e nomes dos agentes que irão servir. É bom sempre salientar que deve haver responsabilidade no compromisso assumido, pois a ausência de um membro prejudica os demais agentes e especialmente a acolhida ao outro. Quando houver imprevistos, é aconselhável que haja uma comunicação entre os agentes para uma possível substituição. A escala também nos garante um equilíbrio na distribuição do serviço, ou seja, para que ninguém fique sobrecarregado, pois seria bom que o agente, além de servir, participasse ativamente da celebração.



5.5 Comunicação da Pastoral da Acolhida: Grupo de WhatsApp

Essa ferramenta é muito útil quando usamos com bom senso. Ela nos ajuda, na medida do possível, a resolver problemas imediatos, de comunicação de eventos, entre outros. Quando os grupos de WhatsApp perdem a sua característica, perdem também sua credibilidade, resultando no desânimo e atritos entre os membros.

Para um bom funcionamento do grupo deve-se evitar a postagem de correntes, figurinhas, vídeos, repostagens de outros grupos (com especial cuidado com as *fake news*), mensagem de áudio extensa e discussões que geram divisão, pois estas devem ser resolvidas pessoalmente e não em grupos de Whatsapp. Esta ferramenta deve ser utilizada para: comunicados sobre a pastoral, dúvidas, escalas, recados, respostas as solicitações dos coordenadores e companheiros.

5.6 Formação e acompanhamento permanente

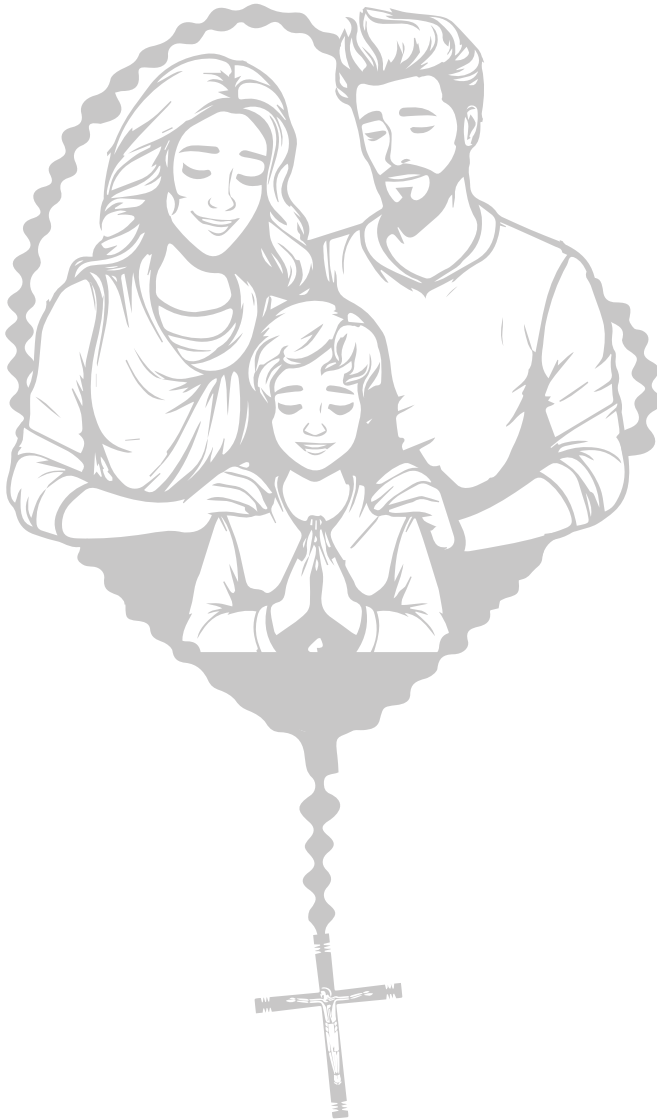
Para a constituição da Pastoral da Acolhida na paróquia é importante que seja feito uma formação inicial fundamentada nas Sagradas Escrituras, documentos da Igreja, inclusive a Constituição Sinodal, que expressa a realidade e necessidades de nossa Diocese. Essa formação inicial deve contemplar também questões práticas de forma a orientar o agente para as adversidades do serviço cotidiano da acolhida.

Estando constituída a pastoral, é necessário que seja feito um acompanhamento contínuo desses agentes, por meio de reuniões periódicas para ouvi-los, avaliar o trabalho e identificar pontos importantes a serem foco de formações continuadas, que devem ser frequentes.

É importante também salientar que, não podemos limitar a pastoral somente ao serviço, pois corremos o risco de entrarmos num ativismo. Os momentos de espiritualidade, confraternização e partilhas, por exemplo, são excelentes oportunidades de motivação e interação, a fim de que se desenvolva o sentimento de pertença e crie vínculos de fraternidade.



CAPÍTULO VI
ROTEIROS DE ORAÇÃO E ESPIRITUALIDADE
PARA A ACOLHIDA



1. ORAÇÃO DIOCESANA DA ACOLHIDA

Como é bom Senhor ser acolhido por Vós. Como pai bondoso e misericordioso Vós sempre nos acolheis. No Evangelho, o pai do filho pródigo é a figura da Vossa misericórdia sem limites, sempre pronta a acolher e integrar novamente na família, aqueles que se afastam. O bom samaritano é a figura do Vosso Filho Jesus, samaritano da humanidade caída à margem e necessitada de socorro. Em Jesus, Vós ó Pai, vedes nossas misérias, sente compaixão e cuida de nós. Obrigado por nos acolher sempre em todas as circunstâncias, com Vossos braços e coração abertos, repletos de amor. Permita-nos, ó Pai, que, ajudados por Maria, vossa serva fiel, possamos manter vivas as atitudes de atenção, serviço e gratuidade na acolhida aos irmãos e irmãs que mais precisam de nós. Inspirados nesta vossa serva, que acolheu no seu seio o Verbo Encarnado, queremos ser acolhedores, aprendendo como fazer para que em cada comunidade cristã, todos sintam-se como em casa, a Vossa e nossa casa, a Igreja. Nós vos pedimos ó Pai por Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém.

Dom Pedro Carlos Cipollini

2. TERÇO DA ACOLHIDA

2.1 A origem da oração do terço

O Rosário, que hoje rezamos, é uma consequência dos 150 salmos contidos na Bíblia. Ele é uma oração que fez parte da vida dos santos da Igreja. Por volta do século IX, os salmos, que eram recitados pelos monges, reverberavam no coração dos fiéis leigos. Estes ficavam perto dos mosteiros somente para ouvirem a beleza desta prática, porque pela falta de recurso não podiam ler e nem memorizar os salmos, pois eram muito longos.

Com sensibilidade de pastor, um monge sugeriu aos leigos, que rezassem ao menos 150 pais-nossos. Com a criatividade humana, os leigos, para não se perderem na conta, transportavam uma bolsa com 150 pedrinhas. Depois, ao invés de bolsa, tiveram a ideia de um cordão com 150 ou 50 nós.

Com o passar do tempo começaram a recitar, não somente o Pai-nosso, mas também a saudação Angélica. Segundo documentos, o primeiro a fazer essa oração foi São Pedro Damiano. No século XIII foram inseridos os mistérios da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Em 1365, Henrique de Kalkar, visitador da Ordem dos Cartuxos, compilou as orações que surgiram em torno do rosário em 150 saudações angélicas em blocos de dez contas e um Pai-nosso antes de cada dezena.

São Domingos de Gusmão, enviado pelo Papa Gregório IX (1227-1241), para converter os hereges cátaros na França, recebeu a visita de Nossa Senhora, que lhe



apresentou o Rosário como a arma para a conversão dos hereges e esta oração ficou popularizada pelos dominicanos. Alan de Rupe (dominicano), fundador da primeira Irmandade do Rosário, tornou a sua ordem propagadora do rosário conhecido como “o Rosário de São Domingos”.

Cada Rosário era originalmente composto de três terços (150 Ave-Marias), até que, em 2002, São João Paulo II acrescentou mais um mistério, os Luminosos, com mais 50 orações, elevando esse número para um total de 200 Ave-Marias.

2.2 Terço da Acolhida

Para a meditação do Terço da Acolhida sugere-se a oração inicial, em cada dezena, contemplam-se as reflexões sobre a dimensão da acolhida. Em cada conta grande, reza-se um Pai-Nosso e nas contas menores, pode ser utilizada a oração da Ave-Maria ou jaculatórias conforme segue:

- Abri os meus lábios, ó Senhor. E a minha boca anunciará vosso louvor;
- Vinde, ó Deus, em meu auxílio. Socorrei-me sem demora;
- O Senhor é o grande Rei. Vinde todos, adoremos!;
- Coração Sacratíssimo de Jesus, tende piedade de nós;
- Coração Imaculado de Maria, rogai por nós;
- Deus Santo, Deus Forte, Deus Imortal, tende piedade de nós e do mundo inteiro;
- Doce coração de Jesus que tanto nos amais fazei com que eu Vos ame cada vez mais;
- Divino Espírito Santo, iluminai-nos, guia-nos, dai-nos sabedoria, santidade e pureza de coração.

Ao final de cada dezena rezar um Glória.

2.3 Roteiro do Terço da Acolhida

Oração Inicial:

- Profissão de fé;
- Pai-Nosso;
- Três Ave-Marias;
- Glória ao Pai;

Reflexões:

1ª Dezena: Acolher Jesus Cristo

Para podermos exercer bem a prática da acolhida, precisamos primeiramente acolher Jesus Cristo em nossa vida. Um dos exemplos mais clássicos de acolhida que temos na Bíblia, é quando Abraão acolhe três homens em sua tenda e, sem saber quem eram, convidou-os a entrar. Ele não sabia que se tratava do próprio Senhor



acompanhado por dois anjos. São Paulo, na Carta aos Hebreus, diz que não podemos esquecer da hospitalidade, porque graças a ela, alguns, sem saber, acolheram anjos.

2ª Dezena: Acolher como Maria

Nossa Senhora é modelo para nós cristãos. Ela que acolhe com o seu sim o anúncio do anjo, visita sua parenta Isabel e se dispõe a ajudá-la durante três meses, além de ajudar no casamento das Bodas de Caná, percebendo a falta de vinho e comunicando a seu Filho, Jesus Cristo. Roguemos a Mãe de Deus que nos ajude a acolher o projeto de Dele em nossas vidas.

3ª Dezena: Acolher a todos

O egoísmo humano, fechado em si mesmo, só acolhe aquilo que lhe convém ou está de acordo com o que pensa, acha e quer. A fé em Nosso Senhor Jesus Cristo como nos recorda sempre os Evangelho, não deve admitir aceção de pessoas.

4ª Dezena: Acolher através da escuta

A parte primordial da acolhida é o ouvir, pois primeiro ouço os anseios do próximo e depois acolho. Nosso Mestre fez isso no diálogo com Nicodemos. Ele, além de ouvir as necessidades, mostrou o caminho de conversão. Saibamos, com o auxílio do Espírito Santo, ouvir, acolher e direcionar aqueles que são confiados a nós.

5ª Dezena: Acolher como comunidade

A dinâmica de acolher como comunidade é um desafio, porque as coisas precisam estar e acontecer em comum. Já na primeira comunidade vemos essa proposta: “Todos os que tinham abraçado a fé se reuniam-se e punham tudo em comum” (At 2,44). Abramos os nossos corações para acolhermos o próximo e, assim, inseri-lo na comunidade.

3. Roteiro da Hora Santa da Acolhida

A. Queridos irmãos e irmãs, com imensa alegria nos reunimos, para dedicar um tempo em oração e adoração a Jesus Cristo, presente no Santíssimo Sacramento do altar. Em tempos de reflexão acerca da acolhida, vamos, em primeiro lugar, nos colocar diante daquele que nos acolhe em seu amor e nos envia em missão. Cantemos:



1. CANTO DE ABERTURA

***A nós descei, Divina Luz/ A nós descei, Divina Luz
Em nossas almas acendei/ O amor, o amor de Jesus
Em nossas almas acendei/ O amor, o amor de Jesus***

1. Vinde, Santo Espírito, e do céu mandai
Luminoso raio, luminoso raio
Vinde, Pai dos pobres, doador dos dons
Luz dos corações, luz dos corações
Grande defensor, em nós habitai
E nos confortai, e nos confortai
Na fadiga, pouso, no ardor, brandura
E na dor, ternura, e na dor, ternura

2. SAUDAÇÃO

[o presidente da celebração saúda o povo e o motiva a colocar suas intenções para este momento de oração. Em seguida, convida para a exposição do Santíssimo Sacramento, enquanto se canta:]

3. CANTO DE EXPOSIÇÃO

1. Bem-vindos à mesa do Pai, / onde o Filho se faz fraternal refeição. / É Cristo a forte comida, / o pão que dá vida com amor-comunhão.

Vinde, ó irmãos adorar, vinde adorar o Senhor.

A Eucaristia nos faz Igreja, Comunidade de amor.

2. Partimos o único pão, no altar refeição, ó Mistério de amor. / Nós somos sinais de unidade / na fé, a verdade, convosco ó Senhor.

3. No longo caminho que temos, / o pão que comemos nos sustentará. / É Cristo o pão repartido, / que o povo sofrido vem alimentar.

4. EM COMUNHÃO COM A REALIDADE

A. Como membros da Pastoral da Acolhida, sabemos da necessidade de colocarmos em prática este gesto, que brota do próprio coração do Senhor. Uma Igreja acolhedora não depende apenas da Pastoral da Acolhida, mas de todas as pastorais. Reflitamos sobre a realidade de nossa Igreja Particular.



L1. A Igreja no Grande ABC, Povo de Deus reunido em nossas sete cidades, essencialmente unida à proposta de Jesus e de seu Reino, é chamada à corresponsabilidade no contexto urbano. Não é possível buscar esse Reino isoladamente, cada um por si. Por isso Deus nos reúne como Igreja, Corpo de Cristo e Povo de Deus (cf. LG 7.9), em comunhão na realidade em que vivemos. A isso nos remete uma das prioridades eleitas na Assembleia Sinodal que nos impulsiona ao “acolhimento em suas duas dimensões importantes” (cultura e espiritualidade).

L2. Acolher vai além de receber, pois também as alegrias, esperanças, tristezas e angústias do tempo presente, devem ser partilhadas pelos discípulos de Cristo, e nada que é verdadeiramente humano pode deixar de ressoar no nosso coração. Viver a fundo a realidade humana e inserir-se no coração dos desafios como fermento, nos faz viver de verdade nossa missão de cristão.

L1. O Acolhimento diz respeito à ação de acolher. É uma atitude cortês, inclusiva, de quem olha o interior, sendo capaz de ver Cristo no outro. Por isso, não se trata apenas de uma “pastoral da acolhida” – embora essa pastoral tenha uma missão especial de dar testemunho dessa dimensão da fé.

L2. Faz-se urgente gerar no interior de nossas comunidades tanto a cultura, como a espiritualidade do acolhimento, seja pelo modo como lidamos com as pessoas, sobretudo as que mais necessitam, seja por amor e temor ao Senhor. O verdadeiro acolhimento passa por uma unidade entre a vivência dos sacramentos, a prática dos mandamentos e o caminho da oração. Assim, formaremos pastorais e comunidades humanizadas e humanizadoras, na perspectiva do Reino de Deus.

5. EM COMUNHÃO COM A PALAVRA

A. Tendo rezado em torno de nossa realidade, escutemos a Palavra de Deus, na certeza de que somos chamados a acolher o dom de Deus, que se coloca diante de nós. Acolher com amor e servir com humildade! É necessário nos colocarmos a serviço dos irmãos, mas sem jamais, esquecermos o quanto necessitamos ouvir com atenção os ensinamentos do Senhor.



6. PRIMEIRA LEITURA (Gn 18, 1-10a)

Leitura do Livro do Gênesis

Naqueles dias, o Senhor apareceu a Abraão junto ao carvalho de Mambré, quando ele estava sentado à entrada da sua tenda, no maior calor do dia. Levantando os olhos, Abraão viu três homens de pé, perto dele. Assim que os viu, correu ao seu encontro e prostrou-se por terra. E disse: “Meu Senhor, se ganhei tua amizade, peço-te que não prossigas viagem, sem parar junto a mim, teu servo. Mandarei trazer um pouco de água para vos lavar os pés, e descansareis debaixo da árvore. Farei servir um pouco de pão para refazerdes vossas forças, antes de continuar a viagem. Pois foi para isso mesmo que vos aproximastes do vosso servo”. Eles responderam: “Faze como disseste”. Abraão entrou logo na tenda, onde estava Sara e lhe disse: “Toma depressa três medidas da mais fina farinha, amassa alguns pães e assa-os”. Depois, Abraão correu até o rebanho, pegou um bezerro dos mais tenros e melhores e deu-o a um criado, para que o preparasse sem demora. A seguir, foi buscar coalhada, leite e o bezerro assado e pôs tudo diante deles. Abraão, porém, permaneceu de pé, junto deles, debaixo da árvore, enquanto comiam. E eles lhe perguntaram: “Onde está Sara, tua mulher?”. “Está na tenda”, respondeu ele. E um deles disse: “Voltarei, sem falta, no ano que vem, por este tempo, e Sara, tua mulher, já terá um filho”.

Palavra do Senhor. **T. Graças a Deus.**

7. CANTO DE MEDITAÇÃO

1. Vi um menino brincando na rua, / com o barro da chuva no chão, / modelando seu próprio brinquedo, / conforme a sua imaginação. / O brinquedo às vezes quebrava, / e o menino nunca desistia: / os pedaços ele ajuntava e / um outro brinquedo diferente fazia.

Senhor, me ofereço a ti: / são teus os meus braços, meus olhos, meus passos. Te quero seguir. / Tu és o oleiro, eu sou o barro em tuas mãos. / Modela, Senhor, o meu coração, para que eu possa viver a vida pra te servir.

2. Assim como o pequeno oleiro / com o barro fazia de tudo, / também quero, Senhor, em tuas mãos, / não ser cego, nem mudo ou surdo. / Que eu possa ouvir teu chamado / e seguir junto com teu povo. / Mas, se eu me quebrar no caminho, / ajunta os pedacinhos, e me fazas de novo.



8. ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

Palavra de salvação somente o céu tem pra dar. / Por isso meu coração se abre para escutar!

1. Por mais difícil que seja seguir, / Tua palavra queremos ouvir. / Por mais difícil de se praticar, / Tua palavra queremos guardar.
2. Com Simão Pedro diremos também / Que não é fácil dizer sempre amém, / Mas não há outro na Terra e no céu / Mais companheiro, mais santo e fiel.

9. EVANGELHO (Lc 10,38-42)

A. O Senhor esteja convosco.

T. Ele está no meio de nós.

A. Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas.

T. Glória a vós, Senhor.

A. Naquele tempo, Jesus entrou num povoado e certa mulher, de nome Marta, recebeu-o em sua casa. Sua irmã, chamada Maria, sentou-se aos pés do Senhor e escutava a sua palavra. Marta, porém, estava ocupada com muitos afazeres. Ela aproximou-se e disse: “Senhor, não te importas que minha irmã me deixe sozinha, com todo o serviço? Manda que ela me venha ajudar!” O Senhor, porém, lhe respondeu: “Marta, Marta! Tu te preocupas e andas agitada por muitas coisas. Porém, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada”. Palavra da Salvação.

T. Glória a vós, Senhor.

10. EM COMUNHÃO COM O PAPA FRANCISCO

L3. O Evangelho que ouvimos, apresenta-nos um vivaz quadro doméstico com Marta e Maria, duas irmãs que oferecem hospitalidade a Jesus na sua casa (cf. Lc 10, 38-42). Marta começa imediatamente a receber os convidados, enquanto Maria se senta aos pés de Jesus para o ouvir. Então Marta dirige-se ao Mestre e pede-lhe que diga a Maria para a ajudar. A queixa de Marta não parece fora de lugar; aliás, sentimos que ela tem razão. Mas Jesus responde-lhe: “Marta, Marta, andas muito inquieta e preocupas-te com muitas coisas; no entanto, uma só coisa é necessária; Maria escolheu a parte melhor, que não lhe será tirada”(Lc 10, 41-42). É uma resposta que surpreende. Mas Jesus muitas vezes inverte a nossa maneira de pensar. Perguntemo-nos por que o Senhor, embora apreciando a generosa preocupação de Marta, afirma que devemos preferir a atitude de Maria.



L4. A “filosofia” de Marta parece ser esta: primeiro o dever, depois o prazer. Com efeito, a hospitalidade não é feita de belas palavras, mas exige que se ponha as mãos no trabalho, que se faça o que for preciso para que o convidado se sinta bem-vindo. Jesus sabe isto muito bem. E de fato reconhece a dedicação de Marta. Contudo, quer que ela compreenda que existe uma nova ordem de prioridades, diferente daquela que ela tinha seguido até então. Maria intuiu que existe uma “parte melhor”, à qual se deve dar o primeiro lugar. O resto vem a seguir, como um riacho que corre da nascente. E assim nos perguntamos: o que é esta “parte melhor”? É a escuta das palavras de Jesus. O Evangelho diz: “Maria, que se assentou aos pés do Senhor para o ouvir falar”. Notemos: não ouviu de pé, fazendo outra coisa, mas sentou-se aos pés de Jesus. Compreendeu que Ele não é um convidado como os outros. À primeira vista parece que ele veio para receber, porque precisava de comida e abrigo, mas na realidade, o Mestre veio para se doar a nós através da sua palavra.

L3. A palavra de Jesus não é abstrata, é um ensinamento que toca e molda a vida, muda-a, liberta-a da opacidade do mal, satisfaz e infunde uma alegria que não passa: a palavra de Jesus é a melhor parte, aquela que Maria escolheu. Por isso deu-lhe o primeiro lugar: para e escuta. O resto virá depois. Isto nada tira ao valor do compromisso prático, não deve preceder, mas fluir da escuta da palavra de Jesus, deve ser animado pelo seu Espírito. Caso contrário, reduz-se a uma pressa e agitação por muitas coisas, reduzindo-se a um ativismo estéril.

[em seguida, o presidente da celebração pode fazer uma breve reflexão e também motiva preces espontâneas, se assim julgar oportuno. Se a Hora Santa for presidida pelo diácono ou pelo padre, segue-se a bênção eucarística. Se for conduzida por um ministro leigo, reza-se um Pai Nosso, uma Ave Maria e um Glória ao Pai, recolhe-se o Santíssimo Sacramento, enquanto se canta um canto apropriado]

11. BÊNÇÃO EUCARÍSTICA

1. Tão sublime sacramento / adoremos neste altar. / Pois o Antigo Testamento / deu ao Novo seu lugar. / Venha a fé por suplemento / os sentidos completar.

2. Ao eterno Pai cantemos / e a Jesus, o Salvador. / Ao Espírito exaltemos, / na Trindade eterno amor. / Ao Deus Uno e Trino demos / a alegria do louvor. Amém!

S. Do céu lhe destes o Pão.

T. Que contém todo o sabor.



S. Oremos: (*pausa*) Senhor Jesus Cristo, neste admirável sacramento nos deixastes o memorial da vossa paixão. Dai-nos venerar com tão grande amor o mistério do vosso Corpo e do vosso Sangue, que possamos colher continuamente os frutos da vossa redenção. Vós, que sois Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

T. Amém.

Pai nosso... / Ave Maria... / Glória ao Pai.



PARTE 2

DIMENSÃO MISSIONÁRIA

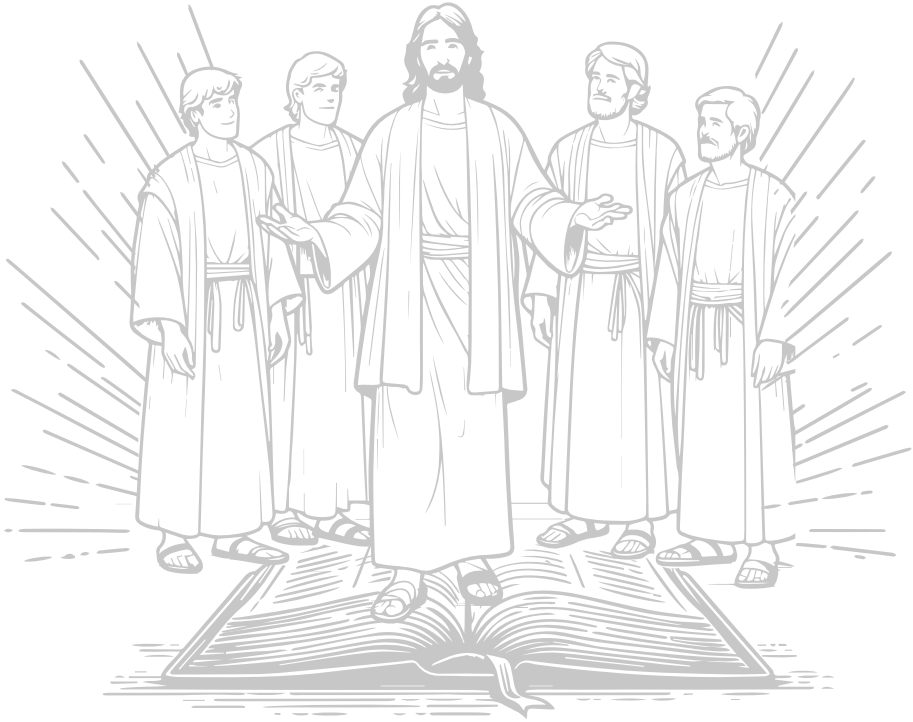
ORAÇÃO MISSIONÁRIA DIOCESANA

Senhor Deus, nosso Pai de bondade, que enviastes ao mundo vosso Filho, em missão de amor e de paz: nós vos bendizemos! Nossa alegria é imensa porque Jesus quis associar à sua missão os doze apóstolos e todos aqueles que acreditassem na pregação deles: os batizados e batizadas! É a Igreja missionária por natureza, anunciadora da boa nova do Reino de justiça e paz. Ajuda-nos, ó Pai, a sermos uma Igreja em saída missionária! Dá-nos a gratidão e a gratuidade para nos comprometermos com a missão e termos assim, a alegria de fazer chegar o Evangelho a todos. Nós vos pedimos, ó Pai, por Maria, a “estrela da evangelização” e por vosso Filho Jesus que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo. Amém.

Dom Pedro Carlos Cipollini

CAPÍTULO I

IGREJA E MISSÃO



1. A DIMENSÃO BÍBLICA DA MISSÃO

1.1 A unidade do Antigo e Novo Testamento como fundamento da missão

A missão é característica do cristianismo, e sua força provém da fé em Jesus Cristo, testemunhada e transmitida a nós através das Sagradas Escrituras. Em Jesus, Deus se revela e oferece à humanidade, a Salvação, só o cristianismo se apresentou ao mundo com a força da Palavra da verdade que salva, oferecendo aos homens, que sempre buscaram o Deus escondido, uma pessoa, homem e Deus ao mesmo tempo. Por isso, a Bíblia é o documento base para toda e qualquer atividade missionária.

O judaísmo não conheceu a missão como concebemos, pois ela se inicia com o envio dos discípulos até os confins do mundo, após a ressurreição. No entanto, o germe do modo de ser missionário já estava presente na história do povo hebreu, pois o Deus que convoca seu povo a se libertar da escravidão no Egito e marchar para a terra prometida, é o mesmo Deus que impulsiona os discípulos de Jesus “*Ad gentes*”.

Portanto, os fundamentos bíblicos da missão estão presentes em toda a Palavra de Deus. Assim como Novo e Antigo Testamentos dependem um do outro, e juntos formam um único relato da Revelação do Deus Criador e Salvador, a unidade das Sagradas Escrituras apresentam o fundamento da missão, que podemos considerar como dois momentos distintos: convite e envio.

1.2 A missão no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, podemos caracterizar a ação missionária do povo hebreu como “Convite”, baseado na promessa de Deus a Abraão “todas as famílias da terra serão benditas em ti” (Gn 12,3). Esta missão de Abraão e seus descendentes se constituía num chamado a que todas as nações se purificassem de suas idolatrias e adorassem ao Deus único. “Eu te tornarei fecundo e te multiplicarei, eu te farei tornar uma assembleia de povos e darei esta terra como posse perpétua a teus descendentes” (Gn 48,4).

Contudo, não se pode deixar de notar, que a relação do povo no Antigo Testamento era contrária à ação missionária, como conhecemos hoje. Basta ler o Pentateuco atentamente para encontrar diversos trechos de repúdio aos estrangeiros, incluindo maldições aos povos vizinhos. Ao leitor atento, porém, torna-se claro a necessidade do povo hebreu defender-se e afirmar sua identidade como povo escolhido por Deus, diante das difíceis situações políticas e geográficas enfrentadas, como as constantes invasões de impérios circunvizinhos, deportações, guerras civis, etc.

Para captar o sentido da missão no Antigo Testamento é necessário compreender a importância da Aliança do Senhor com o seu povo. Na Aliança com Noé (cf. Gn 9,8-17), Israel representa a humanidade. Além disso, Israel se torna o fiel cumpridor da Aliança,



na espera do Messias, ao qual, como afirmaram os profetas, todas as nações se prostrarão e o servirão. Assim, fica evidente a missão de Israel de testemunha da presença e do amor de Deus pelos homens, perante os povos ao seu redor: “Assim diz o Senhor Deus: Eis que levantarei a minha mão para as nações, darei um sinal aos povos e eles trarão os teus filhos nos seus braços, as tuas filhas serão carregadas nos seus ombros” (Is 49,22).

1.3 Jesus, o primeiro missionário enviado do Pai

A missão nasce “da caridade de Deus Pai, que, sendo o Princípio sem Princípio, de quem é gerado o Filho, quis derramar e não cessa de derramar ainda a bondade divina (Decreto *Ad gentes*)”. Na encarnação do Verbo, esta bondade se faz carne e se revela. No sim de Maria se inicia a missão, pois o anjo afastou-se dela. Maria levantou-se e foi às pressas encontrar sua prima Isabel, cujo filho que estremeceu de alegria seu ventre, ao ouvir a saudação de Maria, anunciando à sua mãe, que estavam diante do Messias (Cf. Lc 2,38-39). Assim, como o “Pai enviou Seu Filho único ao mundo” (1Jo, 4,9) a presença de Jesus no seio da Virgem Maria deu início ao movimento de ir e anunciar, que o Reino de Deus já está entre nós.

“De fato, Jesus Cristo foi enviado ao mundo como verdadeiro mediador entre Deus e os homens”, e sua vida, sem excluir os trinta anos que passou em Nazaré, foi a continuação desta missão iniciada na Encarnação, pois Jesus percorreu os caminhos para “anunciar a boa nova aos pobres, sarar os contritos de coração, a proclamar a libertação dos cativos, a restituir a vista aos cegos”(Lc 4,18). Foi Ele que veio para buscar e salvar o que estava perdido. E não se limitou a cumprir sua missão sozinho, mas chamou para si apóstolos e discípulos, e os enviou para que espalhassem a boa nova do Reino (cf. Mt 10, Mc 3,13-19; 6,7-11; 13,9-13; Lc 6,12-16; 9,1-5; 12,2-9.49-53).

Esta missão de Jesus não foi interrompida por sua morte na cruz, ao contrário, chegou ao seu ápice quando Ele, “tendo sido elevado da terra para que todo aquele que nele crer tenha nele a vida eterna, entregou o seu Espírito nas mãos do Pai”(Cf. Jo 12,32 e Jo 19,30). Sua ressurreição e aparição na Galileia estabeleceram o modo de ser de suas testemunhas: “Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo (Mt 28,19-20).”

1.4 A missão no Novo Testamento

Assim como a ação missionária no Antigo Testamento pode ser entendida como “Convite”, no Novo Testamento a palavra-chave é “Envio”. Já a comunidade primitiva compreendeu o mandato de Jesus e iniciou o anúncio do reino: “Unidos de coração, frequentavam todos os dias o templo. Louvando a Deus e cativando a simpatia de

todos os povos. E o Senhor cada dia lhes ajuntava outros” (At 2,46-47).

O processo de elaboração dos Evangelhos, também refletiu o caráter missionário do ser discípulo. Aos evangelistas, não importavam tanto datas, narrações ricas em detalhes geográficos ou históricos, nem mesmo uma biografia detalhada de Jesus. Os Evangelhos têm a intenção de “ensinar tudo o que Jesus prescreveu”, apresentando o rosto amoroso do Pai a todos os povos.

Esta missão além das fronteiras de Israel, foi sendo compreendida pouco a pouco, conforme nos narra o livro dos Atos dos Apóstolos, e as viagens de São Paulo, partindo de Antioquia e chegando até Roma. Os discípulos, que estavam reunidos em Jerusalém e pregavam no templo (At 3), impulsionados pela perseguição (At 8) se dispersaram primeiro pela Samaria, Galileia e Antioquia, depois pelas cidades da Ásia menor (At 13), pela Grécia (At 17) e finalmente Roma (At 28). Assim, de uma casa simples, na pequena e distante Nazaré, a missão inaugurada por Jesus, chega até o exuberante palácio do imperador Romano, na capital do maior império já instaurado.

Entretanto, este mandato missionário deve ser entendido não como o resultado do esforço puramente humano, pois os Evangelhos nos advertem que Jesus é quem dá a autoridade sobre os discípulos e é Ele quem os envia a curar os enfermos e anunciar o Reino de Deus (Mt 9,37-39; 10,7-16). Além disso nos promete enviar seu Espírito para conduzir-nos na missão “E rogarei ao Pai Ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permaneça para sempre”, “Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos disse” (Jo 14, 16.26).

Outra característica do ser missionário, que o Novo Testamento nos apresenta é a necessidade da mudança de vida e da firme decisão de anunciar Jesus e sua mensagem. Apesar de não se dever interpretar as Sagradas Escrituras de modo fundamentalista, diversas passagens nos alertam das exigências da missão: “então Jesus disse a Simão: ‘não temas, doravante serás pescador de homens’. E atracando as barcas à terra, deixaram tudo e o seguiram” (Mc 1,17) “Um ainda lhe falou: ‘Senhor, seguir-te-ei, mas permite primeiro que me despeça dos que estão em casa. Mas Jesus disse-lhe: “Aquele que põe a mão no arado e olha para trás, não é apto para o Reino de Deus” (Lc 9,62).

Estas e outras passagens nos advertem que o missionário, aquele que deseja seguir Jesus e imitá-lo anunciando o Reino de Deus, “deve ser semelhante a um negociante que ao achar uma pérola de grande valor, vai, vende tudo o que possui e a compra” (Mt 13,46). Pois, onde está o teu tesouro aí estará também teu coração. O discípulo tem a certeza que o bem mais importante de sua vida é graça, de Deus que o impulsiona a anunciar a salvação; o missionário tem diante de seus olhos a



Jerusalém Celeste, e para lá se dirige anunciando a “seus irmãos que acharam o Messias” (cf. Jo 1,42).

Um dos principais fundamentos bíblicos para a missão é o Pentecostes, onde a Igreja nascida do lado aberto de Jesus, e alimentada por seu Corpo e Sangue, é impulsionada a dar testemunho de Jesus ressuscitado. “Por fim, apareceu aos onze, quando estavam sentados à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, por não acreditarem nos que o tinham visto ressuscitado. E disse-lhes: ‘Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura’ (Mc 16,14-15). Deste primeiro impulso, a missão, iniciada há mais de dois mil anos, permanece operando graças à ação do Espírito, que envia os discípulos a anunciarem a salvação a todos os homens, e convida todos os povos a se tornarem uma só família de Deus.

2. A MISSÃO AO LONGO DOS DOCUMENTOS DA IGREJA

2.1 Das cartas de São Paulo até São João XXIII

A dimensão missiológica da Igreja surge com o seu nascimento e envio em Pentecostes. Já nas primeiras comunidades percebemos o ardor missionário, muito bem expressado pelo apóstolo Paulo em suas cartas, inclusive, o mais antigo documento do Novo Testamento, a 1ª Carta aos Tessalonicenses, (escrita entre 50 e 52 d.C.), demonstra a atuação missionária de São Paulo e seus companheiros. Podemos, portanto, considerá-la como o primeiro documento missionária da Igreja.

Em continuação, os demais textos do Novo Testamento, sempre trataram da necessidade da missão de anunciar o Cristo, perpassando todos os livros com a imagem missionária do ser discípulo de Jesus. Este movimento se propagou na história da Igreja desde os primeiros séculos, como se pode notar nas cartas de Santo Inácio de Antioquia, como no trabalho de tradução das Sagradas Escrituras e do missal no século IX por São Cirilo e São Metódio.

Com o surgimento das grandes navegações e a descoberta do “Novo Mundo”, a ação missionária toma dimensões extraordinárias. Surge a necessidade de organizar o trabalho missionário, como também nascem as grandes congregações missionárias, como a Companhia de Jesus, os Jesuítas, em 1534. A Santa Sé, buscando mais autonomia diante dos Estados nas atividades missionárias e para que a evangelização se tornasse cada vez mais uma atividade religiosa, e menos colonialista, fundou em 1622 a “*Congregação Propaganda Fide*”. Esta congregação serviu para coordenar a difusão do Evangelho no mundo todo. Ela auxiliou para que a Igreja exercesse seu trabalho missionário com mais liberdade, promoveu a formação de agentes pastorais e organizou as atividades de modo a expandir a atividade missionária a todos os



territórios, que não eram colônias europeias.

No século XIX, a atividade missionária foi impulsionada pelo surgimento das novas associações missionárias como a “Obra da Propagação da Fé” (Lyon, França, 1822, fundada por Pauline Maria Jaricot); a “Obra da Santa Infância” (hoje Infância e Adolescência Missionária, Nancy, França, 1843, fundada por D. Carlos Augusto Maria José de Forbin-Janson); surgimento dos Institutos Missionários: Espiritanos (1803), Maristas (1824), Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras (1850), Combonianos (1867), Verbitas (1875), Xaverianos (1895), Missionários da Consolata (1901). Além de centenas de novas congregações de religiosas que buscaram, ainda dentro das limitações de um convento, expandir a atividade de atendimento aos mais necessitados anunciando Jesus para além das fronteiras da Europa.

Neste século também surgem os primeiros documentos pontifícios de caráter missionário. Podemos considerar a Encíclica do Papa Leão XIII, “*Santa Dei Civitas*”, como o primeiro documento sobre a atividade missionária da Igreja na época moderna. Neste documento, o papa desejou estimular o piedoso esforço e a caridade dos cristãos, para que se esforcem, seja com orações ou com doações, para ajudar o sagrado trabalho das missões e para mostrar favor à propagação da fé. Os pontificados seguintes mantiveram sua tônica de fomentar o trabalho missionário, sempre recordando aos cristãos que: “A grande e sublime missão que Nosso Senhor Jesus Cristo, quando estava para regressar ao Pai, confiou aos seus discípulos ao dizer-lhes ‘ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura’ (Mc 16, 15), não podia terminar com a morte dos Apóstolos, mas devia continuar, através dos seus sucessores, até o fim dos tempos, isto é, enquanto existirem, na terra, pessoas para salvar pelo ensino da verdade.

O Papa Bento XV escreveu a carta apostólica “*Maximum Illud*” em 1919, uma verdadeira revolução na mentalidade missionária, pois promoveu a criação de um clero indígena, exortou ao abandono do espírito nacionalista por parte dos missionários, reconhecendo o valor das culturas dos povos nativos. Seu sucessor, Pio XI, em 1926, publica a encíclica “*Rerum ecclesiae*”, confirmando a obra do papa anterior e aprofundando o sentido e importância da missão para a Igreja. Pio XII publica duas obras importantes sobre a missão, “*Evangelli Praecones*”, em 1951, e “*Fidei Donum*”, em 1957, ambas fomentando o crescimento da valorização da missão na vida dos fiéis e do clero. São João XXIII, em 1959, em seu primeiro ano de pontificado, publica a Encíclica “*Principis Pastorum*”, que apresenta uma importante avaliação da situação das missões pelo mundo, declara toda a Igreja em estado de missão e apresenta indicações para impulsionar as missões.



2.2 A missão no Concílio Vaticano II

Apesar da insistência dos papas do início do séc. XX por promover o crescimento da consciência missionária da Igreja, no início da década de 60, a missão ainda era vivenciada como uma defesa do direito de educar e ensinar a verdade aos povos que viviam na infidelidade. A missão era algo importante, mas que não interessava a todos os membros da Igreja, nem era considerada como o modo próprio de ser discípulo de Jesus.

Na abertura do Concílio Vaticano II, porém, tornou-se evidente a necessidade da missão, expressada na busca por renovar a forma de anunciar a mensagem cristã e vivê-la de modo autenticamente evangélico “é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo” (Discurso abertura Concílio Vaticano II). Esta necessidade permaneceu como tônica dos trabalhos conciliares chegando até a elaboração do decreto *Ad Gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja.

Este foi o documento conciliar que encontrou mais dificuldades para sua aprovação. Ao todo, sete textos foram preparados até a sua redação final, percorrendo todas as quatro convocações do Concílio, sendo aprovado uma semana antes do encerramento dos trabalhos. Todo este labor também deixou rastros noutros documentos conciliares, especialmente nas constituições “*Lumen Gentium*” (40-45) e na “*Gaudium Et Spes*” (17), considerados os dois grandes documentos conciliares.

Toda esta dificuldade na elaboração do *Ad Gentes* ocorreu devido à complexidade da situação social, religiosa e política da época. Primeiro pelo grande desenvolvimento missionário do final do século anterior; os múltiplos e desafiadores problemas que variavam de continente a continente e país a país; os povos colonizados por séculos que lutavam por liberdade e autonomia; a expansão de outras religiões tradicionais que iniciavam seu trabalho missionário; a perseguição e proibição da Igreja em diversos países; novos sincretismos, crescimento de espiritualidades esotéricas; a rápida expansão das dioceses e o fluxo migratório do campo para as cidades.

Ao final do Concílio, surgiu a consciência de que a missão não deveria ser considerada como algo separado, ou como um aspecto da eclesiologia, mas deveria permear toda a existência da Igreja, e estar em sua identidade mais profunda.

2.3 A missão no pós-concílio

Seguindo a nova orientação do Concílio Vaticano II sobre a importância da missão para a vida da Igreja, os seguintes pontífices publicaram diversos documentos, além do intenso labor da congregação para a Evangelização dos Povos. São Paulo VI, escreveu a Exortação Apostólica “*Populorum Progresso*” de 1967, sobre o



progresso dos povos, e “*Evangelii Nuntiandi*”, em 1975, sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São João Paulo II, conhecido por seu extenuante trabalho missionário, publicou em 1990 a Carta Encíclica “*Redemptoris Missio*” sobre a validade permanente do mandato missionário.

A partir do pontificado de São João Paulo II, passando por toda a obra de Bento XVI, nota-se a grande mudança proposta pelo Concílio. Os papas já não produzem textos específicos sobre a missão, mas todos os documentos abordam a missão como parte fundamental do modo de ser da Igreja. Esse fenômeno repercute também no incremento da publicação dos trabalhos da Congregação para a Evangelização dos Povos, e do surgimento de novas iniciativas missionárias em todo o mundo, além da publicação cada vez mais constante de documentos e subsídios missionários pelas igrejas locais.

3. PAPA FRANCISCO: POR UMA IGREJA MISSIONÁRIA

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja passou a desenvolver a chamada Teologia da Missão, que nos ajuda a começar uma nova concepção de como abraçar a fé num mundo em constante mudança. A renovação da compreensão do Mistério da Igreja e sua presença no mundo, como servidora e perita em humanidade, levamos à conclusão de que a Igreja é essencialmente missionária (*Ad Gentes*, 1), como já citamos no contexto da Igreja em Saída. Como sacramento universal de salvação, a Igreja, unida a Cristo, Missionário do Pai, vive o grande desafio de anunciar e testemunhar o Evangelho.

A missão intrinsecamente ligada à acolhida, é uma comunicação alegre, profética e transformadora do Evangelho em todas as realidades onde o humano se faz presente. Nos ajuda a olhar de forma elucidativa o passado, alegrando-se pelos bons frutos, convertendo-se diante das quedas e buscando sempre novos caminhos. O magistério do Papa Francisco sobre Igreja Missionária é uma contribuição de como devemos compreender a Igreja no mundo de hoje e a ação dinâmica de Deus, pelo Espírito, que suscita, no caminho do Povo de Deus, a urgência de uma nova linguagem e metodologia para transmitirmos o tesouro da fé.

Portanto, se nos perguntarmos qual é a nossa tarefa no mundo, o que devemos fazer como Igreja na história, a resposta do Evangelho é clara: a missão. Ir em missão, levar o Anúncio, dar a saber que Jesus veio do Pai. O Papa Francisco incentivou e escreveu sobre a importância da missão na vida da igreja. É notório como a expressão “Igreja em saída”, cunhada por Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*,



se tornou a marca de seu pontificado e um norte para a ação evangelizadora da Igreja em todo o mundo. “Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (*Evangelii Gaudium*, 1). “Hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária” (*Evangelii Gaudium*, 20).

É marcante no pontificado de Francisco a influência de seu trabalho na América Latina, assim como sua formação missionária inaciana. Seu modo de ser se revela como continuação de sua mensagem, fortemente ressaltado pela preferência pelos mais pobres, pela esperança, pela proximidade entre Igreja e povo de Deus, por uma proposta de Igreja de portas abertas, como um eco das palavras do Concílio Vaticano II, que se encerrou declarando: “A Igreja declarou-se quase a escrava da humanidade, precisamente no momento em que tanto o seu magistério eclesial, como o seu governo pastoral, adquiriram maior esplendor e vigor devido à solenidade conciliar. A ideia de serviço ocupou o lugar central.”

Entre as diversas ideias-chaves do pontificado de Francisco começamos por examinar a ideia de “Igreja em saída”, cunhada em seu 1º ano de pontificado, na Exortação *Evangelii Gaudium*. Uma ‘Igreja em saída’ é uma Igreja decididamente missionária, capaz de sair da autorreferencialidade para chegar a todos, indistintamente, a fim de testemunhar no mundo o amor salvífico do Senhor. Francisco esforça-se por exortar à Igreja que saia de suas estruturas engessadas anunciando a todos o Reino de Deus. Trata-se de uma guinada na eclesiologia, iniciada com o Concílio e assumida pelo papa como seu modo de conduzir a Igreja, que reafirma que “a Igreja nasceu em saída”, e se abre ao outro buscando sempre o diálogo como fonte de crescimento.

O Papa Francisco demonstra com muita clareza, que é a vontade de Deus que move a Igreja e não um desejo puramente humano, em seu livro “Sem ela nada podemos fazer”, ele afirma que: “A missão, a ‘Igreja em saída’ não é um programa, um intuito concretizável por um esforço de vontade. É Cristo que faz sair a Igreja de si mesma. Na missão de anunciar o Evangelho, moves-te porque o Espírito te impele e conduz”. Assim “Igreja em saída” não deve ser entendida como um novo modo de ser, e sim como “o modo de ser Igreja”.

Na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, o papa insiste numa nova compreensão da santidade na perspectiva das bem-aventuranças e das obras de misericórdia, ressaltando as diversas formas de viver a vocação missionária recebida no Batismo e que nos faz membros da Igreja e sementes para uma humanidade nova. Na Exortação Apostólica Querida Amazônia, Francisco insiste num sonho missionário



na dimensão social, cultural, ecológico e eclesial. Faz-nos compreender, portanto, a profundidade do ser missionário na medida em que se coloca a serviço.

Neste mesmo contexto, cada batizado é convocado a assumir este movimento *Ad Gentes* integrando-se no Corpo Místico de Cristo: “Eu sou sempre uma missão; tu és sempre uma missão; cada batizada e batizado é uma missão. Quem ama, põe-se em movimento, sente-se impelido para fora de si mesmo: é atraído e atrai; dá-se ao outro e tece relações que geram vida” (Papa Francisco, Mensagem Dia Mundial das Missões, 2019).

Assim, a Igreja continua seu caminho iniciado em Pentecostes, sempre renovando sua atuação missionária, na infinita criatividade do Espírito, pois “não existe qualquer realidade humana que seja alheia à atenção dos discípulos de Cristo, na sua missão. A Igreja de Cristo sempre esteve, está e estará ‘em saída’ rumo aos novos horizontes geográficos, sociais, existenciais, rumo aos lugares e situações humanos ‘de confim’, para dar testemunho de Cristo e do seu amor a todos os homens e mulheres de cada povo, cultura, estado social” (Papa Francisco, Mensagem Dia Mundial das Missões, 2022).

Neste movimento de Igreja em saída, é evidente na teologia do Papa Francisco a opção preferencial pelos mais pobres, um dos temas mais recorrentes em seus discurso e homilias, a par da sua denúncia profética da “Sociedade do Descarte”. Esta opção também se faz notar nos textos de caráter missionário: “Quem são os destinatários privilegiados do anúncio evangélico? A resposta é clara; encontramos-la no próprio Evangelho: os pobres, os humildes e os doentes, aqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, aqueles que não te podem retribuir (cf. Lc 14, 13-14). Uma evangelização dirigida preferencialmente a eles é sinal do Reino, que Jesus veio trazer: existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres.

Para o Papa Francisco, a missão da Igreja será verdadeira à medida que move os missionários cada vez mais em direção aos marginalizados, descartados e ignorados. Ele afirma que os ambientes humanos, culturais e religiosos ainda alheios ao Evangelho de Jesus e à presença sacramental da Igreja, constituem as periferias extremas, que devem ser objetos da missão, denominada Missão *Ad Gentes*.

Este movimento, entretanto, não se dá de modo coercitivo, como que por uma obrigação moral ou ética. Ele deve sempre ser uma resposta ao Amor de Deus, para que realmente alcance o seu objetivo de testemunhar a verdade que liberta, pois a missionariedade da Igreja é testemunho de vida que ilumina o caminho, que traz esperança e amor.

O Papa nos apresenta, com insistência, que a verdadeira vivência cristã está baseada na experiência do amor, do perdão e da misericórdia de Deus, que gera



em nós o desejo de retribuir tanto bem recebido de Deus, pois colocar-se ‘em estado de missão’ é um reflexo da gratidão. Este desejo se expressa por um anseio de anunciar Jesus aos irmãos, por amor: “A missão é uma paixão por Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, uma paixão pelas pessoas. Quando nos detemos em oração diante de Jesus crucificado, reconhecemos a grandeza do seu amor, que nos dignifica e sustenta e, simultaneamente, apercebemo-nos de que aquele amor, saído do seu coração trespassado, estende-se a todo o povo de Deus e à humanidade inteira” (Papa Francisco, Mensagem Dia Mundial das Missões, 2015). Este amor nos leva a sair, a buscar aquele que estava perdido, sendo para ele outro Cristo: “Quando experimentamos a força do amor de Deus, quando reconhecemos a sua presença de Pai na nossa vida pessoal e comunitária, não podemos deixar de anunciar e partilhar o que vimos e ouvimos” (Papa Francisco, Mensagem Dia Mundial das Missões, 2021). O Papa afirma ainda, que não se pode encontrar verdadeiramente Jesus ressuscitado, sem se inflamar e apresentá-Lo a todos.

Outra ideia chave, na concepção da Missão pelo Papa Francisco, é a alegria, autêntico sinal do ser missionário: “Narra o evangelista que o Senhor enviou, dois a dois, os setenta e dois discípulos a anunciar, nas cidades e aldeias, que o Reino de Deus estava próximo, preparando assim as pessoas para o encontro com Jesus. Cumprida esta missão de anúncio, os discípulos regressaram cheios de alegria: a alegria é um traço dominante desta primeira e inesquecível experiência missionária” (Papa Francisco Mensagem Dia Mundial das Missões, 2014). Esta alegria não surge apenas do ato de anunciar a Jesus, ela na realidade é sinal da presença de Jesus, que atua com e através do missionário. Se assim não fosse, poderia ser confundida como a sensação de dever cumprido, ou como um orgulho altruísta, mas a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus.

Esta alegria nasce da crença em Jesus, como um dom gratuito, generosamente derramado naqueles que fazem a experiência do anúncio de Cristo: “Trata-se de um dom, a fé, que não está reservado a poucos, mas é oferecido a todos com generosidade: todos deveriam poder experimentar a alegria de se sentirem amados por Deus, a alegria da salvação. E é um dom que não se pode conservar exclusivamente para si mesmo, mas deve ser partilhado; se o quisermos conservar apenas para nós mesmos, tornamo-nos cristãos isolados, estéreis e combalidos” (Papa Francisco, Mensagem Dia Mundial das Missões, 2013).

E segundo o papa, ela cresce na proporção em que nos abrimos à partilha e alteridade, principalmente quando é desinteressada e dirigida aos mais necessitados. Ele encoraja a todas as comunidades paroquiais, as associações e os grupos a viverem uma intensa vida fraterna, fundada no amor a Jesus e atenta às necessidades dos



mais carentes. Onde há alegria, fervor, ânsia de levar Cristo aos outros, surgem vocações genuínas, nomeadamente as vocações laicais à missão.

Neste mesmo sentido, o Papa Francisco nos ensina que a missão é para todos, e constitui parte fundamental da identidade de discípulo de Jesus, e deve ser vivida pela Igreja como sua vocação primeira, pois cada comunidade é interpelada e convidada a assumir o mandato confiado por Jesus aos Apóstolos, de ser suas ‘testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo’ (At 1,8); e isso, não como um aspecto secundário da vida cristã, mas um aspecto essencial: todos somos enviados pelas estradas do mundo para caminhar com os irmãos, professando e testemunhando a nossa fé em Cristo e fazendo-nos arautos do seu Evangelho.

Missão, vocação e identidade se mesclam, formando a orientação fundamental da ação da Igreja neste mundo, pois a Igreja traz em si todos quantos não conhecem o Evangelho, porque deseja que todos sejam salvos e cheguem a experimentar o amor do Senhor. Papa Francisco exorta toda Igreja a anunciar a misericórdia de Deus, que é o coração pulsante do Evangelho, pois a Igreja é, por sua natureza, missionária; se assim não for, deixa de ser a Igreja de Cristo, não passando duma associação entre muitas outras, que rapidamente veria se exaurir a sua finalidade e desapareceria.

Por fim, o ideal que move o missionário, no movimento de saída, é a descoberta da misericórdia do Pai que envia o seu Filho pra que todos cheguem à Salvação. “A misericórdia gera íntima alegria no coração do Pai, sempre que encontra cada criatura humana; desde o princípio, Ele dirige-se amorosamente mesmo aos mais vulneráveis, porque a sua grandeza e poder manifestam-se precisamente na capacidade de empatia com os mais pequenos, os descartados, os oprimidos” (Papa Francisco, Mensagem Dia Mundial das Missões, 2016).

Assim, a missão é parte da experiência pessoal com Jesus, que nos revela o rosto amoroso do Pai, que envia, pela força do Espírito Santo, a Igreja a sair em busca da ovelha perdida, anunciando aos homens a Palavra da verdade, que salva e liberta: “A missão não é proselitismo, nem mera estratégia; a missão faz parte da ‘gramática’ da fé, é algo de imprescindível para quem se coloca à escuta da voz do Espírito, que sussurra ‘vem’ e ‘vai’. Quem segue Cristo não pode deixar de tornar-se missionário, e sabe que Jesus “caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária” (Papa Francisco, Mensagem Dia Mundial das Missões, 2015).

Deste modo, ser missionário numa Igreja Sinodal exige uma nova concepção da nossa identidade cristã, que deve gerar um novo humanismo num mundo dilacerado, e uma nova visão sobre as nossas estruturas eclesiais, que devem estar em renovação fazendo com que o passado ilumine o presente e projete um futuro de esperança.



Como batizados, devemos revisitare o Evangelho onde vemos a nossa identidade de sal da terra e luz do mundo, para entender a gratuidade de Deus que chama, acolhe e envia, deixando-nos uma única promessa: “Eis que estarei convosco até o fim dos tempos” (Mt 28,20). Papa Francisco, sem medo de ser profeta, é uma inspiração para a Reforma da Igreja e para a renovação da humanidade. A Igreja deve seguir esse caminho, que é o caminho do Evangelho.

4. A MISSÃO E A IGREJA DO BRASIL: COMUNIDADE DE COMUNIDADES

A CNBB, inspirada pelo Documento de Aparecida, através das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015, indicaram a necessidade de uma conversão pastoral. Esta ação estimulou a consciência de uma nova auto compreensão e reorganização paroquiais. Nesse sentido, a 51ª Assembleia da CNBB, em 2013, apresentou a renovação das comunidades paroquiais como tema central de seus trabalhos com o título: “Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia”. Refletindo a necessária renovação das nossas comunidades diante dos desafios atuais.

Esta renovação parte do estudo do livro dos Atos dos Apóstolos, que descreve a primeira comunidade cristã: “eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações” (cf. At 2,42). Conforme o exemplo das primeiras comunidades cristãs, “a comunidade paroquial se reúne para partir o Pão da Palavra e da Eucaristia e perseverar na catequese, na vida sacramental e na prática da caridade” (Documento de Aparecida, 175). Ademais, como na comunidade primitiva, o lugar privilegiado para as pessoas realizarem uma experiência concreta de encontro com Jesus Cristo é a comunidade eclesial.

Entretanto, nossas paróquias enfrentam a tentação de fechamento e apatia em relação aos outros “de fora”. Em nossos tempos de pós pandemia, este distanciamento tomou força, e se apresenta como uma ameaça que paira sobre nossas comunidades. Não raro, ouvimos relatos de movimentos, pastorais e até de comunidades inteiras que deixaram de existir devido à falta de pessoas, que persistissem nos trabalhos e da crise de comprometimento. É laborioso encontrar pessoas que assumam maior vínculo com a paróquia.

O trabalho de renovação de nossas paróquias requer pessoas mais dedicadas ao testemunho cristão em comunidade, de forma renovada, e com novo ardor em testemunhar Jesus Cristo, dando testemunho pessoal.

Como primeiro critério para renovar nossas paróquias, a CNBB nos aponta a missão “*Ad Intra*” ou seja, ir ao encontro daqueles que se afastaram da comunidade ou dos que a concebem apenas como uma referência para serviços religiosos. O Documento

das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil, nos indica que uma ocasião especial para acolher os afastados pode ser a preparação de pais e padrinhos para o Batismo, a preparação de noivos para o Sacramento do Matrimônio, as Exéquias e a formação de pais de crianças e jovens da catequese. Em nossas paróquias é gritante a realidade dos que procuram os sacramentos, mas vivem afastados da comunidade. Essas são importantes oportunidades de aproximar os afastados. Todas essas situações supõem um olhar menos julgador e mais acolhedor, para receber aqueles que buscam a comunidade pensando apenas no sacramento. Se forem bem acolhidos, poderão retornar ou ingressar na vida comunitária, experimentando a presença de Jesus Ressuscitado, alimentando-se do corpo de Jesus e de sua Palavra.

Para que isso aconteça é necessário desenvolver a acolhida, dialogando e propondo caminhos para aqueles que se sentem distanciados do caminho. “Contradiz profundamente a dinâmica do Reino de Deus e de uma Igreja em estado permanente de missão, a existência de comunidades cristãs fechadas em torno de si mesmas, sem relacionamento com a sociedade em geral, com as culturas, com os demais irmãos que também creem em Jesus Cristo e com as outras religiões” (Doc. de Aparecida, 305). Uma mensagem mais direta e uma acolhida autêntica podem reunir aqueles que se sentem distantes.

Por fim, ao tratar de missão, a CNBB nos orienta que “Desde o Documento de Medelim, a Igreja na América Latina sugere a passagem de uma pastoral de conservação, baseada numa sacramentalização e com pouca ênfase na evangelização” (Doc. de Medelim, 6), para uma pastoral missionária, como Igreja em saída. O que não significa uma ação além-fronteiras, mas em direção as periferias existenciais, dentro do território paroquial. Mesmo dentro das famílias de leigos atuantes e comprometidos, há muitos católicos não evangelizados que ainda não fizeram a experiência pessoal com Jesus Cristo, têm fraca identidade cristã e pouca pertença eclesial. Com relação a eles, a CNBB nos orienta: “Como comunidade querigmática, a paróquia deveria ter a ousadia de atrair para a fé cristã os que buscam a Deus, que se encontram dispersos pela sociedade atual. É fundamental não usar o proselitismo, mas, igualmente, evitar a timidez que impede de proclamar que Jesus Cristo sacia toda sede humana de sentido e de vida” (Doc. 104 da CNBB, 205).

5. A ESPIRITUALIDADE DA MISSÃO

5.1 Santíssima Trindade como origem da missão

A missão tem sua origem no seio da Santíssima Trindade, e procede da iniciativa do amor de Deus Uno e Trino. Logo, a missão é anterior à Igreja, essencialmente não depende dela, mas por um desígnio de amor, quis Deus associar os homens ao Plano



de Salvação, chamando todos aqueles que em Cristo foram batizados, a continuar a missão do Verbo Encarnado. O que dá início à missão é a ressurreição de Jesus. É pela ressurreição, que Jesus se revela o Filho de Deus, o enviado do Pai. E é esta ressurreição, que nos leva de volta ao seio da Trindade, lá onde nasce a missão.

Não há missão que não tenha sua origem na Trindade, e que não passe pela missão de Cristo. Este influxo contínuo da graça de Deus, como uma nascente, está sempre a brotar e sempre a correr, porque Cristo ressuscitou e se tornou fonte de vida nova, revelando o Pai, que envia o Espírito. Como toda a ação missionária é trinitária, Deus não é somente aquele que envia. Ele também é o enviado, no Filho e no Espírito Santo: “quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9).

Portanto, todo aquele que, respondendo ao envio missionário de Cristo, se põe a caminho anunciando sua ressurreição, também revela o Pai, através do Espírito. Podemos dizer que Cristo hoje exclama: “quem vê aquele que eu envie, me vê, quem me vê, vê o Pai”. Pois como disse São Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

5.2 Deus, que é amor, toma a iniciativa da missão

Em toda atividade missionária, devemos ter em conta que não é o missionário que difunde o Evangelho adiante, mas é o Evangelho, a força de Deus, que leva o missionário a caminhar. O missionário é o primeiro a ser tocado pela missão do Verbo, sem esta ação primeira, não há missionários nem missão. Afinal, a atividade missionária da Igreja está baseada no testemunho direto de Jesus ressuscitado, que revela o Pai. Se aquele que vai anunciá-Lo não O conhece, não caminhou com Ele e O reconheceu, como fizeram os discípulos de Emaús, este anúncio será no mínimo vazio de significado.

A lógica desta precedência da ação divina, ante a ação missionária, é que Deus é Amor, se Ele é amor, não pode ser solidão fechado em si mesmo. Dizer Deus é amor significa dizer que Deus se relaciona; e ir em direção ao outro, comunicar e se relacionar são características do amor, independentemente de uma finalidade posterior. Nisto se revela a grandeza do amor de Deus: Ele toma a iniciativa de amar e comunicar este amor ao amado (o Homem), e o faz em liberdade absoluta, não exigindo nada em troca, nem mesmo a recepção deste amor.

Por isso a ação missionária deve refletir este amor incondicional e gratuito, pois tem sua origem no Evangelho. Caso contrário, realizaremos proselitismo, revelando não o Deus que “amou tanto o mundo que enviou o seu Filho unigênito” (Jo 3,16), mas a mesquinhez das relações humanas, baseadas em interesses e troca de vantagens.



5.3 A ressurreição é a força da missão

Nas quatro narrativas evangélicas da ressurreição, por mais diversas que sejam, acabam sempre com o envio dos discípulos em missão, ela é essencial aos quatro Evangelhos. Isso demonstra como a ressurreição é importante na vida do missionário, que sem esta consciência de anunciar Jesus Ressuscitado, não se deve sair em missão. Pois, antes de ser uma atividade que busca dar respostas aos apelos dos homens, a missão é acolhimento do dom de Deus: A vida eterna, cujas portas do paraíso foram abertas novamente a nós, por Cristo em sua ressurreição (Cf. Cl 1,18). É por Cristo que este dom de ser enviados em missão nos é dado. É a sua presença de ressuscitado que nos dá força para caminhar.

Enfim, a missão do Verbo que se fez carne na pessoa de Jesus, se prolonga na história, no mundo, na Igreja e nas pessoas através do Espírito Santo. Jesus de Nazaré, Enviado do Pai, assumiu toda a natureza humana, padeceu, morreu, ressuscitou e nos enviou. A natureza missionária da Igreja encontra o seu ser e seu horizonte nessa ação missionária do Verbo. O significado do nome de Jesus exprime sua missão: “Deus salva”. E a missão da comunidade cristã está entrelaçada com esta missão de Deus em Jesus Cristo. A missão vem de Deus e volta para Ele.

5.4 O pecado é o obstáculo à missão

O amor de Deus é gratuito, mas intencional. O criador busca a face da criatura, nós homens, para amar. Com o pecado original, o homem virou seu rosto, e se escondeu de Deus. Em resposta ao pecado original, o amor de Deus busca reverter a separação da humanidade causada pelo pecado e, por conseguinte, reintegrar a humanidade à vida plena que é o Reino, numa perspectiva histórica e escatológica. Assim, a finalidade da missão não deve ser entendida como um mandato judicial, obrigando os homens a se converterem. Realizar a missão por esta perspectiva é considerar a ação redentora de Deus como punitiva ou justiceira. A finalidade da missão tampouco é conseguir um lugar no céu para os missionários, ou a conversão de toda a humanidade à Igreja católica.

A finalidade da missão é a recuperação para a humanidade da sua imagem e semelhança divinas perdidas em Adão, agora recuperáveis em Jesus Cristo. Deus quer novamente caminhar com o homem em seu jardim, à hora da brisa da tarde. Nesta perspectiva, é necessário ter diante de si que a realidade de pecado e suas consequências morais, sociais, e históricas, são o real obstáculo à evangelização dos povos “nossa luta não é contra a carne” (Ef 6,12). Devemos enxergar o outro com os olhos de Jesus e não como os fariseus ou doutores da lei.

No cotidiano da missão, deve prevalecer a gratuidade e a liberdade sobre a necessidade.

A identidade do missionário deve buscar assemelhar-se a Jesus. Ao identificar-se



com o pão, visão, e ressurreição, Jesus caracteriza a sua missão e, por conseguinte, a missão dos cristãos, como intervenção nas grandes questões do mundo, que são a distribuição do pão, a cura da cegueira e o combate à morte em todos os seus desdobramentos. Todas estas ações de Jesus se referem a pessoas concretas: um faminto, um cego e um morto. Mas, por serem sinais, apontam também para as enfermidades estruturais da sociedade: para a fome de muitos à custa do luxo de outros, para a negação do outro e o olhar egoísta, e para a vida mutilada, reprimida e exterminada.

5.5 A humildade é característica fundamental para a missão

O nascimento de Jesus em Belém mostra a dinâmica da missão de Jesus: Deus une Israel (os Pastores, Maria e José) e o mundo pagão (os magos do Oriente), num lugar insignificante de Belém e na fragilidade de uma criança recém-nascida, literalmente sem berço, longe da pompa e do poder da capital, Jerusalém e do templo, em que apenas o sumo sacerdote podia adentrar ao Santo dos Santos. Na escolha de Israel, e na escolha de uma criança, não há merecimento nem prestígio ou grandeza humana. Na missão do Verbo tudo é graça. Em Belém se inicia a universalidade de um reino novo sem fronteiras: no encontro simbólico de judeus, pagãos e pobres com a verdadeira tradição judaica. Foi fundado então o plano salvífico de salvar a todos os homens.

Hoje a Igreja é instrumento deste plano salvífico de Deus, e é por sua natureza, missionária, mas não é a origem nem a finalidade da missão. O fim da missão é a acolhida e a construção do Reino de Deus. A Igreja não é o Reino, mas aponta para Ele. Por isso, o missionário deve preservar a simplicidade da gruta de Belém, que a todos acolhe sem distinção, e a todos apresenta o amor de Deus, tão inocente e incapaz de causar mal algum, assim como um recém-nascido.

5.6 O Espírito Santo é o protagonista da missão

O Espírito Santo é dom e força divina. Ele está no início de todas as ações que geram vida. Crer no Espírito Santo significa crer no Senhor que dá a vida. Esse mesmo Espírito está no início da missão de Jesus de Nazaré. Nele, o filho do carpinteiro foi confirmado Filho bem-amado de Deus, por ocasião do seu batismo no Jordão. Nele foi ungido Messias e fez o discernimento decisivo de sua vida sobre a finalidade de sua missão: “ele me ungiu para evangelizar os pobres” (Lc 4,18). No mesmo Espírito, na festa de Pentecostes, a Igreja começou a falar em outras línguas e iniciou a sua missão, revestida “da força do alto” (Lc 24,49). Os Atos dos Apóstolos é o livro da missão realizada sob o protagonismo do Espírito Santo. E para nós, Pentecostes continua ocorrendo na missão confiada, ainda hoje, à Igreja.



CAPÍTULO II
NOSSA DIOCESE DE SANTO ANDRÉ
E A DIMENSÃO MISSIONÁRIA



1. Percurso histórico missionário na Diocese de Santo André

Não é possível observar o percurso histórico de nossa Igreja Particular, no que diz respeito a dimensão missionária, sem levar em consideração a recepção do Concílio Vaticano II. Tal evento esbarra na criação, crescimento e amadurecimento da Igreja do ABC. E isso, de modo natural influencia, e muito, no desenvolvimento pastoral, aqui evidenciado por meio dos seus bispos.

No percurso da nossa história missionária, precisamos recordar do tempo da nossa fase de criação, onde, para poder criar a Diocese, foi necessário a constituição de algumas paróquias e o acolhimento de alguns missionários religiosos para lhes confiar as paróquias recém-criadas. Missionários vindos da Itália, consolidaram a presença da Igreja, principalmente a partir de 1910, com a chegada dos missionários Scalabrinianos, posteriormente os conventuais e os franciscanos e capuchinhos.

Ao longo do tempo, nossa Diocese de Santo André foi tomando consciência da importância do trabalho missionário, o que era uma preocupação da Igreja, que a partir da promulgação da exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI, que ao acolher as proposições do Concílio Vaticano II, conseguiu impulsionar esse propósito na Igreja, o que tomou força por todos os pontificados posteriores, alcançando maior ênfase com o Papa Francisco, que afirma que “Toda a Igreja é missionária”.

2. Bispos da Diocese de Santo André: Testemunho de missão

Nosso primeiro bispo diocesano, Dom Jorge Marcos de Oliveira, que foi bispo auxiliar no Rio de Janeiro, chegou em nossa região, tendo como grande trabalho missionário expandir as paróquias com as demandas existentes. É importante ressaltar que à medida que a Igreja, por iniciativa do próprio povo, foi se expandindo, o apelo de trabalhar com os operários foi inerente. A presença dos padres franceses, com a congregação dos filhos da caridade, ajudou por contribuir com a relação Igreja e operários, que durante um longo período recebeu especial atenção.

Dom Cláudio Hummes, segundo bispo diocesano, tinha como trabalho desenvolver uma forte consciência missionária nos leigos e nos padres, com a formação dos seminaristas. Foi no episcopado de Dom Cláudio que a nossa Igreja Particular começou a realizar convênios missionários entre as dioceses. Num primeiro momento com a Diocese de Ímola, na Itália, em dimensão internacional, mas também na dimensão nacional, com a Diocese de Caxias do Sul. Nessas duas experiências de comunhão, a Diocese de Santo André acolheu missionários. Com Ímola, foram acolhidos padres e religiosas, de diferentes congregações, que continuam atuando em nossa diocese, e com a Diocese de Caxias do Sul, nossa Igreja acolheu dois padres. Já na década de 1980, nossa Igreja de Santo André também fez a sua experiência de enviar missionários, em um convênio firmado com a Diocese de Santarém, na região



transamazônica, onde foram enviados quatro presbíteros para esse trabalho evangelizador. No que tange ao caminho missionário percorrido com os leigos, percebemos o caminho de formação desenvolvido junto ao Instituto de Teologia, que ajudava as próprias comunidades a desenvolverem uma consciência interna de auxílio mútuo, de fraternidade.

Dom Décio, nosso terceiro bispo diocesano, deu continuidade ao caminho de formação dos leigos e do clero, dando ênfase as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.

Com Dom Nelson, tivemos, como grande expressão, o projeto de Ação Missionária Permanente, que animou a criação de novas comunidades nas regiões periféricas, nos extremos do território diocesano. Essa iniciativa demonstrou uma consciência missionária interna, onde a própria diocese assumiu um compromisso de ser Igreja, em regiões onde ela ainda era pouco presente. A retomada e reanimação dos planos de pastoral, também foram grandes marcas de seu episcopado, no que tange à dimensão missionária.

Sob o pastoreio de nosso quinto e atual bispo diocesano, Dom Pedro Carlos Cipollini, temos contínuos e novos trabalhos missionários. A criação de paróquias em regiões de grande concentração demográfica, é um exemplo. Outro grande movimento missionário de seu episcopado foram as visitas pastorais missionárias, em 2016, em comunhão com o clero e sempre acompanhado por um grupo de missionários leigos. A reorganização das regiões pastorais também se destaca como presença missionária da Igreja, que busca se articular mais e melhor nas suas regiões pastorais, por meio de seus Conselhos Regionais de Pastoral, os CRP's. Outro feito de seu episcopado foi a realização do 1º Sínodo Diocesano, momento histórico onde a Igreja Particular de Santo André pôde se reconhecer, e se preparar para os desafios da nova evangelização. Foi promulgada em 2018 a Constituição Sinodal, onde está contido o 8º Plano de Pastoral, que tem dois eixos principais: a Acolhida e a Missão.

Dom Pedro também marca a história de nossa Diocese, sendo o primeiro bispo a visitar todas as comunidades espalhadas pela porção do povo de Deus nas sete cidades do grande ABC Paulista, oportunidade em que reza, escuta e dialoga com todos os fiéis e clérigos das comunidades visitadas.

3. Colaboração com a missão *Ad extra*

A Igreja do Brasil realiza a Coleta Missionária durante as celebrações em todas as dioceses. A colaboração do Dia Mundial das Missões tem como finalidade a Evangelização, Animação e Cooperação Missionária. Desta coleta, 80% são destinados para auxiliar atualmente 1.050 dioceses pobres nos “territórios de missão” e diversos projetos na África, Ásia, Oceania e América Latina. Os outros 20% são para a ação missionária no Brasil.

A coleta Missionária na Diocese de Santo André é encaminhada ao, Regional Sul 1 da CNBB, para o projeto missionário na Amazônia e para a Diocese de Pemba em Moçambique.



CAPÍTULO III

CONSELHOS MISSIONÁRIOS



COMIDI

DIOCESE DE SANTO ANDRÉ - SP

1. ORGANIZAÇÃO MISSIONÁRIA

A Missão é o coração da Igreja. Para que a ação missionária atinja os seus fins e os resultados, devem todos os missionários ter um “só coração e uma só alma” (At 4,32). Devem ser orientados e unidos de modo que tudo se faça com ordem (1 Cor 14,40), em todas as atividades e esferas missionárias. Conheça algumas formas de organização missionária:

1.1 Pontifícias Obras Missionárias – POM

São organismos oficiais da Igreja Católica, vinculados ao Dicastério para a Evangelização. Existem para intensificar a animação, a formação e a cooperação missionária em todo o mundo. Sua identidade pode ser resumida em duas palavras: universalidade, isto é, todas as obras para todos os povos; e pontifícias, isto é, são obras do papa para toda a Igreja. Constituem uma rede universal, em 120 países, a apoiar o papa no seu compromisso missionário com todas as Igrejas particulares. Realizam isso mediante a oração, que é a alma da missão, e o auxílio material aos cristãos no mundo inteiro, ajudando a despertar a consciência missionária *ad gentes*.

1.2 Conselhos Missionários

A Igreja, orienta e motiva a criação de Conselhos missionários para atuação nas diversas instâncias:

- **COMINA** - Conselho Missionário Nacional;
- **COMIRE**- Conselho Missionário Regional (A Diocese de Santo André pertence ao Regional Sul 1);
- **COMIDI** - Conselho Missionário Diocesano;
- **COMIRP** – Conselho Missionário da Região Pastoral;
- **COMIPA** - Conselho Missionário Paroquial.

2. COMIPA - CONSELHO MISSIONÁRIO PAROQUIAL

2.1 O que é o COMIPA?

O COMIPA é um Conselho, um organismo que impulsiona de forma permanente a ação missionária paroquial. É formado por leigos que atuam em pastorais de expressão missionária e buscam animar a consciência missionária na paróquia, visto que a dimensão missionária deve ser refletida, iluminar e perpassar toda ação e estruturas e grupos paroquiais. O COMIPA não é uma nova pastoral ou movimento, não significa uma atividade a mais, mas um instrumento de reorganização da dimensão missionária paroquial.



2.2 A criação do COMIPA

Em nosso caminho sinodal, fez-se presente de maneira muito forte a consciência da necessidade de sermos uma Igreja em saída, em estado permanente de missão voltados sobretudo para as periferias geográficas e existenciais. Com efeito, a Constituição Sinodal nos orienta: “a categoria dos pobres funciona como âncora; ao se chegar aos pobres, que são os últimos, chegou-se a todos”. (p.160)

A criação dos COMIPAs é um dos objetivos do Itinerário 5, de nosso 8º Plano Diocesano de Pastoral, que está em consonância com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, elaboradas pela CNBB e listadas no Documento nº 109. A Igreja nasce da missão e existe para a missão. A V Conferência dos Bispos da América Latina e do Caribe (CELAM) exorta, através do Documento de Aparecida (2013), que os melhores esforços da Igreja devem ser empregados na convocação e na formação de missionários. “Só através da multiplicação deles poderemos chegar a responder às exigências missionárias do momento atual”(Documento 109 CNBB). Por isso, é necessário criar e organizar em nossas paróquias o COMIPA, para impulsionar o espírito missionário em nossas ações pastorais, promovendo a conversão pastoral e a renovação paroquial.

O COMIPA é formado pelos representantes das pastorais e movimentos com carisma missionário presente na paróquia. Aqui apresentamos os movimentos pastorais presentes em nossa estrutura diocesana, cujos representantes diocesanos também devem estar presentes no COMIDI e COMIRPs:

- Comunidades Eclesiais de Base – CEB’s;
- Congregados marianos;
- Grupos de Rua;
- Infância e Adolescência Missionária (IAM) e Juventude Missionária (JM);
- Legião de Maria;
- Mãe Rainha de Schoenstatt;
- Setor Juventude;
- Outras pastorais, movimentos ou grupos de expressão missionária.

2.3 Objetivos do COMIPA

- Coordenar a ação missionária paroquial, promovendo a integração de todas as pastorais, grupos e movimentos, envolvendo-os na missão;
- Promover e gerar iniciativas de diálogo e crescimento da consciência missionária nas lideranças;
- Articular a dimensão missionária como prioridade junto ao Conselho de Pastoral Paroquial, Conselho Econômico e demais conselhos administrativos que possam



existir na paróquia;

- Realizar suas atividades em sintonia com o COMIDI e com o Plano Diocesano de Pastoral;
- Planejar, promover e avaliar iniciativas e atividades missionárias que devem perpassar todos os setores da paróquia, promovendo e articulando uma agenda missionária paroquial;
- Planejar, propor e estimular estratégias para animação missionária a partir de todas as pastorais, grupos e movimentos;
- Incentivar, promover e realizar formação missionária dos agentes de pastoral formando discípulos missionários para o trabalho de evangelização comunitária;
- Incentivar e ajudar a paróquia na implantação ou fortalecimento dos organismos missionários: Infância e Adolescência Missionária, Juventude Missionária, etc;
- Informar a paróquia sobre as atividades organizadas pelo Conselho Missionário Diocesano, trabalhando em espírito de comunhão e colaboração com o mesmo;
- Agir do modo transversal envolvendo a todos de forma dinâmica;
- Encaminhar, junto com o CPP, as ações necessárias para o processo de setorização da paróquia.

2.4 Passo a Passo para constituir o COMIPA

- Identificar as iniciativas de animação missionária já realizadas na paróquia;
- Com o CPP, identificar aquelas pastorais que na paróquia tem um perfil missionário
- Enfatizar a importância da dimensão missionária na vida pastoral, litúrgica, catequética, administrativa da paróquia;
- Oferecer formação missionária ao CPP para todas as forças vivas da paróquia a partir dos documentos da Igreja que refletem sobre a consciência e organização missionária, apresentando também os objetivos do COMIPA;
- Eleger 1 ou 2 representantes de cada pastoral de perfil missionário para comporem o COMIPA;
- Marcar uma primeira reunião para traçar o itinerário do trabalho do COMIPA;
- Apresentar o COMIPA à comunidade paroquial na celebração dominical;
- Reunir-se periodicamente para entrosamento afetivo, vivência espiritual, formação, planejamento, avaliação e celebração;
- O pároco procure, na medida do possível, participar dos encontros do COMIPA.

3. COMIRP - CONSELHO MISSIONÁRIO DA REGIÃO PASTORAL

O Conselho Missionário da Região Pastoral (COMIRP), no contexto do 8º Plano Diocesano de Pastoral, se refere a representação missionária nas regiões pastorais da nossa



Diocese. Esta Comissão, é formada por 2 representantes dos COMIPAS das respectivas paróquias da região pastoral. Está para ajudar em dois pontos muito importantes:

- Organizar visitas missionárias regionais, anuais ou semestrais colaborando nas questões de logística, formação de visitadores missionários e dando suporte para que a paróquia que acolhe, possa colher os frutos da missão.
- Colaborar na implantação dos COMIPAs nas paróquias que ainda precisam, além de discutir realidades que afetam a região como um todo.
- Cooperar com o COMIDI para a organização do trabalho missionário na diocese, servindo de ponte entre o COMIDI e os COMIPAs.

O COMIRP não está para substituir o CRP (Conselho Regional de Pastoral), no que diz respeito às ações missionárias da região pastoral, tais como a escolha do local das Visitas Missionárias Regionais, e tudo o mais que se refere às decisões sobre as atividades missionárias da Região Pastoral.

A tarefa do COMIRP, é trazer para o CRP uma visão atualizada sobre o estado da missão na região, bem como articular a realização das decisões da CRP.

4. COMIDI - CONSELHO MISSIONÁRIO DIOCESANO

O Conselho Missionário Diocesano (COMIDI) além de contar com representações das diversas expressões missionárias tais como a Infância e adolescência Missionária e os religiosos, também é formada por um representante de cada região. O COMIDI organiza, estimula e realiza a animação, formação, informação e cooperação missionária em todos os níveis da diocese; além de manter o vínculo e cooperar com os organismos missionários regionais e nacionais. Conforme previsto no 8º Plano Diocesano de Pastoral, o COMIDI, deve criar subsídios missionários e itinerários formativos, estruturar os COMIRPs e, através deles, dar apoio às paróquias na criação dos COMIPAs e no trabalho de setorização.



CAPÍTULO IV

SETORIZAÇÃO



1. A SETORIZAÇÃO NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO

A respeito da setorização, vale recordar que a 4ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano - CELAM (Santo Domingo, 1992), sugeriu um modelo de paróquia, como comunidade de comunidades. O documento final substituiu a noção territorial de paróquia pela concepção comunitária afirmando que ela “não é principalmente uma estrutura, um território, nem edifício, é a família de Deus, como uma fraternidade animada pelo Espírito de unidade” (Documento de Santo Domingo, 58). Para superar o desafio de revitalização da vida paroquial, o CELAM sugeriu a setorização da paróquia em pequenas comunidades e a promoção do protagonismo dos leigos; enfatizaram a acolhida e o ardor missionário para ir ao encontro daqueles que se afastaram da comunidade. A 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Aparecida – 2007), retoma este tema em seu documento final, incluindo uma seção, no quinto capítulo, com o título de “Paróquia: comunidade de comunidades”, sublinhando a importância da setorização das paróquias.

É afirmativo nos documentos do CELAM que a setorização paroquial tem objetivo de estabelecer uma estrutura mais eficiente para atender às necessidades espirituais dos fiéis, possibilitando um melhor acompanhamento pastoral e uma maior proximidade da comunidade paroquial. Além disso, facilita a distribuição de responsabilidades, permitindo uma melhor organização e coordenação das atividades pastorais em toda a paróquia.

2. O QUE É SETORIZAÇÃO?

Os leigos são chamados a viver sua fé e testemunhá-la no mundo, tanto na esfera secular como na vida familiar, profissional e social e têm responsabilidade de santificar o mundo através de seu testemunho cristão, sendo sal e luz na sociedade, levando os valores do Evangelho aos diversos ambientes em que vivem e trabalham, transformando-a com o amor e a justiça de Cristo (cf. *Lumen Gentium*).

A setorização representa uma nova fase no esforço evangelizador da Igreja, necessária para o atual momento. É uma metodologia que tem como objetivo a construção, consolidação e animação de comunidades de fé no interior do território paroquial, para que todo o território sinta o abraço do Cristo, o Emanuel.

Essa ideia de setorização, com foco na renovação da paróquia como comunidade de comunidades é abordada principalmente no Documento de Aparecida. Esse documento destaca a importância de fortalecer a dimensão comunitária da paróquia e promover uma articulação orgânica entre as diversas comunidades presentes em seu território. Propõe uma visão renovada da paróquia, destacando que ela não deve ser apenas uma estrutura física ou um



mero local de celebração sacramental, mas sim uma verdadeira comunidade viva de discípulos missionários. Nesse sentido, enfatiza-se a importância de superar uma visão exclusivamente paroquial da Igreja, voltada apenas para as atividades internas da paróquia, e promover uma abertura para o contexto mais amplo da realidade local e das diversas expressões comunitárias presentes.

A Igreja propõe que as paróquias se organizem de forma a ser um espaço em que várias comunidades menores ou grupos eclesiais, possam se articular e cooperar, mantendo sua própria identidade e espiritualidade específica. Alguns documentos da Igreja denominam esses espaços de setores, ou comunidade de comunidades ou ainda de comunidades eclesiais missionárias. Todas essas propostas têm o mesmo objetivo: o de promover uma maior participação e corresponsabilidade dos fiéis na vida da Igreja, incentivando a formação de pequenas comunidades mais próximas e acolhedoras, onde as pessoas possam se encontrar, partilhar sua fé, rezar, estudar a Palavra de Deus e se comprometer com a missão evangelizadora. Dessa forma, esse conceito busca valorizar a diversidade e a riqueza das diferentes expressões de fé e espiritualidade presentes em uma paróquia, fomentando a colaboração, o diálogo e a troca de experiências entre essas comunidades, em prol da missão evangelizadora e da construção do Reino de Deus.

3. POR QUE SETORIZAR?

A setorização paroquial pode trazer diversos benefícios para uma paróquia e sua comunidade. Aqui estão alguns dos principais benefícios associados a essa prática:

- **Melhor atendimento às necessidades pastorais:** ao dividir a paróquia em setores menores, é possível oferecer um atendimento mais personalizado e direcionado às necessidades específicas de cada área. Os coordenadores dos setores podem estar mais próximos dos fiéis, conhecer suas realidades e desafios, e oferecer um acompanhamento mais efetivo em termos de sacramentos, orientação espiritual, catequese, entre outros aspectos pastorais. A abordagem setorizada permite uma evangelização mais contextualizada, levando em conta as particularidades e desafios de cada região;
- **Encurtar as distâncias:** identificar e superar as coisas que distanciam as pessoas da Igreja (distância geográfica, de tempo, cultura, preconceito, ignorância, etc);
- **Proximidade e comunhão com a comunidade:** a setorização paroquial ajuda a fortalecer os laços comunitários, criando uma maior proximidade entre os fiéis e os líderes religiosos. Os coordenadores dos setores têm a oportunidade de conhecer as pessoas em um nível mais pessoal, estabelecendo relacionamentos mais próximos e criando um senso de comunhão mais profundo;



- **Fortalecimento do sentimento de pertença:** a proximidade e a interação regular entre os membros de uma comunidade menor facilitam a criação de laços mais estreitos, criando um senso de família e de pertença à comunidade;
- **Maior participação e engajamento dos fiéis:** ao descentralizar as atividades pastorais e envolver os fiéis de forma mais direta, a setorização paroquial pode incentivar uma maior participação e engajamento da comunidade. Os fiéis têm a oportunidade de assumir responsabilidades em seus setores, contribuindo com seus dons e talentos para o crescimento da paróquia como um todo. Essa divisão em setores pode facilitar a organização de equipes de liderança leiga, a formação de grupos de trabalho e o desenvolvimento de projetos pastorais específicos em cada setor;
- **Fomento à vida comunitária:** ao promover uma maior interação e colaboração entre os fiéis de um mesmo setor, a setorização paroquial pode estimular a formação de vínculos comunitários mais fortes. Isso cria oportunidades para o compartilhamento de experiências, apoio mútuo, crescimento na fé e na vivência do Evangelho em um contexto comunitário;
- **Experiência de Pastoral de Conjunto:** a setorização paroquial promove a pastoral de conjunto, pois busca promover a colaboração e a sinergia entre as diversas comunidades, grupos e pastorais presentes em uma paróquia. A setorização pode ajudar a otimizar a administração dos recursos pastorais, a coordenação das atividades e a organização dos serviços pastorais em cada setor específico;

4. COMO SETORIZAR?

Como critérios para a divisão da paróquia em setores pastorais, deve-se levar em conta fatores como densidade populacional, características socioculturais, necessidades pastorais e geografia local. Dessa forma, se faz necessário organizar o trabalho por etapas:

- **Mapear a área paroquial:** utilizar para estudo da área paroquial o mapa oficial que está disponível no site da Diocese de Santo André (www.diocesesa.org.br), cujas delimitações da área da paróquia foram definidas, em conformidade com os padres das paróquias vizinhas. Com o mapa em mãos, identifique quais bairros e suas respectivas ruas fazem parte desta área. Seria importante trabalhar com o mapa físico, online, observações *in loco* e planilhas de Excel com os nomes dos bairros e das ruas, pois com diversos instrumentos é possível uma análise mais detalhada da área;
- **Estudo da área paroquial:** com o apoio do COMIPA e CPP, é muito importante fazer um estudo detalhado da área geográfica da paróquia. Analise fatores como a extensão territorial, densidade populacional, distribuição dos fiéis, infraestrutura disponível e outras características relevantes;



- **Fazer o levantamento das realidades que não são territoriais:** hospitais, associações, escolas, conjuntos habitacionais, pessoas em situação de rua, etc;
- **Definição dos critérios para divisão dos setores:** determine os critérios que serão usados para dividir a paróquia em setores. Esses critérios podem incluir proximidade geográfica, número de fiéis, características sociais ou outras considerações pastorais;
- **Divisão da paróquia em setores:** com base nos critérios estabelecidos, divida a área paroquial em setores menores. Cada setor deve ter uma delimitação clara e representar uma porção da paróquia, que possa ser atendida de forma eficiente;
- **Levantamento:** fazer um levantamento das forças pastorais presentes em cada setor;
- **Definir perfil:** traçar perfil quantitativo e qualitativo de cada setor;
- **Identificação dos coordenadores:** cada setor ter uma ou duas pessoas referenciais, designados pela paróquia (indicado pelo setor ou pelo CPP e ratificado pelo pároco). Esse coordenador deve trabalhar em conjunto com o pároco. Eles têm a responsabilidade de organizar as atividades de evangelização no setor que coordena;
- **Comunicação e planejamento:** comunique a nova estrutura de setorização aos fiéis da paróquia. Explique os objetivos e benefícios dessa abordagem e envolva a comunidade no processo. Realize reuniões de planejamento com os coordenadores dos setores para discutir metas, estratégias e formas de colaboração entre os diferentes setores;
- **Formação dos referenciais dos setores:** o Concílio Vaticano II ressalta a importância da formação dos leigos, tanto espiritual quanto doutrinal, para que possam cumprir sua missão de forma eficaz. Para isso será necessário organizar formação inicial e contínua sobre questões de fé (Bíblia e Igreja), qual o papel deste referencial no setor e questões práticas para uma boa liderança setorial;
- **Implementação das atividades pastorais:** com a setorização estabelecida, os coordenadores dos setores podem começar a organizar e coordenar as atividades pastorais em suas respectivas áreas. Articulando as iniciativas de acordo com as necessidades e recursos disponíveis em cada paróquia;
- **Acompanhamento e avaliação:** realize um acompanhamento constante da setorização paroquial para avaliar sua eficácia e fazer ajustes, se necessário. Mantenha uma comunicação contínua com os coordenadores dos setores, oferecendo suporte e orientação quando necessário.

Lembrando que essas etapas são apenas uma orientação básica, e cada paróquia pode adaptar o processo de acordo com suas necessidades e realidades locais. É recomendado que esse processo seja coordenado pelo pároco, com a equipe pastoral e a comunidade como um todo, para que todos possam contribuir com ideias e esforços para fortalecer a vida comunitária e a vivência da fé em cada setor.



5. ATIVIDADES QUE PODEM SER DESENVOLVIDAS NOS SETORES MISSIONÁRIOS

O modelo para a nossa ação é e sempre será, a comunidade dos primeiros cristãos, “perseverantes na escuta dos apóstolos, na comunhão fraterna, na partilha do pão, nas orações e na missão” (At 2,42; 8,4). Trata-se de uma novidade sempre antiga, mas, ao mesmo tempo, tão atual, que nos permite “tirar do tesouro coisas novas e velhas” (Mt 13,52). A setorização paroquial deve levar em conta cada contexto, que é específico de cada paróquia.

A forma de implementação da setorização paroquial pode variar de acordo com as necessidades e realidades de cada paróquia, mas podemos indicar pistas de atividades que podem ser comuns a muitos setores:

- Organizar atividades pastorais, como celebrações litúrgicas, catequese, visitas pastorais, encontros de formação e outras iniciativas, que promovam a vida comunitária e a vivência da fé naquela área específica;
- Articular momentos direcionados de oração e reflexão, criando e fortalecendo os grupos já existentes para encontros da Campanha da Fraternidade, novena Missionária, novena de Natal, estudo bíblico ou até a criação de subsídios próprios de acordo com a necessidade e tempo observados;
- Trabalhar a catequese e a doutrina da Igreja;
- Ser um canal de escuta;
- Descentralizar informações: cada setor pode ser canal de comunicação entre os fiéis do setor e a paróquia, divulgando e informando sobre questões que sejam desconhecidas, mas necessárias ao setor como a: divulgação de eventos, horários de atendimento, orientações sobre sacramentos, entre outras necessidades que serão próprias de cada paróquia ou setor;
- Promover a articulação das necessidades identificadas nos setores com as propostas oferecidas pelas pastorais, fazendo os devidos encaminhamentos;
- Conduzir aos sacramentos;
- Fazer o convite a participação da comunidade;
- Acompanhar as famílias que chegam à comunidade;
- Promover ações paroquiais para integração entre os setores da paróquia;

As atividades que serão desenvolvidas nos setores devem ser sempre fruto do discernimento da vontade de Deus concretamente na vida da comunidade, no dia a dia da convivência comunitária: ao ajudar um vizinho necessitado, visitar para rezar com alguém que perdeu um ente querido, celebrar o aniversário de alguém com um bolo e refrigerante; nada disso precisa de grande organização, mas se configuram



como testemunhos cristãos no mundo. Nesse relacionamento mais cotidiano, sem uma especificidade que lhe caracteriza a não ser justamente uma comunidade de seguidores de Jesus. A meta é de dar as ferramentas para estas comunidades navegarem nosso mundo tão caótico à luz da fé, da palavra de Deus e da fraternidade, ajudando-os a sentir o chamado de Deus nas situações cotidianas de sua vida.





CAPÍTULO V

UMA MISSÃO QUE DESEJA CHEGAR A TODOS



1. ABORDAGEM MISSIONÁRIA: RELEMBRAR ALGUNS COSTUMES

Você já sorriu para alguém hoje? Periodicamente o Papa Francisco insiste a toda Igreja que um cristão não deve ser uma pessoa triste, mas feliz, que demonstra a alegria de ser filho de Deus.

Um missionário também não conseguirá êxito na sua recepção se seu semblante estiver demonstrando preocupação, raiva ou até mesmo indiferença. Para abordar o outro, nossa primeira comunicação não é a fala, mas o nosso corpo. Nosso rosto é o nosso cartão de visita.

Começar uma conversa com quem está esperando o ônibus, ou até mesmo o motorista do carro de aplicativo, pode ser algo simples e ao mesmo tempo alegre e diferente. Não precisamos necessariamente pegar a Sagrada Escritura e lê-la para tocar a vida das pessoas e levá-las a um encontro com Jesus. Nossas vidas são as páginas do Evangelho que o mundo lê.

O Papa Francisco sempre nos recorda que “Transmitir a fé não é fazer proselitismo, é outra coisa, é ainda maior. Não é buscar pessoas que torçam por um time de futebol, um clube, um centro cultural; isso pode ser, mas a fé não se propaga com proselitismo. Bento XVI disse bem: ‘A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração’. A fé se transmite, mas por atração, isto é, por testemunho”.

O trabalho missionário precisa do seu sorriso, sua alegria e afabilidade. Por isso, aqui estão listados alguns exercícios de abordagem:

- Sorriso e cumprimento, buscar fazer isso com todas as pessoas que encontramos, no trabalho, nas ruas e no ambiente paroquial;
- Aperto de mãos, evitando aquela mão frouxa ou extremamente forte, que chega a incomodar;
- Olhar nos olhos daqueles com que falo (sem exagerar);
- Parar e me virar quando me dirigem a palavra, evitando passar a impressão de estar apressado;
- Chamar as pessoas pelo nome quando for cumprimentá-las;
- Agradecer a acolhida e atenção recebida, mesmo que de modo rápido.

Note que até aqui estamos falando de costumes, práticas que a dinâmica social tem perdido com muita facilidade. Estamos cada vez mais inseridos em nossos mundos, em nossas telas, com nossos fones de ouvidos, que receber um sorriso ou um autêntico aperto de mãos, já se torna uma expressão missionária e até mesmo de caridade. Até mesmo as comunidades paroquiais perderam um pouco essa dimensão de cordialidade, de ser família, de olhar no olho e conviver.



2. MISSÃO EM ÁREAS DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Dentro do projeto de setorização da paróquia, os irmãos em situação de rua necessitam de especial atenção, pois constantemente estão se deslocando dentro do território paroquial. Além dos setores missionários da paróquia, vale a pena pensar um espaço que atenda ou dê apoio aos irmãos em situação de rua. Tal trabalho a ser desenvolvido precisa de uma dimensão de conjunto, somando forças com outras iniciativas pastorais que trabalham com estes grupos, como a pastoral do povo de rua, vicentinos, pastorais da caridade. Aqui estamos falando de promoção humana, não de assistencialismo.

Mesmo havendo aqueles que migram de um lado para o outro dentro do território, existem alguns grupos que se estabelecem às margens de rios, córregos, viadutos e pontes, formando pequenas vilas ou comunidades. Esses grupos algumas vezes de dependentes químicos que acabam fazendo pequenos serviços, como olhar carros nas ruas, ou reciclagem de lixo, a fim de conseguir algum dinheiro.

Quando esses irmãos são abordados por agentes das nossas pastorais, eles não se mostram violentos, mas a abordagem precisa ser discreta e verdadeira. É necessário pensar um projeto de superação da pobreza, oferecendo a esses irmãos meios para deixarem a vulnerabilidade que se encontram. A cesta básica, a marmita, a refeição que oferecemos é um paliativo, não deveria ser algo permanente.

Para uma efetiva atividade missionária junto aos grupos em vulnerabilidade social, é válido convidar diferentes grupos da sociedade, sobretudo o poder público, que deve estar em constante diálogo com a Igreja. Outras frentes específicas também precisam somar forças a esse trabalho, como assistentes sociais, psicólogos e profissionais da área da saúde, que muitas vezes encontramos em nossas paróquias, e que de bom grado se colocam a disposição para ajudar.

A mensagem evangélica, ou seja, aquela que brota do Evangelho, se destaca por ser um contínuo compromisso com os outros. O chamado à santidade é um ecoar dessa mensagem, que nos impele a uma resposta moral imediata, que se manifesta por meio da caridade. Nossa fé deve nos impelir a ir em direção às diferentes áreas de vulnerabilidade social, aos irmãos e até mesmo famílias em situação de rua, sempre fomentando iniciativas planejadas e organizadas.

3. MISSÃO EM CONDOMÍNIOS E CONJUNTOS HABITACIONAIS

Um dos maiores desafios para o trabalho missionário da Igreja está na relação com os condomínios e conjuntos habitacionais. A pastoral da cidade encontra cada vez mais dificuldade de se comunicar com as famílias, não porque a Igreja está fechada em si, mas sim as famílias, sobretudo no pós pandemia. Como bater na porta de uma residência, quando, entre o missionário e o visitado temos um interlocutor,



o porteiro, ou até mesmo a portaria eletrônica?

A falta de segurança nas cidades acabou por fechar ainda mais o acesso às famílias. Há prédios que possuem em seus estatutos a proibição de atividades religiosas fora das unidades dos condôminos.

Como uma iniciativa de esperança nesses espaços, é necessário identificar um morador que esteja em nossa comunidade paroquial, e por meio dele, buscar acessar os demais moradores. Vale ressaltar que nestes prédios, quando nossas procissões passam, sejam de padroeiro ou durante a Semana Santa, muitos condôminos vão até as sacadas e janelas, estendem lençóis e acendem velas. Eles estão suscetíveis à vida de fé, conservam em seus corações a piedade religiosa, só precisam ser atingidos de modo mais direto, por isso o auxílio de outro morador é importante. Caso não haja um morador local que frequente a Igreja, a pessoa do sacerdote pode ser importante, buscando conversar com o síndico. O bom diálogo sempre abre portas.

Um grupo com forte expressão missionária em nossa Igreja, a Campanha Peregrina da Mãe Rainha, mais conhecida como a Capelinha da Mãe Rainha, tem logrado êxito no acesso a esses conjuntos habitacionais. A missão discreta de Maria, que por meio de uma pequena capela entra em diferentes apartamentos, sendo presença constante da fé, acaba também por ser presença constante da Igreja junto a essas famílias. O que precisa ser frisado nesse trabalho é que cada missionário deve estar em comunhão com as atividades paroquiais, informando a cada nova casa que a Mãe Peregrina visita, as atividades paroquiais, sobretudo aquelas mais características da comunidade local. Vale lembrar também que nos momentos de novas inscrições para a catequese, essas informações devem chegar até as famílias visitadas.

4. MISSÃO EM ZONAS DE COMÉRCIO

À primeira vista pode-se até desconsiderar nossas ruas e avenidas comerciais como áreas de missão, mas é um erro pensar assim. O trabalho é dom de Deus, e merece ser santificado, merece manifestar o Reino de Deus. Servir aos outros, mesmo que de modo pontual, é uma forma de manifestar o amor de Deus, a comunhão e a fraternidade.

É fato de que todos desejam trabalhos com condições dignas e boas remunerações, mas junto a essa luta, evidentemente cristã, o trabalho merece atenção. O sustento de uma família, o pagar a faculdade dos filhos ou dos netos, ou até mesmo o desejo de que quitar ou adquirir a casa própria passam pelo espaço comercial que muitas famílias se dedicam dia e noite para mantê-los.

Não há uma comunidade paroquial no ABC que não tenha uma avenida, rua ou zona de comércio. E todos os dias, em horário comercial, estes espaços estão de



portas abertas. Iniciativas como a Pastoral do Empreendedor, do Comerciante são bons exemplos da presença da Igreja junto a esses estabelecimentos. Muitos acabam sendo visitados apenas em períodos de festas em nossas paróquias, a fim de que patrocinem seus festejos.

A presença da Igreja junto a estes espaços, pode se manifestar de muitos modos. Pode o sacerdote percorrer esses comércios, buscando ser afável e consciente da realidade de seus comerciantes, bem como se dirigir a esses espaços para abençoar as dependências. Pode a procissão da comunidade passar em frente a esses espaços e suplicar as bênçãos de Deus aos comércios, ou uma imagem do padroeiro local peregrinar nesses espaços.

Fato é de que muitos estabelecimentos comerciais, sobretudo os de famílias católicas, ainda possuem um altar com a imagem de um santo de devoção ou terço, e, mesmo quando o espaço faz questão de ser neutro na dimensão religiosa, não se pode esquecer que os trabalhadores daquele espaço são pessoas religiosas, católicas ou não.

5. MISSÃO NAS INDÚSTRIAS

Uma das grandes características do ABC Paulista é o reconhecimento de sua forte quantidade de indústrias. O desenvolvimento das indústrias e o desenvolvimento da Igreja Católica chega a se mesclar também, sobretudo em determinados períodos históricos.

Hoje, mesmo não sendo o principal setor a empregar em nossa região pois o setor de serviços já se apresenta como superior, há várias empresas que se consolidaram em diferentes paróquias das setes cidades. Muitas delas com forte presença de paroquianos.

Mesmo em ambientes diversos, é possível desenvolver uma cultura do encontro, do diálogo e cooperação. Muitas empresas, a fim de respeitar as diferentes religiões de seus empregados, realizam momentos ecumênicos de fechamento de ano, e algumas vezes a Igreja Católica não se faz presente. Vale a pena, dentro do ambiente paroquial, identificar as empresas e contatos, e por meio de um grupo de visitação, ou até mesmo acompanhado do sacerdote local, a comunidade paroquial se apresentar. Deus ama os operários, pois ele mesmo trabalhou em favor dos homens, por isso, é missão da Igreja apresentar o trabalho como fonte de dignidade e santificação.

6. MISSÃO JUNTO AOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Diante de uma sociedade cada vez mais secularizada, os departamentos públicos têm se tornado ilhas isoladas dentro dos territórios paroquiais. A Igreja no ABC, até



demonstra um bom diálogo com as formas municipais, mas quando a instância é de ordem estadual ou federal, isso muda um pouco de figura. Um exemplo dessa realidade é a visita religiosa junto aos hospitais municipais, direito garantido na constituição, que muitas administrações públicas, no período pós pandemia, tem negligenciado aos seus cidadãos. O esforço empregado pela Pastoral da Saúde, por exemplo, é um testemunho alegre para todos.

A presença da Igreja junto aos espaços e departamentos públicos não precisa ser constante, pois a finalidade destes espaços é clara, mas também não pode não existir. Dialogar com a diretora da escola, com o delegado local, com a gerente do posto de saúde, deve ser uma realidade existente, e mesmo o padre não faça esse trabalho, mediante aos demais compromissos, alguém em nome da comunidade pode assim fazer, buscando estabelecer vínculo e cooperação, característica que ajuda o desenvolvimento da pastoral urbana, numa pluralidade de pessoas.

Há espaços públicos que podem ser usados e pouco são de fato. Quantas praças, parques, centros de convivência e afins existem nas sete cidades e não são usados. Não valeria a pena fazer um encontro da catequese na praça? Uma reunião de um apostolado no centro de convivência do bairro? Um encontro dos jovens na quadra da escola? A festa das inscrições da catequese no parque do bairro?

Mais do que uma missão porta a porta, a evangelização dos espaços e departamentos públicos passa pela presença e utilização da Igreja, efetivando-se a Igreja em saída, desejada por Jesus, evidenciada no magistério do Papa Francisco.

7. MISSÃO NOS BAIRROS

Periodicamente, os bairros que formam as paróquias precisam ser visitados pela ação pastoral da Igreja. Isso pode acontecer de modo contínuo, por meio do trabalho do COMIPA, se houver, ou por meio de uma visita missionária, um período específico, que não precisa acontecer apenas no mês de outubro.

Para a visita junto aos bairros, é necessário avaliar que tipo de visita deseja ser realizada, se é uma visita aos membros afastados ou a novos membros, com uma característica porta-a-porta. Se for uma visita a membros afastados ela pode se desenvolver de modo mais certo e programado, diferente da visita porta-a-porta, onde cada casa é um novo desafio a ser encontrado. Vale lembrar que ambos os modelos possuem seus aspectos facilitadores e desafiadores.

Outra clareza necessária para a missão nos bairros, é o público que se destina visitar. Por isso, é preciso fazer um mapeamento do local, pois assim os visitantes terão ciência de que não serão apenas casas a serem visitadas, mas hospitais, casas de longa permanência e escolas, por exemplo.



Após ter sido realizado o mapeamento, é muito prudente que haja pessoas que conheçam a região a ser visitada, ajudando os missionários nos deslocamentos e demais dificuldades a serem encontradas. Esses acompanhantes dos missionários podem ser chamados de “anjos”.

Um aspecto valioso também é a pré-visita, que deseja apresentar aos missionários a realidade que irão atuar, fazendo com que se coloquem ainda mais inseridos na realidade local. Após a pré-visita, é necessário preparar o material da missão, sem se esquecer de uma pequena lembrança entregue a cada abordagem, como um marca página por exemplo. A comunidade paroquial deve mobilizar a comunicação, com faixas pelas ruas do bairro a serem visitadas e até mesmo um bom carro de som avisando da iniciativa.

Depois da visita, os missionários podem preencher uma ficha com os dados coletados durante a conversa. Essas fichas trazem demandas que devem ser trabalhadas por todas as pastorais e grupos da comunidade, tornando o trabalho ainda mais frutífero.

Após a realização das visitas, é valioso realizar uma avaliação, destacando os pontos fortes e os pontos a serem melhorados, a fim de que as próximas experiências sejam cada vez melhores. O importante é a continuidade e a renovação do trabalho.



CAPÍTULO VI

VISITAS MISSIONÁRIAS



1. COMO ORGANIZAR AS VISITAS MISSIONÁRIAS?

Jesus é o Missionário do Pai. Ele veio ao mundo para “visitar e resgatar o seu povo” (Lc 1, 68). O Evangelho descreve como Jesus caminhava de cidade em cidade, visitava casas e comunidades, a todos ensinava e pregava a boa notícia do reino de Deus (Mt 4, 23). Ele também enviou seus discípulos, dois a dois, para proclamarem a misericórdia e o amor do Pai (Mc 6, 7). Finalmente, Jesus ordenou a seus seguidores: “Ide e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que vos ensinei. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo”. (Mct. 28, 19-20.)

Ao sairmos em visita, vamos “em nome de Jesus”! Por este motivo, é imprescindível que antes de sair para rua, nos coloquemos em comunhão com Deus através da oração. Jesus disse, “pedi e recebereis; procurai e encontrareis; batei e vos será aberto. Pois quem pede recebe; quem procura encontra; e, para quem bate, se abrirá... se vós que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem!” (cf. Lc 11, 9-13). O Espírito Santo conduz a missão da Igreja e, se nos abirmos à comunhão com Deus, também nos conduzirá nas visitas missionárias.

1.1 Cinco passos para a visita missionária na casa

Sair em missão é um risco! Nem sempre somos bem recebidos ou nos encontramos em condições confortáveis. No entanto, os seguintes passos são fundamentais para fazer a nossa parte da melhor forma possível. São eles:

- 1) se identificar;
- 2) ouvir;
- 3) convidar para rezar;
- 4) passar as informações pertinentes;
- 5) agradecer e se despedir.

1º passo: se identificar e pedir licença

Ao chegar na casa, primeiramente se identifica e diga um ou dois objetivos da visita. Pode usar frases como: “Bom dia, somos missionários da Igreja Católica e gostaríamos de pedir a benção de Deus sobre você e sua família”

“Somos da paróquia _____ e gostaríamos de rezar com vocês, para agradecer o dom da vida!”

“Bom dia, estamos aqui em nome da comunidade _____ para visitar o doente, orar por ele e colocar nossa comunidade à disposição naquilo que for possível.

Ao chegar à casa, saudar a todos: apresentar-se e procurar identificar as pessoas pelo nome;



Sempre espere um adulto da casa dê permissão para entrar. Pode ser que não os queiram receber. Não há problemas. Se isso acontecer, agradecer a pessoa, cumprimentá-la e saia.

2º passo: ouvir com atenção e respeito

Ao entrar na casa, procure ouvir as pessoas que ali moram. Seja discreto, simples e simpático, de forma que o seu sorriso possa falar da alegria de estar ali e de que Jesus está presente. É favorável não se alongar muito na visita, pois sua presença pode se tornar inoportuna. Entretanto não devemos ter pressa, se as pessoas da casa quiserem falar, elas devem ser ouvidas.

Se as pessoas partilharem sua vida, opiniões ou experiências, é muito importante não julgar ou dar opiniões. Não é o momento de expressar as próprias convicções políticas, análises dos noticiários ou semelhante. Sobretudo, quando um problema é partilhado, não forneça sugestões ou soluções, antes, convidar a pessoa trazer estas questões para a oração.

3º passo: convidar a rezar e oferecer a bênção

Após ouvir a pessoa/família, pode se convidar a pessoa à oração, usando palavras como:

- Você gostaria de colocar em oração estas coisas que falamos?
- Podemos fazer uma oração juntos e colocar tudo isso no coração de Deus?
- Você aceita que peçamos a benção de Deus sobre sua casa e sua família?

Em seguida, deixe que no clima de oração, as próprias pessoas se expressem. Pode ser útil o roteiro de oração que está no fim do livrinho, sobretudo quando se trata de uma família católica que quer receber a benção. Caso não seja católica, pode fazer uma oração espontânea e rezar o Pai-nosso.

De acordo com aquilo que foi partilhado, pode ler alguma passagem da Bíblia. É importante ler estas passagens antes do dia da visita e tê-las separadas na bíblia com antecedência.

4º passo: comunicar as informações da Paróquia à qual a pessoa pertence

Ao terminar a oração, sempre que possível, deixe com a família uma oração, mensagem ou jornal da paróquia com os dias e horários das missas, a relação de serviços paroquiais, os dias e o horários de atendimento do padre. Pode-se também informar a família sobre revistas, jornais e programas católicos em rádios e canais de TV, de maneira especial, o Programa Verbum da Diocese de Santo André.



5º passo: agradecer e se despedir com gentileza

Ao deixar a casa, sorria e agradeça a acolhida. Sugere-se também fazer uma oração mental pela pessoa visitada, confiando-a à intercessão da Virgem Maria e à proteção divina.

1.2 - Algumas Orientações Práticas

A duração da visita

Embora algumas visitas sejam muito rápidas e outras demorem bastante, procure fazer a visita entre 30-45 min. Se perceber que a pessoa está com pressa, e mesmo assim quer receber a bênção, procure não delongar muito. Por outro lado, se perceber que a pessoa tem necessidade de falar e está a vontade, não se apresse ou nem fique olhando para o relógio.

Situações de carência material

Se a casa visitada apresentar uma situação de carência material, tenha o cuidado de comunicar para o coordenador do COMIPA, de Pastoral ou com o Pároco da comunidade, seja por viva voz, seja por ficha ou caderno de anotação apropriado. Não é conveniente combinar doações ou prometer ajuda na hora da visita. É importante se informar, com antecedência, sobre como a paróquia assiste aos mais necessitados.

Presença de Enfermos

Se na casa moram pessoas que estão enfermas ou acamadas, pergunte aos familiares se qualquer cuidado ou precaução é necessário. Se caso estiver resfriado, gripado etc., tenha os cuidados necessários e use o bom senso. Seja gentil e respeitoso com o enfermo, evitando reparar na sua aparência ou limitações.

Portadores de necessidades especiais

Caso houver alguém na casa portador de necessidades especiais, procure tratar a pessoa com a mesma atenção e normalidade das demais pessoas presentes. No caso de encontrar pessoas surdas e não conhecer LIBRAS, não se preocupe pois muitos surdos sabem fazer leitura labial ou conseguem ler.

Dúvidas ou questionamentos difíceis à fé

Se a pessoa visitada levantar questionamentos sobre a fé às quais se sente inseguro/insegura de responder, não procure improvisar uma resposta. Diga claramente que não sabe responder naquele momento, mas que pode chamar depois alguém que possa tirar as dúvidas, informando o responsável (pároco /coordenador de catequese/Pastoral) depois. Se o questionamento é de cunho afetivo (ex. por que isso aconteceu comigo?), não dê respostas diretas, mas encoraje a pessoa a buscar as respostas no relacionamento com Deus.



Situações de hostilidade aos visitantes

Se alguém não quiser receber a visita, ou demonstrar hostilidade à presença dos missionários, agradeça/peça desculpas e continue em frente.

2. ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA

2.1 Sentido fundamental de espiritualidade missionária

“Ele lhes disse de novo: ‘A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio’. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: ‘Recebei o Espírito Santo’”

(Jo 20,21-22). Podemos dizer que o sentido fundamental da palavra Espiritualidade é a inspiração e a expiração que nos faz viver. Se missão é o agir cristão decorrente do mandato de Jesus, a espiritualidade é a raiz disso, o ponto motivador, porque de fato vivemos e agimos conduzidos pelo Espírito.

Quando somos conduzidos pelo Espírito Santo no Caminho que é Jesus, somos introduzidos na comunhão com a Santíssima Trindade, nosso Deus de Amor. Amor quer dizer relação, diálogo, encontro com o outro. Esse encontro para acontecer precisa de sujeitos/identidades distintas. Por isso o nosso Deus, para ser amor, é constituído por três pessoas, porque ele é único, mas não solitário (cf. CIC 254). Esse amor, que brota de dentro do coração trinitário, não se contém em si, ele precisa amar ir além, ele transborda e ao transbordar se comunica sai de si e cria toda a humanidade.

Ama tanto a humanidade, que mesmo com a queda e o pecado, ele não desiste, quer salvar, ele redime e envia seu filho para restabelecer e reintegrar todas as criaturas na vida plena, participando do seu reino.

No Reino de Deus, toda participação é preciosa. Deus envia o seu filho, mas não só ele, a partir Dele, envia toda a humanidade para participar da sua missão, de gerar vida, de ser presença do amor de Deus, no cuidado com as pessoas, sendo fonte de amor.

Participar da missão é participar do movimento gratuito do amor de Deus para com as pessoas, pois Deus é uma fonte de amor que envia.

O Papa Francisco, em sua encíclica *Evangelii Gaudium*, dá algumas pistas muito iluminadoras para uma espiritualidade missionária.

2.2 Sim ao desafio de uma espiritualidade missionária

Hoje nota-se em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade. Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o



encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização. Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores – não obstante rezarem – uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor. Esses são três males que se alimentam entre si.

Acabam assim por sufocar a alegria da missão numa espécie de obsessão, por serem como todos os outros e terem o que possuem os demais. Deste modo, a tarefa da evangelização torna-se forçada, onde empreendemos pouco esforço e um tempo muito limitado.

Nos agentes pastorais, independentemente do estilo espiritual ou da linha de pensamento que possam ter, desenvolve-se um relativismo ainda mais perigoso que o doutrinal. Tem a ver com as opções mais profundas e sinceras, que determinam uma forma de vida concreta.

Este relativismo prático é agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem. É impressionante como até aqueles que aparentemente dispõem de sólidas convicções doutrinárias e espirituais acabam, muitas vezes, por cair num estilo de vida, que os leva a agarrarem-se a seguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana que se buscam, por qualquer meio, em vez de dar a vida pelos outros na missão. Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário!

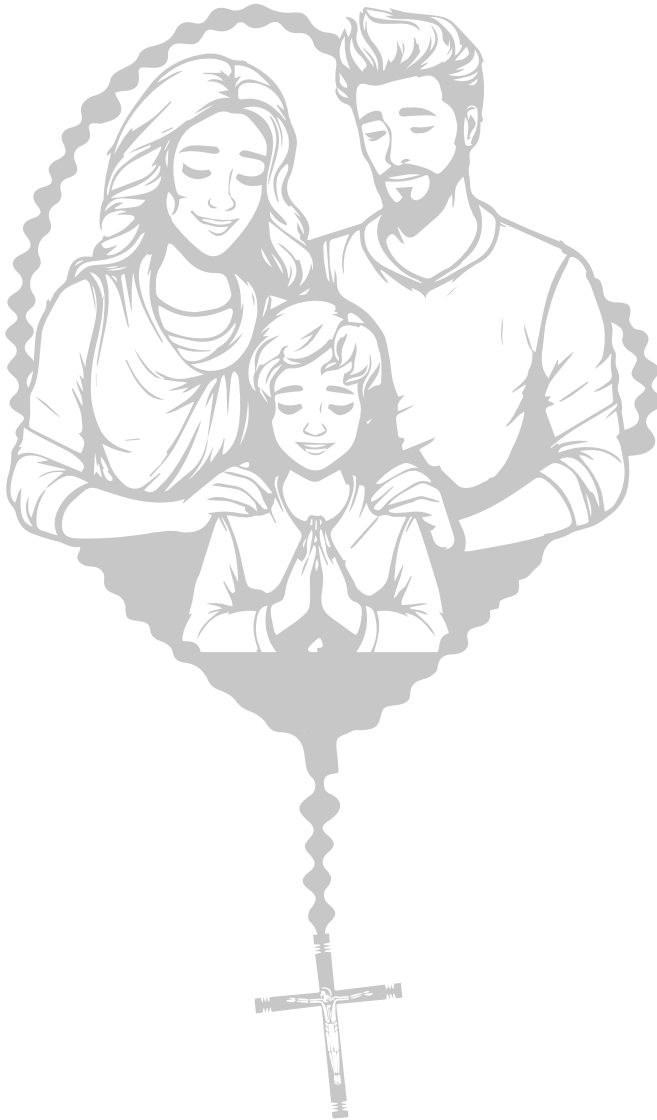
2.3 Enviados em nome de Jesus

Nós somos enviados em nome de Jesus e por isso, o missionário e a missionária devem ter consciência de que vai ao encontro do outro para fazer a vontade de Deus e não a própria. A missão brota da nossa identidade de batizados e é para nós fonte de alegria! Com efeito, Jesus disse: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi” (Jo 15, 16).



CAPÍTULO VII

ROTEIROS DE ORAÇÃO E ESPIRITUALIDADE



1. ORAÇÃO MISSIONÁRIA DIOCESANA

Senhor Deus, nosso Pai de bondade, que enviastes ao mundo vosso Filho, em missão de amor e de paz: nós vos bendizemos! Nossa alegria é imensa porque Jesus quis associar à sua missão os doze apóstolos e todos aqueles que acreditassem na pregação deles: os batizados e batizadas! É a Igreja missionária por natureza, anunciadora da boa nova do Reino de justiça e paz. Ajuda-nos, ó Pai, a sermos uma Igreja em saída missionária! Dá-nos a gratidão e a gratuidade para nos comprometermos com a missão e termos assim, a alegria de fazer chegar o Evangelho a todos. Nós vos pedimos, ó Pai, por Maria, a “estrela da evangelização” e por vosso Filho Jesus que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo. Amém.

Dom Pedro Carlos Cipollini

2. TERÇO MISSIONÁRIO

2.1 A origem

O Terço Missionário é uma oração cristã, mariana, universal e missionária, que consiste em rezar os cinco mistérios do terço, lembrando os cinco continentes do mundo, suas realidades, e as situações específicas de cada, do ponto de vista da evangelização, presença cristã e oração pelos missionários, por todos os agentes da evangelização e por todos aqueles que ainda não conhecem a Boa Nova da salvação, para que se abram à luz do Evangelho.

O terço missionário é uma forma concreta de cumprir este dever. Foi pensado e organizado em meados do ano 1951, pelo bispo norte-americano, Monsenhor Fulton Sheen, quando era Diretor Nacional das Pontifícias Obras Missionárias, com a finalidade de sugerir e fornecer um meio muito prático de rezar pelas missões e os missionários.

2.2 Como rezar o Terço Missionário

Para a meditação do Terço Missionário sugere-se:

- Oração inicial (Invocação ao Espírito Santo, Ato de Contrição e Preces), em cada dezena, contemplam-se as reflexões sobre a dimensão missionária. Em cada conta grande, reza-se um Pai Nosso e nas contas menores, a oração da Ave-Maria;
- Ao final de cada mistério se diz: Maria, Rainha das Missões, rogai por nós;
- Cantar um refrão missionário depois de cada mistério;
- Encerrar a meditação do terço com a Oração Diocesana da Missão.



A recitação do Terço Missionário pode ser adaptada e trabalhada de diferentes formas, de acordo com a realidade da comunidade. Entre as sugestões, pode-se destacar:

- Utilizar canções marianas em cada mistério, as canções sugeridas estão no final do documento;
- Apresentar um símbolo para cada continente, sugerimos: uma planta para a África, sementes para a América, uma Bíblia para a Europa, água pra a Oceania e uma cruz pra a Ásia.

2.3 Roteiro do Terço Missionário

- **Invocação ao Espírito Santo** (pode ser cantado);

- **Ato de contrição:**

Senhor Jesus: Eu me arrependo de todos os pecados que cometi até hoje, e isso pesa sobre mim de todo o meu coração, porque com eles, ofendi um Deus tão bom. Proponho-me firmemente não pecar novamente e confio que, por sua infinita misericórdia, você me concederá o perdão dos meus pecados e me conduzirá à vida eterna. Amém.

- **Preces:**

Neste momento apresentamos a Nossa Senhora os nossos pedidos e preces, pelas quais rezamos este Santo Terço Missionário:

- Fortalecei, Senhor, todos os missionários e missionárias, em suas famílias, em seus ambientes de trabalho e em todos os setores da sociedade, para que possam testemunhar o teu amor solidário.

- Animai Senhor, as dioceses, paróquias, comunidades eclesiais missionárias, pastorais, movimentos, organismos, e concedei-lhes a graça de serem espaços de acolhimento e de escuta dos que sofrem indo ao encontro de quem vive nas periferias existenciais, sociais e geográficas a fim de manifestar-lhes gestos de amor e solidariedade e cooperando com a missão universal.

- Acompanhai, Senhor, os missionários e missionárias, religiosos e religiosas, leigos e leigas, seminaristas, padres, diáconos e bispos, que estão servindo na missão *ad Gentes* e *inter Gentes*, para que possam ser presenças promotoras da cultura do encontro e da fraternidade universal.



- Fazei, Senhor, a exemplo da família de Nazaré, Jesus, Maria e José, sejamos autênticos ouvintes da palavra de Deus, testemunhando o amor generoso junto às crianças, jovens e os idosos, nas diversas situações de dores, sofrimentos, angústias, crises e perseguições.

Pode-se incluir uma ou mais orações de acordo com a realidade missionária de cada comunidade paroquial.

• **Mistérios:**

1º Mistério: oferecemos este mistério para a África. A cor verde lembra as selvas habitadas por nossos irmãos africanos com sua diversidade cultural e sua dimensão geográfica. A África não é um país, mas um extensivo continente. Apresentemos também os desafios nele existentes: violência, racismo, pobreza extrema e em algumas regiões, ainda, escravidão, a exploração e domínios totalitários. Rezemos para que Deus lhes dê sabedoria e força ao povo africano e que aumentem as vocações na Igreja evangelizadora.

2º Mistério: oferecemos este mistério para a América, a cor vermelha que simboliza o sangue derramado pelos mártires que deram a vida durante a evangelização deste continente. A América é rica em cultura e tradição e, embora haja muita pobreza, é o continente com o maior número de católicos hoje, por isso se torna o “continente da esperança”. Rezemos para que as vocações cresçam e que, como Maria, nos tornemos missionários e evangelizadores para o resto do mundo.

3º Mistério: oferecemos este mistério para a Europa, a cor branca lembra-nos a espiritualidade e as vestes do Papa que tem a sua sede neste continente. A Europa testemunhou aqueles primeiros anos de expansão da Igreja e muitos tesouros de sua história estão guardados lá. Rezemos para que a Europa volte às fontes da sua fé e ao dinamismo missionário dos seus primeiros evangelizadores.

4º Mistério: oferecemos este mistério para a Oceania. A cor azul nos lembra as muitas ilhas rodeadas pelas águas do Oceano Pacífico. A Oceania é o menor continente, cheio de calor humano, ritmos e tradições. A Igreja nela é jovem, mas cresce a cada dia. Rezemos para que o Senhor faça amadurecer verdadeiras comunidades cristãs para que sejam centros de difusão do Evangelho e verdadeiros missionários.



5º Mistério: oferecemos este mistério para a Ásia, a cor amarela. Representa a luz do sol nascente e do continente das civilizações antigas. A Ásia é o maior e mais populoso continente do mundo, onde Cristo é menos conhecido. Hoje, muitas pessoas morrem de fome devido à pobreza extrema e as milhares de injustiças, e outras até mesmo são impedidas de ser cristãs. Oremos para que eles se abram à graça da salvação seguindo o exemplo do sacrifício de Jesus na cruz.

3. ROTEIRO PARA ADORAÇÃO EUCARÍSTICA

Preparação do ambiente: Cruz, Círio Pascal (ou vela grande), a imagem de Nossa Senhora, globo terrestre, panos com as cores dos continentes, velas pequenas ou outros objetos que simbolizem a missão. É oportuno iniciar a Hora Santa com o mínimo de luzes.

Sugestão de canto de acolhida: Onde reina o amor, fraterno amor, / Onde reina o amor, Deus aí está.

A. Bem-vindos, meus irmãos e minhas irmãs. Somos enviados a todos os povos, com a missão de ser consolação de Deus. Em comunhão com toda a Igreja, rezemos pelos missionários, e por quem anuncia Jesus ressuscitado por todo o mundo. Que o Espírito os inspire e fortaleça. Que Ele suscite em cada cristão o ardor para missão.

Cantemos.

Canto de entrada:

O Senhor necessitou de braços /Para ajudar a ceifar a messe

E eu ouvi seus apelos de amor/ Então respondi: aqui estou! Aqui estou!

Eu vim para dizer que eu quero te seguir/ Eu quero viver com muito amor o que aprendi

Eu vim para dizer que eu quero te ajudar/ Eu quero assumir a tua cruz e carregar

Eu vim para dizer que eu vou profetizar/Eu quero ouvir a tua voz e propagar.

Eu vim para dizer que eu vou te acompanhar/ E com meus irmãos um mundo novo edificar

D. Acolhida espontânea.





L1. O Concílio Vaticano II indicou que a realidade de contexto determina a missão. As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Ouçamos com atenção a Palavra que nos convida a ser uma “Igreja em Saída”, confiando no Senhor que nos guarda e nos acompanha.

Salmo 120 (121)

Do Senhor é que me vem o meu socorro

– 1 Eu levanto os meus olhos para os montes: *
de onde pode vir o meu socorro?

– 2 ‘Do Senhor é que me vem o meu socorro, *
do Senhor que fez o céu e fez a terra!’

– 3 Ele não deixa tropeçarem os meus pés, *
e não dorme quem te guarda e te vigia.

– 4 Oh! não! ele não dorme nem cochila, *
aquele que é o guarda de Israel!

– 5 O Senhor é o teu guarda, o teu vigia, *
é uma sombra protetora à tua direita.

– 6 Não vai ferir-te o sol durante o dia, *
nem a lua através de toda a noite.

– 7 O Senhor te guardará de todo o mal, *
ele mesmo vai cuidar da tua vida!

– 8 Deus te guarda na partida e na chegada. *
Ele te guarda desde agora e para sempre!

Aclamação ao Evangelho

Evangelho – Mt 28,18-20

Jesus se aproximou deles e disse: “foi me dada toda a autoridade no céu e na terra. Indo, pois, fazei discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos”.

Palavra da Salvação.

T. Glória a vós Senhor





Reflexão da palavra:

Pode-se partilhar as impressões vividas na escuta da Palavra, ou pode-se realizar uma meditação a cargo de um dos participantes.

A. O Salmo (120)121, que agora cantamos, também era cantado pelo povo de Israel, especialmente quando estavam caminhando rumo a Jerusalém nas “peregrinações anuais”. Ele faz-nos lembrar das nossas canções de romarias, algumas das quais muito conhecidas. De longe se avista o monte, que vai crescendo à medida que se vai aproximando. Um caminho rumo ao Senhor, o Criador, o Onipotente, o Protetor... Ele, na verdade, caminha junto, lado a lado. Acompanha o romeiro, o peregrino, o missionário.

T. O Senhor fica sempre ao teu lado, te guardando com todo cuidado! Que o fogo do sol não te açoite, nem a lua te ofenda de noite!

L1. O Evangelho que escutamos está no último capítulo e versículo do Evangelho de Mateus. É o mandato missionário de Jesus após a ressurreição e antes de subir aos céus. O envio dos discípulos para todos os povos, sintetiza a missão além-fronteiras da Igreja, de “ir” a todas as nações para que elas conheçam o projeto de Deus e se tornem também seguidoras desse projeto, “discípulos missionários”.

T. Ide e fazei discípulos todos os povos.

L2. Assim como no Salmo, vimos que Deus-Pai caminha com seu povo. No Evangelho percebemos que Jesus, Deus-Filho, caminha com seus discípulos na missão de ir pelo mundo. E hoje podemos ter a certeza de que o Espírito de Deus está sempre presente em nossa missão no mundo.

T. Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura.

L3. A Igreja nos pede que fortaleçamos “a consciência da missão de todo batizado e retomemos com novo impulso a transformação missionária da vida comunitária e da ação pastoral”. É preciso animar todos os fiéis para que “sejam verdadeiramente comprometidos com o anúncio do Evangelho e a transformação das suas comunidades em realidades missionárias e evangelizadoras”, aumentando o amor pela missão.

T. Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura.

Creio



Preces da comunidade:

A. Em comunhão com toda a igreja nesta Hora Santa, como filhos (as) amados (as) de Deus, rezemos:

T. Senhor, escutai a nossa prece.

- Pelo Papa, para que Deus o fortaleça no firme empenho de contribuir para uma Igreja em saída, com renovada consciência batismal, fazendo que o anúncio chegue nas realidades além-fronteiras, com profunda e eficaz alegria que brota do evangelho, rezemos: **T. Senhor, escutai a nossa prece.**

- Para que a humanidade se descubra como a grande família de Deus, capaz de construir a paz e a concórdia entre os povos, e reencontre a alegria e a esperança do convívio fraterno, rezemos: **T. Senhor, escutai a nossa prece.**

- Para que o Espírito de Deus inspire e acompanhe a Igreja na busca de novos caminhos, para uma renovação pastoral e novo ardor missionário, rezemos: **T. Senhor, escutai a nossa prece.**

- Pelas nossas comunidades, para que nos empenhemos na solução dos graves problemas do nosso país, deixando-o guiar-se pelos valores cristãos, sobretudo, pelo diálogo e respeito às diferenças, rezemos: **T. Senhor, escutai a nossa prece.**

- Por todos os missionários, espalhados pelo mundo inteiro, para que se sintam fortalecidos na fé, sustentados pela força de Cristo Crucificado e Ressuscitado e, assim, perseverem fielmente na missão, rezemos: **T. Senhor, escutai a nossa prece.**

T. Pai Nosso...

D. Chegamos ao final de nossa Hora Santa, mas vamos manter acesas as luzes em nossos corações, luzes de esperança, alegria, despojamento, humildade, coragem, ânimo; cultivando nossa vocação de sermos discípulos na messe do Senhor. Queremos rezar para que o Dono da messe continue enviando operários e operárias para servir e ajudar a construir um mundo novo. Em comunhão com nossa diocese de Santo André rezemos juntos:

T. Senhor Deus, nosso Pai de bondade, que enviastes ao mundo vosso Filho, em missão de amor e de paz: nós vos bendizemos! Nossa alegria é imensa



porque Jesus quis associar à sua missão os doze apóstolos e todos aqueles que acreditassem na pregação deles: os batizados e batizadas! É a Igreja missionária por natureza, anunciadora da boa nova do Reino de justiça e paz. Ajuda-nos, ó Pai, a sermos uma Igreja em saída missionária! Dá-nos a gratidão e a gratuidade para nos comprometermos com a missão e termos assim, a alegria de fazer chegar o Evangelho a todos. Nós vos pedimos, ó Pai, por Maria, a “estrela da evangelização” e por vosso Filho Jesus que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo. Amém.

D. Deus, que em Cristo manifestou a sua verdade e o seu amor, faça de nós mensageiros do Evangelho e testemunhas do seu amor no mundo.

T. Amém.

D. Nosso Senhor Jesus Cristo, que prometeu estar presente na sua Igreja até ao fim dos tempos, dirija os nossos passos e confirme as nossas palavras.

T. Amém.

D. O Espírito do Senhor esteja sobre nós, para que, percorrendo os caminhos do mundo, possamos evangelizar os pobres e salvar os corações atribulados.

T. Amém.

D. Que Deus todo poderoso nos guarde, nos proteja e nos conduza à vida Eterna

T. Amém.

D. Vamos em paz, e o Senhor nos acompanhe. Graças a Deus!

Saudação Mariana

Canto final:

1. Senhor toma minha vida nova / Antes que a espera desgaste anos em mim /Estou disposto ao que queiras / Não importa o que seja, / Tu chamas-me a servir.

Leva-me aonde os homens necessitem Tua palavra /Necessitem de força de viver/Onde falte a esperança /Onde tudo seja triste simplesmente por não saber de Ti.

2. Te dou meu coração sincero / Para gritar sem medo, formoso é Teu amor / Senhor, tenho alma missionária / Conduza-me à terra que tenha sede de Ti.

3. E assim, eu partirei cantando /Por terras anunciando Tua beleza, Senhor / Te dou meus passos sem cansaço /Tua história em meus lábios e força na oração.



4. ROTEIROS DE LEITURA ORANTE COM TRECHOS BÍBLICOS MISSIONÁRIOS

1º Passo:

Coloque-se inicialmente na presença de Deus, invocando as luzes do Espírito Santo.

2º Passo:

Ler atentamente a Palavra. Tome um dos textos propostos e faça uma leitura lenta e atenta. Repita a leitura uma segunda vez e se necessário, uma terceira vez. Neste momento deve-se apenas acolher a Palavra, sem teorias, é necessário deixá-la entrar no coração lentamente.

3º Passo:

Faça um profundo silêncio interior recordando tudo aquilo que foi lido; degustando esta Palavra no silêncio do seu coração.

4º Passo:

O que o texto diz em si mesmo? Como Deus se revelou a você por esta Palavra? Procure situá-lo, ver os lugares, as personagens, as palavras e ações.

5º Passo:

Meditação – Ruminar, mastigar, revolver a memória – O que o texto diz para mim hoje? Meditar é guardar no coração e deixar-se amar; é aplicar o texto em nossa vida e realidade; ver o que a Palavra diz para mim, procurando atualizá-la hoje; perceber as inspirações, os apelos, os afetos, as revelações, as iluminações do texto lido; interiorizar, internalizar a mensagem; acolher outros significados do texto; aplicar na realidade pessoal, comunitária, social; deixar-se afetar pela Palavra acolhendo o toque da graça.

6º Passo:

Oração – Louvar, agradecer, pedir – O que o texto me faz dizer a Deus? É o momento da resposta, do diálogo, do encontro com Deus. É expressar os sentimentos de perdão, louvor, intercessão, súplicas. Abrir o coração, envolver-se na presença de Deus, acolhendo a realidade e os apelos dos irmãos; fazer atos de perdão e reconciliação; rezar salmos, fazer preces, hinos com o texto meditado.

7º Passo:

Contemplação - Levar para a vida – O que o texto me leva a viver? Permanecer na



presença, em receptividade, nos braços do Pai; dar espaço para Deus, para o irmão e a realidade da vida, afetivamente. Toda contemplação é para ser comunicada e vivida, em vista da transformação pessoal, comunitária e social. A contemplação leva a viver a própria Palavra.

5. ROTEIRO PARA ORAÇÃO NAS CASAS

Canto inicial

(Reunida a família, o missionário diz:)

D. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. **Amém.**

D. A graça e a paz de Deus nosso Pai e de Jesus Cristo Nosso Senhor estejam conosco.

T. Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

A. Irmãos, a família, que pelo sacramento do Matrimônio recebe a graça de Cristo e uma vida nova, tem especial importância tanto para a Igreja como para a sociedade civil, da qual é a célula primeira e vital. Por meio desta celebração invocamos a bênção do Senhor, para que os membros desta família sejam sempre mútuos cooperadores da graça e mensageiros da fé nas diversas circunstâncias da vida. Com o auxílio de Deus, cumprimos a nossa missão, conformando toda a nossa vida com o Evangelho, para sermos no mundo verdadeiras testemunhas de Cristo.

Sugestões de leituras bíblicas

(definir qual usar de acordo com a realidade de cada família visitada)

1Cor 12,12-14

Irmãos, como o corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos, formam um só corpo, assim também acontece com Cristo. De fato, todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados num único Espírito, para formarmos um único corpo, e todos nós bebemos de um único Espírito. Com efeito, o corpo não é feito de um membro apenas, mas de muitos membros.

Ef 4,1-6

Irmãos: Eu, prisioneiro no Senhor, vos exorto a caminhardes de acordo com a vocação que recebestes: Com toda a humildade e mansidão, suportai-vos uns aos outros com paciência, no amor. Aplicai-vos a guardar a unidade do espírito pelo vínculo da paz.



Há um só Corpo e um só Espírito, como também é uma só a esperança à qual fostes chamados. Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, que reina sobre todos, age por meio de todos e permanece em todos.

Rm 12,5-16a

Irmãos: assim nós, embora muitos, somos em Cristo um só corpo e, todos membros uns dos outros. Temos dons diferentes, de acordo com a graça dada a cada um de nós: se é a profecia, exerçamo-la em harmonia com a fé; se é o serviço, pratiquemos o serviço; se é o dom de ensinar, consagramo-nos ao ensino; se é o dom de exortar, exortemos. Quem distribui donativos, faça-o com simplicidade; quem preside, presida com solicitude; quem se dedica a obras de misericórdia, faça-o com alegria. O amor seja sincero. Detestai o mal, apegai-vos ao bem. Que o amor fraterno vos una uns aos outros com terna afeição, prevenindo-vos com atenções recíprocas. Sede zelosos e diligentes, fervorosos de espírito, servindo sempre ao Senhor, alegres por causa da esperança, fortes nas tribulações, perseverantes na oração. Socorrei os santos em suas necessidades, persisti na prática da hospitalidade. Abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram. Mantendo um bom entendimento uns com os outros; não vos deixeis levar pelo gosto de grandeza, mas acomodai-vos às coisas humildes.

Lc 10,38-42

Jesus entrou num povoado, e certa mulher, de nome Marta, recebeu-o em sua casa. Sua irmã, chamada Maria, sentou-se aos pés do Senhor, e escutava a sua palavra. Marta, porém, estava ocupada com muitos afazeres. Ela aproximou-se e disse: “Senhor, não te importas que minha irmã me deixe sozinha, com todo o serviço? Manda que ela me venha ajudar!” O Senhor, porém, lhe respondeu: “Marta, Marta! Tu te preocupas e andas agitada por muitas coisas. Porém, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada”.

Lc 19,1-10

Jesus tinha entrado em Jericó e estava atravessando a cidade. Havia ali um homem chamado Zaqueu, que era chefe dos cobradores de impostos e muito rico. Zaqueu procurava ver quem era Jesus, mas não conseguia, por causa da multidão, pois era muito baixo. Então ele correu à frente e subiu numa figueira para ver Jesus, que devia passar por ali. Quando Jesus chegou ao lugar, olhou para cima e disse: “Zaqueu, desce depressa! Hoje eu devo ficar na tua casa”. Ele desceu depressa, e recebeu Jesus com alegria. Ao ver isso, todos começaram a murmurar, dizendo: “Ele foi hospedar-se



na casa de um pecador!” Zaqueu ficou de pé, e disse ao Senhor: “Senhor, eu dou a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei alguém, vou devolver quatro vezes mais”. Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque também este homem é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido”.

Salmo 127(128), 1-2.4-6a (R. cf. 1)

R. Feliz aquele que espera no Senhor.

1. Feliz de ti que temes o Senhor e andas nos seus caminhos. Comerás do trabalho das tuas mãos, serás feliz e tudo te correrá bem.

2. Assim será abençoado o homem que teme o Senhor. De Sião te abençoe o Senhor: vejas a prosperidade de Jerusalém todos os dias da tua vida e possas ver os filhos dos teus filhos.

(Momento de reflexão breve sobre a Leitura ou Evangelho)

Preces:

D. Invoquemos a Cristo Nosso Senhor, Verbo Eterno do Pai, que, habitando entre nós, quis sentir as vicissitudes da família humana e santificá-la com as suas bênçãos celestes. Supliquemos humildemente que o Senhor proteja esta família, dizendo:

T. Guardai a nossa família, Senhor, na vossa paz.

(Escolher algumas das preces abaixo de acordo com o perfil dos moradores da casa)

•**(Família)** Vós que fizestes da Vossa Santa Família um exemplo admirável de oração, de amor e de obediência à vontade do Pai celeste, santificai esta família com a vossa graça e derramai sobre ela a abundância dos vossos dons.

•**(Família)** Vós que amastes os Vossos parentes e por eles fostes amado, confirmai todas as famílias na paz e na mútua caridade.

•**(Família)** Vós que, em Caná da Galileia, alegrastes os primeiros momentos de uma família com o vosso primeiro milagre, convertendo a água em vinho, aliviái os sofrimentos e preocupações desta família e convertei-os em alegria.

•**(Crianças)** Senhor Jesus Cristo, que, nascido da Virgem Santa Maria, santificastes



a vida da infância, fazei que estas crianças, seguindo o Vosso exemplo, cresçam em idade, sabedoria e graça.

• **(Enfermos)** Vós que viestes ao mundo como médico dos corpos e das almas, para curar as nossas enfermidades, volte o seu olhar para todos os enfermos e lhes traga esperança e saúde.

• **(Idosos)** Vós que por meio do vosso Filho prometestes alívio e paz a todos os que estão cansados e oprimidos, fazei que estes vossos servos levem com paciência todos os dias a sua cruz.

D. Porque nos chamamos e somos realmente filhos de Deus, digamos confiadamente a oração que Jesus nos ensinou: Pai nosso, que estais nos céus...

Bênção de acordo com a realidade da família visitada

Conclusão

D. Nosso Senhor Jesus Cristo, que viveu com a sua família em Nazaré, esteja sempre presente na nesta família, a defenda de todo o mal e conceda a graça de serem um só coração e uma só alma.

T. Amém.

Canto final

6. FÓRMULAS DE BÊNÇÃOS

ORAÇÃO DE BÊNÇÃO SOBRE A FAMÍLIA

Deus de misericórdia, criador e reparador do vosso povo, que fizestes da família humana, constituída pela aliança nupcial, o sacramento de Cristo e da Igreja, derramai a abundância das vossas bênçãos sobre esta família reunida em vosso nome, para que aqueles que nela vivem unidos pelo amor sejam fervorosos no espírito e assíduos na oração, solícitos uns pelos outros e atentos às necessidades de todos e deem testemunho da fé pela palavra e pelo exemplo. Por Cristo Nosso Senhor.

T. Amém.

Ou

Nós Vos bendizemos, Senhor, que, na Vossa infinita misericórdia, quisestes que o Vosso Filho, feito homem, fizesse parte de uma família humana, crescendo no ambiente da intimidade doméstica e conhecendo as suas preocupações e alegrias.



Humildemente Vos pedimos, Senhor: guardai e protegei esta família, para que, fortalecida pela vossa graça, goze de prosperidade, viva na concórdia e, como Igreja doméstica, seja no mundo testemunha da vossa glória. Por Cristo Nosso Senhor.

T. Amém.

ORAÇÃO DE BÊNÇÃO SOBRE A CASA

Ouvi-nos, Senhor, Pai santo, Deus eterno e Todo-Poderoso, e dignai-Vos mandar do céu o Vosso santo anjo para que ele guarde, ajude, proteja, visite e defenda todos os que moram nesta casa. Dai-nos a paz, o amor, a saúde, a prosperidade. Defendei-nos de todos os perigos e inimigos do corpo e da alma e dai, a cada um de nós, uma boa hora de morte. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor.

T. Amém.

(Percorrer toda a casa aspergindo com água benta. Pode-se rezar uma Ave-Maria ou cantar uma música enquanto um dos missionários asperge a água)

ORAÇÃO DE BÊNÇÃO PARA CRIANÇAS

Senhor Jesus Cristo, que revelastes o vosso grande amor às crianças, dizendo aos discípulos que quem as recebe, Vos recebe a Vós mesmo, escutai as nossas súplicas por esta criança que enriqueceste com a graça do Batismo e guardai-a com a vossa contínua proteção, para que, à medida que vai crescendo, professe livremente a sua fé, seja fervorosa na caridade e persevere firmemente na esperança do vosso reino. Vós que sois Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo.

T. Amém.

(Aspergir água benta sobre a criança)

ORAÇÃO DE BÊNÇÃO PARA CRIANÇAS NÃO BATIZADAS

Deus Pai todo-poderoso, fonte de bênçãos e defensor das crianças, que enriqueceis e alegrais os esposos com o dom dos filhos, olhai benignamente para esta criança e dignai-Vos orientá-la para vir a formar parte do vosso povo, fazendo-a renascer pela água e pelo Espírito Santo, de modo que, vindo um dia a receber o Batismo, se torne participante do vosso reino e aprenda a bendizer-Vos conosco na Santa Igreja. Por Cristo Nosso Senhor.

T. Amém.

(Aspergir água benta sobre a criança)



ORAÇÃO DE BÊNÇÃO PARA IDOSOS

Senhor nosso Deus, que concedestes a estes vossos servos, entre as vicissitudes da sua vida, a graça de esperar sempre em Vós e de saborear e ver como sois bom, nós Vos bendizemos pelos dons abundantes que de Vós receberam ao longo de tantos anos e para eles pedimos a vossa contínua proteção, para que vivam na alegria da juventude de espírito sempre renovada, gozem de vigor corporal e procurem, com o seu modo de proceder, dar a todos um belo testemunho. Por Cristo Nosso Senhor.

T. Amém.

(Aspergir água benta sobre o idoso)

ORAÇÃO DA BÊNÇÃO PARA UM ENFERMO

Senhor, Pai santo, Deus eterno e onipotente, que animais e fortaleceis com a vossa bênção a nossa frágil condição humana, olhai com bondade para este vosso servo doente Nome_____, de modo que, vencendo a enfermidade e recuperando a saúde, possa bendizer o vosso santo nome com renovada alegria e gratidão. Por Cristo Nosso Senhor.

T. Amém.

ORAÇÃO DA BÊNÇÃO PARA ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

Ó Deus, Pai providentíssimo, que entregastes aos homens a terra e seus frutos, para que todos, pelo próprio trabalho, pudessem prover-se dos bens da criação, abençoai todos os que frequentarem esta casa, a fim de que, pelo seu respeito à justiça e à caridade nas relações de compra e venda, se mostrem, todos, obreiros do bem comum, e se sintam verdadeiramente colaboradores no progresso da sociedade. Por Cristo, nosso Senhor.

T. Amém.

6.1 Normas para a bênção na casa

1. O Catecismo da Igreja Católica (n. 1667-1672) e o Ritual Romano de Bênçãos (n. 28) afirmam que os leigos podem dar bênçãos por força do seu sacerdócio comum, recebido no Batismo e confirmado na Crisma.
2. Não se deve aceitar nenhum pagamento pela bênção. Se houver donativos, sejam repassados à comunidade.



3. A bênção deve ser celebrada, mas sem exageros. Não podem faltar três elementos: leitura da Palavra de Deus, oração, presença da comunidade (família).

4. A bênção mais comum é com a aspersão da água benta (que a água seja benta pelo padre da paróquia e repartida entre os missionários para levarem às casas). Quando, porém, estiver presente o sacerdote ou o diácono, cabe a estes a função de presidir a bênção.





Redação

Dom Pedro Carlos Cipollini
Padre Everton Gonçalves Costa
Padre Rafael Capelato
Padre Ms. Felipe Cosme Damião Sobrinho
Padre Douglas Colácio
Padre Eduardo Antônio Calandro
Padre Willian Mariotto Torres
Padre Dayvid da Silva
Padre Cláudio Pereira dos Santos
Padre Jorge Luis Gomes Bonfim
Padre Gonise Portugal
Padre Cauê Ribeiro Fogaça
Padre Ryan Matthew Holke, MIPK
Seminarista William Maia Gomes Leite
Seminarista Maurício Antônio Borges
Seminarista Haroldo Alves Monteiro
Mércia Aparecida da Silva Ferreira
Rizomar Lopes de Matos Silva
Irmã Wilma Carvalho
Karolayne M. V. C. de Moraes
Prof. Dr. Matthias Grenzer
Jorge Araújo da Silva
Kethelyn Gabriela Da Silva

Revisão Gramatical

Camila Milena Vitor, Fernanda Minichello Manoel e
Mércia Aparecida da Silva Ferreira

Revisão Geral

Dom Pedro Carlos Cipollini

Capa, Ilustrações e Diagramação

Padre Marcos Vinícius Wanderlei da Silva, Amauri Guimarães Leite e Felipe Ribeiro

Impressão

2 M Produções Gráficas Ltda